

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA
CLÍNICA

Leonardo Sarno Taccolini

TEMPO ENGARRAFADO:

**Relato de um caso de acompanhamento terapêutico em uma leitura
junguiana**

Mestrado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO

2022

Leonardo Sarno Taccolini

TEMPO ENGARRAFADO:
Relato de um caso de acompanhamento terapêutico em uma leitura
junguiana

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Lílana Liviano Wahba

SÃO PAULO

2022

Página para ficha catalográfica (feita pela biblioteca)

TACCOLINI, Leonardo Sarno. **Tempo engarrafado: um relato de caso de acompanhamento terapêutico em uma leitura junguiana.** 2021, 162p. Orientadora: Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2021.

Leonardo Sarno Taccolini

**Tempo engarrafado: Relato de um caso de acompanhamento terapêutico
em uma leitura junguiana**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovado em: ____/____/____

Enviado em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Liliana Liviano Wahba – PUC-SP (Orientadora)

Prof. Dr. Walter Melo Junior – UFSJ

Prof. Dr. Peter Pál Pelbart – PUC-SP

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), registrado no processo 133855/2020-1.

This study was financed by the National Council of Scientific and Technological Development (CNPq), registered in the process 133855/2020-1

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Luzia, por sempre me apoiar e confiar em minha trajetória;

Ao meu pai Marcos, por me ensinar que cada um tem um caminho próprio a seguir;

À minha irmã Isabela e aos meus familiares, pelo carinho e torcida;

À minha orientadora Liliana, por ser uma orientadora-AT gentil e generosa, além de apostar em mim na jornada que foi esta pesquisa;

À professora Rita Rosa, por me apresentar a riqueza e potência do pensamento de Jung;

Aos funcionários, professores e colegas de mestrado e do Núcleo de Estudos Junguianos, pelos aprendizados e trocas;

Aos colegas de orientação, Ana, Antonieta, Aroldo, Clarissa, Diogo, Eduardo, Lara, Luísa, Viviane e demais, pelas trocas, inspirações e companhia no processo de pesquisa;

Aos professores Peter Pál Pelbart e Walter Melo, que aceitaram participar da banca examinadora e auxiliar nos passos desta pesquisa;

Aos meus amigos e amigas Pedro, Rodrigo, Luiz, Daniel, Felipe, Diogo, Giovanna, Matheus, Bruno e em especial Ernesto, Caio, Pepa, João, Natália, Júlia, Fernanda, Chloé e Mariana, que me formaram enquanto ser humano;

Aos meus amigos Gustavo, Vitor, André, Pedro, Victor, Fábio, Osiris e Marco, que me ensinaram o valor do amor fraterno;

Aos meus amigos e amigas da Psicologia, Daniel, Amanda, Priscila, Sandy, Camila, Paula, Carolina Souza, Rodrigo, Dora e em especial Bruno, Micael, Marina, Aline e Daniela, pelas incontáveis trocas e aprendizados e por me inspirarem a ser o melhor profissional que posso ser;

Ao Maurício Porto, Iso Ghertman e à Chu Cavalcanti, que me introduziram ao universo do AT;

À Equipe Tempo, pela confiança em meu trabalho e generosidade de espaço para eu aprender e crescer;

A todos meus amigos e amigas de equipe do Instituto A CASA, Adriana, Débora, Martin, Rodrigo, Clara, Karina, Lucas, Naomi e em especial Roberta, Ana, Renata, Tauana e Rafael, que me ensinaram sobre a ética na clínica e na vida e sem os quais o AT jamais teria o lugar que tem para mim;

A todos e todas que tive oportunidade de acompanhar, pelo privilégio de partilhar outras formas de viver;

E a Remo, por me ensinar muito sobre a vida e sem o qual este trabalho jamais existiria.

TACCOLINI, Leonardo Sarno. **Tempo engarrafado**: um relato de caso de acompanhamento terapêutico em uma leitura junguiana. 162 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022.

RESUMO

O acompanhamento terapêutico é uma prática no campo da saúde mental que surge no contexto da Reforma Psiquiátrica e da renovação clínica e teórica no campo da psicose. Embora atualmente tenha sido ampliada para diferentes contextos, sua relevância na clínica da psicose permanece, tendo em vista a necessidade ainda atual de desconstruir práticas e saberes manicomiais. Desse modo, o presente trabalho propôs uma reflexão sobre a clínica do acompanhamento terapêutico a partir de um estudo de caso de psicose fundamentado na teoria junguiana. Foi endossada a necessidade de sustentar uma prática que corrobore com a possibilidade de uma inserção mais digna e integral de sujeitos marginalizados, fazendo frente à sistemática exclusão que determinados grupos sofrem. A experiência do acompanhamento terapêutico de um caso de um jovem diagnosticado com esquizofrenia de vinte e dois anos foi permeada pela reflexão do terapeuta sobre a transferência e contratransferência, entremeada com a análise de símbolos emergentes, dentre os quais se destacam o enclausuramento, a emissão de uivos noturnos do jovem, a função da música no desenvolvimento do trabalho, a experiência espaço-temporal da dupla e a influência das dinâmicas familiares na interrupção do caso. A análise foi realizada a partir da amplificação do mito de Rômulo e Remo, no qual o símbolo do lobo emergiu como imagem com múltiplas acepções, na medida em que se referiu à experiência psicótica de um inconsciente desagregador e à dinâmica familiar marcada por agressividade. Já a música apresentou-se como via de elaboração e subjetivação, *emoção de lidar* que permitia ao rapaz a reconexão com sua história e o vislumbre de novos futuros. Por fim, a experiência espaço-temporal foi apreendida a partir da associação com a imagem mítica de Remora e revelou a dualidade criativa-destrutiva presente na experiência psicótica. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq).

Palavras-chave: Acompanhamento terapêutico; Psicose; Psicologia analítica.

TACCOLINI, Leonardo Sarno. **Time in a bottle:** case study in therapeutic accompaniment through a jungian perspective 162 p. Master's degree in clinical psychology. Postgraduate studies in Clinical Psychology. Pontificia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022.

ABSTRACT

Therapeutic accompaniment is a practice in the field of mental health that stems from the context of the Psychiatric Reform and the clinical and theoretical renewal in the field of psychosis. Although it has currently been expanded to different contexts, its relevance in the clinic of psychosis remains, given the still current need to deconstruct asylum practices and discourses. Thus, the present work proposed a reflection on the clinic of therapeutic accompaniment based on a case study of psychosis through the lens of Jungian theory. It was endorsed the need to sustain a practice that supports the possibility of a more dignified and integral insertion of marginalized subjects, withstanding the systematic exclusion that certain groups suffer. The experience of therapeutic accompaniment of a case of a young man diagnosed with schizophrenia, aged twenty-two, was permeated by the therapist's reflection on transference and countertransference intertwined with the analysis of emerging symbols, such as the confinement and night howling by the patient, the role of music in the development of the work, the space-time experience of the pair and the influence of family dynamics in the interruption of the case. The analysis was carried out through the amplification of the myth of Romulus and Remus, in which the wolf symbol emerged as an image with multiple meanings, as it referred to the psychotic experience of a psychic breakdown and the family dynamics marked by aggressiveness. Music, on the other hand, presented itself as a way of elaboration and subjectivation, an *emotional handling* that allowed the man to reconnect with his history and to glimpse new futures. Finally, the spatiotemporal experience was apprehended from the association with the mythical image of Remoria and revealed the creative-destructive duality present in the psychotic experience. This work was carried out with the support of the National Council for Scientific and Technological Development – Brazil (CNPq).

Keywords: Therapeutic accompaniment; Psychosis; Analytical psychology.

SUMÁRIO

PRÓLOGO		13
PARTE I: ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA		16
1. INTRODUÇÃO		17
2. OBJETIVO		19
Objetivo geral		19
Objetivos específicos		19
3. MÉTODO E JUSTIFICATIVA		20
Descrição do método		20
4. REVISÃO DE LITERATURA		23
Procedimento de pesquisa		23
Resultados		24
Análise dos artigos		25
O enquadre		28
Ressocialização e promoção de autonomia		29
Atuação nas redes e instituições		30
Vínculo e transferência		31
Contribuições da e na Psicanálise		33
Discussão da revisão		34
PARTE II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CLÍNICA		37
5. O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO		38
Como se escreve uma clínica		38
Sobre as origens e filiações do acompanhamento terapêutico		41
Algumas aproximações teóricas		45
Afiml, o que faz um acompanhante terapêutico?		55
A saída		56
A cidade		56
Guia		58
Circulação social		59
Ações		60
Vizinhança com o louco e a loucura		61

	10
Contexto histórico	62
O meu verbete	63
6. PSICOSE E MIRÍADE CALEIDOSCÓPICA: O SENSÍVEL E O INVISÍVEL	64
A Clínica de Babel	65
Os complexos ideo-afetivos e a dissociação do Eu	67
A psicogênese na <i>dementia praecox</i> e a natureza da psique	69
Os processos psíquicos nas experiências psicóticas	71
O princípio autorregulatório	73
O criativo e o destrutivo na psicose	75
A psicose sob uma perspectiva psicodinâmica	79
Teias e tramas no Labirinto das relações	80
A ruptura com a alteridade	81
As dinâmicas familiares	83
<i>Prima materia</i> : tempo e espaço imaginais	87
O fantasiar como dimensão da realidade humana	87
O tempo da vida e da morte	88
Tempo e memória	91
A imagem do espaço	92
Reiterando o essencial	95
PARTE III: EXPERIÊNCIA VIVIDA E REFLETIDA	97
7. REMORIA: A CIDADE DE OUTRO TEMPO	98
O solista e o maestro se cumprimentam	98
Primeiro movimento	101
Segundo movimento	111
Terceiro movimento	113
8. REVISITANDO REMORIA: ANÁLISE E REFLEXÕES	127
Comentários iniciais	127
Primeiro movimento	128
Segundo movimento	130
Terceiro movimento	131
A experiência da/na transferência	134
A tríade familiar	135

Contatos com o pai	135
Teias e tramas familiares: esboço de compreensão	137
Teias e tramas familiares: família esquizofrenogênica?	140
Discussão e amplificação: as fantasias do terapeuta no acompanhamento	141
O mito de Rômulo e Remo	142
O uivo do lobo	143
As ruínas de Remoria	146
Afinal, por que Remo?	147
O processo terapêutico pelo mito	150
Entre Roma e Remoria: mundos compossíveis?	153
9. TEMPO QUE SE ENGARRAFA E TEMPO QUE SE JORRA: OS FINS E OS COMEÇOS	155
REFERÊNCIAS	157

LISTA DE FIGURAS

QUADROS

Quadro 1: Base de dados	24
--------------------------------	----

TABELAS

Tabela 1: Categorização dos artigos	25
--	----

PRÓLOGO

*If I could save time in a bottle
 The first thing that I'd like to do
 Is to save every day
 'Til eternity passes away
 Just to spend them with you
 If I could make days last forever
 If words could make wishes come true
 I'd save every day like a treasure and then
 Again, I would spend them with you
 But there never seems to be enough time
 To do the things you want to do
 Once you find them
 I've looked around enough to know
 That you're the one I want to go
 Through time with
 If I had a box just for wishes
 And dreams that had never come true
 The box would be empty
 Except for the memory
 Of how they were answered by you
 But there never seems to be enough time
 To do the things you want to do
 Once you find them
 I've looked around enough to know
 That you're the one I want to go
 Through time with
 (Jim Croce, Time in a Bottle).*

No processo de formação de um acompanhante terapêutico, tipicamente pergunta-se da relação que o sujeito tem com a loucura. Nunca soube responder essa pergunta, embora já a tenha replicado várias vezes. Curiosamente, me parece que a resposta mais honesta seria um simples "sim": afirmação de um desejo de estar junto, de experienciar e descobrir o outro e a si mesmo a partir de um processo de intimidade e compartilhamento de uma realidade. Por certo, o "sim" não responde à pergunta, embora seja a partir dele que qualquer resposta se torne relevante.

Quando iniciei minha formação como acompanhante terapêutico, não sabia o que procurava, tampouco como o trabalho poderia me transformar. Estava imbuído somente desse "sim" como resposta para uma pergunta tão elusiva. Cerca de seis anos depois, percebo que essa resposta ainda me orienta e mobiliza para o trabalho, assim como para esta dissertação. Nesse meio tempo, muito pude aprender sobre minha relação com a loucura, própria e alheia, e cada trabalho que realizo como acompanhante terapêutico me acrescenta novas compreensões sobre as diferentes formas de existir, o mundo e minha própria existência. O caso apresentado nesta dissertação foi marcado por uma significativa intensidade e produziu reverberações em mim durante o trabalho e após seu encerramento.

Não foi, porém, a primeira vez que chorei por conta de um acompanhamento terapêutico; este título pertence ao meu primeiro trabalho como acompanhante. O CAPS em que estagiava estava em intenso processo de sucateamento e na iminência de fechar, por conta de problemas na estrutura física da casa. Meu acompanhado assistia receosamente à situação e se mostrava muito apreensivo. Certo dia, em reunião com os técnicos do equipamento, recebi a notícia de que outro usuário do serviço, que eu conhecia por ver e conversar no CAPS durante meus ATs, havia falecido de pneumonia após um episódio em que sumiu na rua por alguns dias. Já havia tempo em que o sujeito estava se desorganizando e a equipe, enxuta e sobrecarregada, não conseguia fornecer a continência necessária, apesar do esforço e dedicação dos profissionais. Senti tristeza e desamparo imensuráveis e chorei muito durante aquele dia. Por que despendia tantas lágrimas pela morte de um sujeito que conhecia de passagem?

Sancho Pança, como bem lembra Kleber Barretto (2012), já se queixava que, enquanto escudeiro, sentia em seu corpo dores e pauladas que eram endereçadas ao seu amo, Dom Quixote. Contudo, afirmar que se sente por alguém é evidentemente equivocado, uma vez que implicaria afirmar que o outro não sente. De fato, a etimologia da palavra acompanhar reside no termo latim *cum panis*, que se refere àquele com quem se partilha o pão; cada qual com seu paladar, mas comendo do mesmo alimento. Nesse sentido, meu choro naquela situação foi a forma que eu encontrei de expressar o afeto que estava partilhando com meu acompanhado frente a toda situação que se apresentava para nós. Embora estivesse chorando sozinho, chorava com ele.

Curiosamente, esse meu acompanhado indagava sobre a natureza do tempo. Afirmava que havia parado no ano de 1997 e que desde então não havia transcorrido mais nenhum tempo, embora relatasse perdas e mortes que ocorreram após esse ano. Frequentemente se queixava de vários objetos seus, principalmente relógios, que quebravam inexplicavelmente. Com a iminência de fechamento do CAPS, o falecimento de seu colega e o encerramento de nosso trabalho, que havia sido acordado em um ano de duração, compartilhei meus pensamentos e vivências sobre tudo o que estava ocorrendo. Lembro que ele escutava atentamente e se interessava pelo meu relato de choro frente à morte do usuário. É difícil determinar o que se processou nessas conversas, embora algo tenha se mobilizado. Meu acompanhado começou a falar de suas perspectivas e seus planos futuros, tema sobre o qual nunca havíamos conversado previamente. Algum fluxo temporal foi restaurado e um movimento vital foi produzido. Talvez por um breve instante o relógio quebrado movera seus ponteiros.

Acredito que talvez seja essa minha relação com a loucura: vivê-la e compartilhar dessas experiências. Nesse sentido, esta dissertação é testemunho dessa relação. Meu desejo é que a

compartilhar possa instigar o leitor, clínico ou não, a refletir sobre sua relação com a loucura; sustentar a pergunta, permitir conhecer a si mesmo e ao mundo e reconhecer o valor na pluralidade das formas de existir. O processo de indagar-se sobre sua relação com a loucura abre vários caminhos; que possamos nos acompanhar em nossos processos de conhecimento e transformação.

PARTE I: ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

1. INTRODUÇÃO

O acompanhamento terapêutico é uma prática que surge no Brasil a partir do contexto da Reforma Psiquiátrica. Sua origem guarda relação com as experiências europeias de reforma psiquiátrica, assim como com as práticas de clínica ampliada no próprio Brasil (PORTO, 2015). O surgimento dessa prática constitui marco importante no tratamento das psicoses, na medida em que situa como centrais as problemáticas da circulação social e da ética antimanicomial. Propunha-se, conjuntamente com outros dispositivos que surgiram na segunda metade do século XX, que o tratamento da loucura não estivesse organizado pela exclusão e pelo enclausuramento e se criticavam as intervenções existentes, consideradas iatrogênicas.

Conjuntamente à inovação no campo terapêutico, entende-se que os avanços teóricos no estudo da loucura no decorrer do século XX foram importantes para a construção de novas formas de tratamento. De um lado, o avanço no campo da psicopatologia, notadamente a partir da tradição fenomenológica (TATOSSIAN, 2006), ampliou a compreensão acerca das dimensões estruturantes das experiências psicóticas, em particular espacialidade e temporalidade. De outro, autores como Freud (2010[1911]) e Jung (2013a[1958]) sedimentaram a pertinência do aspecto psicológico nesses quadros e mobilizaram estudos posteriores, como os de Lacan (2010[1955]) e Nise da Silveira (2015), respectivamente. Os avanços dos estudos sobre as dinâmicas psíquicas nas psicoses pavimentaram o caminho para novas modalidades terapêuticas (MELO; FERREIRA, 2013), dentre as quais o próprio acompanhamento terapêutico.

Portanto, o acompanhamento terapêutico pode ser localizado como uma das expressões da renovação clínico-teórica no campo da saúde mental. Sua origem no Brasil demonstra como essa prática se constituiu a partir de diversas articulações com outros dispositivos e inovações no tratamento de transtornos mentais graves (A CASA, 1991; 1997). Atualmente, o AT adquiriu uma pluralidade de expressões, de modo que o acompanhante terapêutico atua em contextos clínicos e sociais diversos (GERAB; FARES; BONOMI, 2018). Essa diversidade também se expressa na forma de compreender a função do acompanhante terapêutico, que oscila entre a atribuição de um caráter mais assistencial ou clínico (MAUER; RESNIZKY, 1987), na medida em que se trata de uma prática cuja origem se localiza na intersecção entre as dimensões social e clínica.

A presente pesquisa visa a reflexão sobre a clínica do acompanhamento terapêutico, a partir de um estudo de caso. Por se tratar de uma pesquisa acadêmica, o trabalho utilizará determinados referenciais teóricos, principalmente junguianos, para refletir sobre o caso

apresentado e a clínica do acompanhamento terapêutico. Entretanto, a clínica também se constitui nos relatos de experiências, que são irredutíveis aos aspectos teóricos subjacentes. A clínica do acompanhamento terapêutico, assim como todas as outras que tratam da existência e do inconsciente, se baliza por determinadas referências e conceitos. Não existe clínica autóctone e não reconhecer as influências e balizas de sua prática é estar refém delas. Dessa forma, entende-se que o problema não se localiza na existência de referenciais teóricos nos quais o acompanhante se baliza, mas no estatuto que esses aportes adquirem. Seria ingênuo imaginar que qualquer prática pudesse estar desprovida de filiações e marcas históricas. Desse modo, sem desconsiderar a importância da teoria, esta pesquisa visa explorar o campo ético e processual no qual o trabalho do acompanhamento terapêutico se desenvolve, refletindo sobre as formas pelas quais estes campos podem se articular na clínica.

Nosso A.T virtual toma consciência de que o que mudou não foram exatamente seus modelos – mesmo porque seus novos modelos incluem marcas de modelos seus antigos [...] Na verdade, o que mudou foi o lugar atribuído aos modelos. Ele se dá conta de que em sua prática não é mais num modelo, seja ele qual for, que ele se apóia efetivamente. Sua referência passou a ser basicamente uma ética: aliar-se às forças da processualidade, buscando meios para fazê-las passar, já que isto é condição para a vida fluir e afirmar-se em sua potência criadora [...] Quanto aos modelos, agora ele sabe que forçosamente eles variam, pois à medida que novas relações de força se compõem no fora de sua dobra profissional, outras dobras vão se fazendo e, junto com elas, outras cartografias teóricas e pragmáticas (ROLNIK, 1997, p. 92).

Convida-se, portanto, o leitor a acompanhar as investigações acerca da clínica do acompanhamento terapêutico, as articulações teóricas e éticas que a constituem e os símbolos e singularidades do caso que será relatado. A partir das reflexões realizadas, espera-se contribuir para o debate das intervenções terapêuticas no campo da psicose e para o fortalecimento de práticas antimanicomialis.

Os seguintes capítulos consistem em uma revisão de literatura sobre o acompanhamento terapêutico na psicose, um capítulo sobre os principais aspectos da clínica do acompanhamento terapêutico e um sobre a psicose, considerando as contribuições junguianas para o tema, assim como reflexões sobre as dimensões da temporalidade e espacialidade nas experiências psicóticas. Em seguida é apresentado o relato do caso, assim como sua análise. A partir do trajeto realizado apresenta-se uma reflexão sobre a clínica do acompanhamento terapêutico.

2. OBJETIVO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre a clínica do acompanhamento terapêutico, a partir de um estudo de caso. Para tanto, será relatado um caso e seus principais símbolos serão analisados.

Objetivo geral

Refletir sobre a clínica do acompanhamento terapêutico a partir de um relato de caso.

Objetivos específicos

(I) Relatar um caso de acompanhamento terapêutico e (II) analisar os principais símbolos emergentes no caso.

3. MÉTODO E JUSTIFICATIVA

Descrição do método

O presente trabalho organiza-se a partir de um relato de um caso de acompanhamento terapêutico. Optou-se por utilizar o método de estudo de caso, conforme descrito por Creswell (2014) e Yin (2015). Este tem como principais características (I) a delimitação e identificação do(s) caso(s) a serem estudados, (II) a clareza sobre a intenção na escolha do(s) caso(s) e (III) a descrição e compreensão detalhadas e aprofundadas do(s) caso(s) selecionado(s). A determinação sobre a intenção é o passo inicial da pesquisa, de modo que Creswell (2014) diferencia três tipos de intenção. Na primeira e na segunda, denominadas estudo de caso instrumental único e estudo de caso coletivo, respectivamente, a pesquisa é norteadas por uma questão ou um tema específico, do qual o caso selecionado é ilustrativo. A diferença entre ambas reside na quantidade de casos escolhidos. Já na terceira, estudo de caso intrínseco, o interesse reside na própria especificidade do caso, geralmente em decorrência da excepcionalidade das características ou acontecimentos deste. O presente trabalho situa-se simultaneamente entre a primeira e a terceira, na medida em que se pretende refletir sobre a clínica do acompanhamento terapêutico, embora também se considere as especificidades do caso como dignas de reflexão e análise; trata-se, portanto, de um estudo de caso instrumental e intrínseco.

No que se refere à condução de um estudo de caso, entende-se que, uma vez determinado o tipo de estudo, inicia-se a coleta de dados. Naturalmente, muitas vezes essa coleta é anterior ao início da pesquisa, especialmente nos estudos de caso intrínseco, na medida em que o que mobiliza a investigação é a própria situação vivida pelo pesquisador. De qualquer modo, recomenda-se uma coleta de dados extensa, que abarque múltiplas fontes de informação. Na presente pesquisa, foram utilizados os arquivos pessoais do terapeuta, assim como informações provenientes da instituição, dos supervisores e dos colegas de equipe.

No que tange à análise do caso, neste trabalho é utilizada uma abordagem junguiana. Tratando-se de uma experiência da psicologia clínica, há algumas particularidades metodológicas a serem consideradas. Primeiramente, nota-se a diferença entre o que pode ser denominado de pesquisa-escuta e pesquisa-investigação, que diz respeito às formas pelas quais a clínica se constitui e reproduz (NAFFAH NETO; CINTRA, 2019). A primeira refere-se ao trabalho clínico propriamente dito, na medida em que este é intrinsecamente pesquisa, ao passo que a segunda está balizada pelos parâmetros de uma produção acadêmica. A articulação entre

uma experiência clínica e uma pesquisa-investigação não é tarefa simples, por algumas razões. De início, constata-se que o aspecto polissêmico, por vezes paradoxal, do material clínico não é facilmente traduzido em uma linguagem lógica. O método junguiano está fortemente orientado pelo que se denomina de processamento simbólico, que se propõe a integrar os aspectos subjetivos e objetivos dos fenômenos clínicos (WAHBA, 2019). De fato, a dimensão subjetiva de uma pesquisa, clínica ou investigativa, não é fator a ser desconsiderado, tampouco passível de ser expurgado. Frayze-Pereira (2007), ao aproximar o trabalho clínico do encontro com uma obra de arte, afirma a singularidade do paciente e do terapeuta como elementos fundantes, no sentido de que este deve estar sensível para aquilo que se mostra no trabalho (similarmente ao modo como uma obra de arte interpela seu apreciador), ao mesmo tempo em que a interpretação de daí surgirá está invariavelmente impregnada de sua própria subjetividade. Embora o autor esteja orientado por uma perspectiva psicanalítica, semelhante constatação surge no método junguiano (WAHBA, 2019).

A complexidade da tradução do material clínico em uma produção acadêmica, desafio característico, embora não exclusivo, de um estudo de caso, baseia-se, portanto, na própria natureza da pesquisa. Trata-se de uma investigação sobre fenômenos elusivos, nos quais o pesquisador está inevitavelmente implicado, inclusive inconscientemente. Todavia, conforme Jung já compreendia, entende-se que as limitações de um método guardam relação com seu objeto de estudo, de modo que a pesquisa do inconsciente se utiliza da complexidade supracitada como forma de aprofundamento no fenômeno. Evidentemente, o pesquisador deve se atentar para o duplo risco envolvido nesse processo. De um lado, a excessiva presença do aspecto subjetivo pode obnubilar o fenômeno; de outro, a exigência por uma objetividade pode perverter-se em objetivismo, esvaziando os símbolos emergentes e desvitalizando o material clínico. Jung propunha uma "equação pessoal" como forma de considerar e endereçar os aspectos subjetivos envolvidos em uma pesquisa clínica. Na presente pesquisa são utilizadas impressões e vivências internas do pesquisador como material de análise, consideradas parte essencial da investigação. Concomitantemente, também se utilizam, conforme supracitado, informações provenientes de terceiros, que acompanharam o caso por meio de supervisão. Essa conjunção permite uma análise que desvele uma multiplicidade de sentidos, sem a pretensão, porém, de esgotar o material ou generalizar as compreensões adquiridas.

Já no que se refere à dimensão ética de um estudo de caso, entende-se que o relato e descrição foram alterados de modo a preservar o anonimato do paciente e dos seus familiares, ao mesmo tempo em que conserva os principais aspectos clínicos. Essa decisão está orientada pelo cuidado ético no qual um caso clínico assume o caráter de ficção, preservando

simultaneamente a intimidade e privacidade do sujeito e a singularidade do caso (TOSTA, 2019), assim como pela resolução nº 510/16 (BRASIL, 2016) acerca dos cuidados éticos necessários na pesquisa com seres humanos. Portanto, segundo a resolução, não há necessidade de um termo de consentimento livre e esclarecido, considerando que as informações utilizadas pertencem ao acervo pessoal do terapeuta. Esse posicionamento foi coadunado pelo parecer consubstanciado do CEP, registrado no número 5.172.895, referente a esta pesquisa, inscrita na Plataforma Brasil sob o CAAE 50346821.0.0000.5482.

Por fim, a escolha pelo método de estudo se justifica pela possibilidade de descrever e revelar aspectos da prática clínica cuja plenitude somente se torna acessível a partir do aprofundamento em determinado trabalho. Conforme Naffah Neto e Cintra (2019) afirmam, a pesquisa-investigativa é complemento fundamental à pesquisa-clínica, de modo que um estudo de caso pode auxiliar a abertura e o desenvolvimento do campo clínico. O campo da saúde mental particularmente encontra-se em constante esforço de reflexão e renovação, progressivamente se desvencilhando de sua herança manicomial. Portanto, pesquisar sobre uma clínica das psicoses é contribuir para este processo de desconstrução e reconstrução, do pesquisador e do campo. Somente pela indagação própria e da prática é que a transformação se torna possível.

4. REVISÃO DE LITERATURA

A presente pesquisa se propõe a refletir sobre o acompanhamento terapêutico a partir de um relato de caso de uma psicose. Para tal, foi realizada uma revisão integrativa da literatura disponível sobre o assunto. Esse tipo de revisão visa à construção de uma compreensão abrangente sobre determinado fenômeno, a partir da síntese e análise da literatura disponível, incluindo distintos estudos com diferentes metodologias. A revisão integrativa "apresenta o estado da arte sobre um tema, contribuindo para o desenvolvimento de teorias" (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p. 127).

O processo de revisão desta pesquisa foi baseado na proposta de Mendes, Silveira e Galvão (2008), que estabelece seis etapas de investigação: (I) identificação da questão de pesquisa; (II) determinação das bases de dados e dos critérios de inclusão/exclusão; (III) categorização dos estudos; (IV) avaliação dos estudos; (V) interpretação dos resultados e (VI) discussão e análise. Para o delineamento da questão norteadora, utilizou-se a estratégia PICO (HARRIS *et. al*, 2013), que propõe a construção do problema de pesquisa a partir de quatro aspectos: participante/população (P), intervenção (I), comparação (C) e resultados/desfechos – outcomes (O). Desse modo, a revisão se propôs a responder a seguinte questão: quais parâmetros clínicos (O) e abordagens teóricas norteiam a prática do acompanhamento terapêutico (I) no campo da psicose (P)?

Procedimento de pesquisa

O procedimento inicial foi determinar os descritores de busca: as palavras-chave utilizadas na revisão, assim como as bases consultadas. Sobre as primeiras, utilizou-se o termo "acompanhamento terapêutico" (*acompañamiento terapéutico/therapeutic accompaniment*) e seu cruzamento com os termos "esquizofrenia" (*esquizofrenia/ schizophrenia*), psicose (*psicosis/ psychosis*), "psicologia" (*psicología/psychology*), e "psicanálise" (*psicoanálisis/psychoanalysis*); incluiu-se também o termo *psychosocial intervention*. Nota-se que a decisão por incluir termos em espanhol guarda relação com o histórico do campo do acompanhamento terapêutico, que se desenvolveu não só no Brasil, mas também em outros países da América Latina, como a Argentina. Por outro lado, justamente por ser uma prática de origem latino-americana, decidiu-se por incluir um termo mais abrangente no inglês (*psychosocial intervention*), tendo em vista que a prática de acompanhamento terapêutico não é predominante nos países anglo-saxões, como Estados Unidos ou Inglaterra. Por fim, cabe

constatar que as traduções dos termos foram feitas de acordo com o Tesouro da BVS de Psicologia.

As bases de dados consultadas foram Scielo, a PePsic, a PubMed, a PsycInfo e a Lilacs. Essa escolha se deu pela abrangência e diversidade das plataformas, contemplando as diferentes facetas da saúde mental, assim como as publicações latino-americanas e anglo-saxãs. A respeito dos filtros de pesquisa, não se restringiu a busca pela data de publicação, tendo em vista a baixa quantidade de publicações na área. Foram incluídos artigos em português, espanhol e inglês. A partir dos resultados, foi feita uma pré-triagem, excluindo aqueles cujo tema não tinha relação com acompanhamento terapêutico, eram em outra língua que não as escolhidas, ou eram repetidos de bases de dados já consultadas.

Para a triagem foram elencados critérios de inclusão e exclusão norteados pelos objetivos da pesquisa. Para o primeiro considerou-se relevante todo e qualquer artigo que tratasse de um ou mais casos de psicose e que refletisse sobre a prática do acompanhamento terapêutico, tendo em vista tanto seus efeitos quanto a relação deste campo com aspectos teóricos. Foram excluídos artigos que tratavam de acompanhamento terapêutico na infância ou em outros quadros psicopatológicos, trabalhos que discutiam esse tema sob uma perspectiva exclusivamente teórica, isto é, sem apresentar casos clínicos, artigos de revisão ou resenhas e publicações que visavam a relação entre o dispositivo clínico do acompanhamento terapêutico e a rede pública de saúde.

Resultados

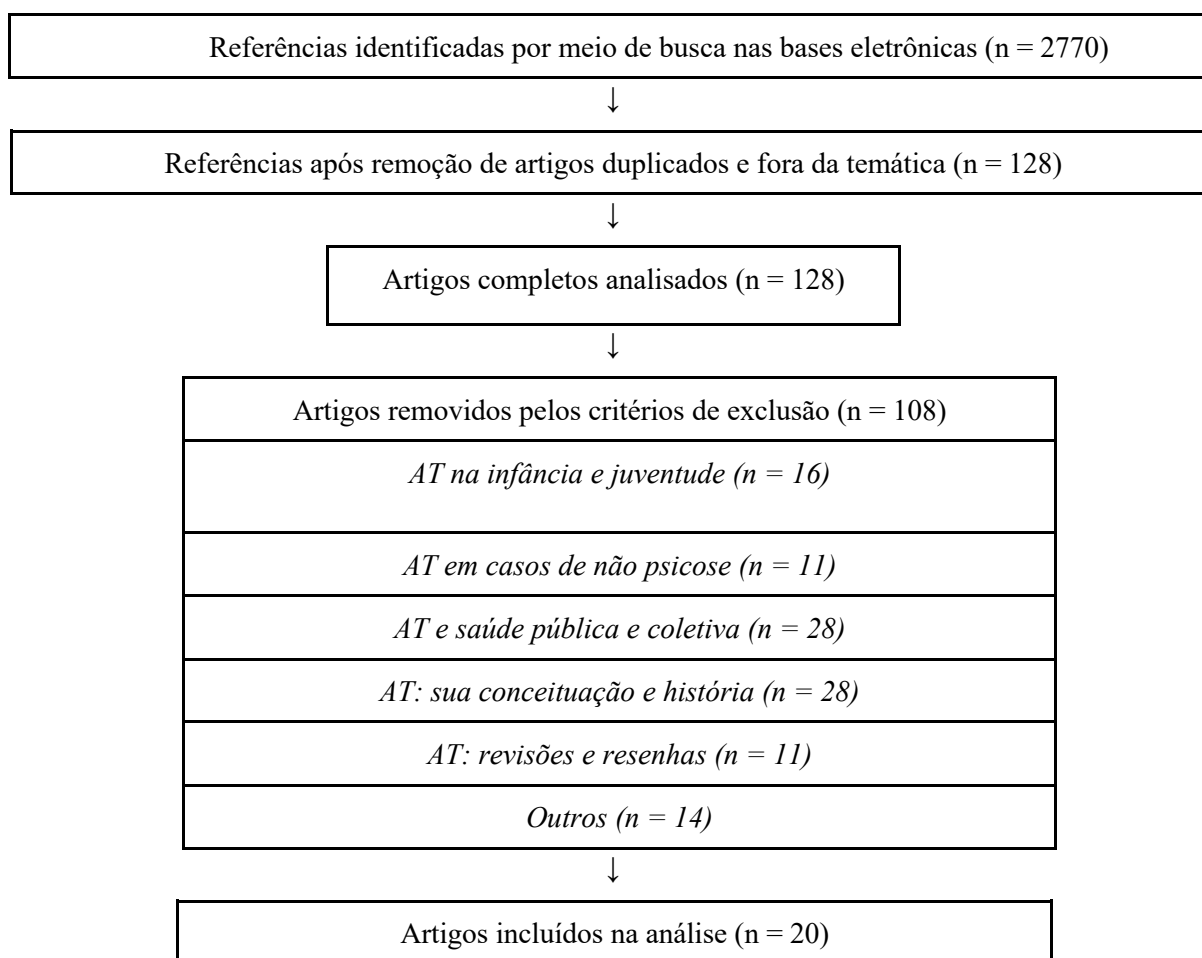
A revisão identificou um total de dois mil setecentos e setenta e cinco artigos, incluindo artigos duplicados entre as bases, dos quais cento e trinta e três foram escolhidos para a triagem. Há uma disparidade entre o número total de artigos e os selecionados para triagem, dado que o termo "acompanhamento terapêutico", embora se refira a uma prática do campo da saúde mental, também é utilizado pela comunidade médica para expressar o acompanhamento da evolução clínica de um paciente após determinada intervenção ou cirurgia.

Após serem analisados, vinte artigos se enquadraram nos critérios estabelecidos. Em relação às bases de dados, observa-se que na Scielo foram obtidos trezentos e setenta e nove resultados, na PePsic duzentos e um, na Pubmed quinhentos e sessenta e cinco, na Lilacs mil quatrocentos e trinta e um e na PsycInfo cento e noventa e nove.

Destaca-se que o levantamento foi feito na ordem citada, de forma que na pré-triagem já eram excluídos artigos repetidos de outras bases de dados. Por fim, a respeito dos termos

pesquisados, nota-se que "acompanhamento terapêutico + psicologia" produziu o maior número de resultados originais incluídos na revisão (53 dos 128), seguido por "acompanhamento terapêutico" (43 dos 128 resultados). O termo "acompanhamento terapêutico + esquizofrenia" não gerou nenhum resultado incorporado na revisão.

Quadro 1: Bases de dados¹



Análise dos artigos

A leitura dos vinte artigos permitiu a identificação de parâmetros clínicos e referenciais teóricos no trabalho de acompanhamento terapêutico com psicóticos. As publicações foram analisadas e separadas em categorias, de acordo com os diferentes aspectos da prática que destacavam. Utilizou-se como referência o método de categorização proposto por Bardin (1977). Observa-se, entretanto, que as categorias não são excludentes, e alguns artigos se

¹ O quadro mostra o processo realizado na pesquisa nas bases de dados.

encontram presentes em mais de uma categoria, na medida em que destacam mais de um eixo do trabalho de acompanhamento terapêutico.

Tabela 1: Categorização dos artigos

Autor(es), ano de publicação e país	Escopo e objetivos	Método	Temáticas abordadas	Referenciais teóricos
Alberti <i>et al</i> , 2017 Brasil	Discussão sobre a prática do acompanhamento terapêutico como articulação entre teoria e prática psicanalítica que possibilita um novo saber fazer clínico.	Vinheta clínica	Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Almeida, 2005 Brasil	Consideração sobre os mecanismos presentes no desencadeamento e saída da crise e as possibilidades de intervenção em direção ao laço social	Estudo de caso	Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Ferreira, 2015 Brasil	Investigação da relação entre a crise psicótica e a dimensão sociocultural da subjetividade	Estudo de caso	Ressocialização e promoção de autonomia	Psicanálise / Reabilitação psicossocial
Gerab & Berlinck, 2012 Brasil	Considerações sobre a dimensão do enquadre no acompanhamento terapêutico a partir da Psicanálise	Vinheta clínica	Enquadre / Vínculo e transferência / Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Guerra & Milagres, 2005 Brasil	Reflexão sobre a possibilidade de sistematizar a prática do AT a partir da Psicanálise	Vinheta clínica	Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Gulassa, 2018 Brasil	Reflexão sobre o AT a partir da função de ego auxiliar	Estudo de caso	Atuação nas redes e instituições	Psicodrama
Hermann, 2005 Brasil	Compreensão da prática de AT a partir de referenciais lacanianos	Estudo de caso	Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Lattanzio & Braga, 2010 Brasil	Considerações sobre a prática de AT a partir de referenciais lacanianos	Vinheta clínica	Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Maia, 2006 Brasil	Considerações sobre a prática do AT a partir do conceito de <i>holding</i>	Estudo de caso	Contribuições da e na psicanálise	Psicanálise

Metzger, 2006 Brasil	Reflexões sobre o corpo e o ego na subjetividade a partir de um caso de AT	Estudo de caso	Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Neto & Dimenstein, 2016 Brasil	Consideração sobre o AT como dispositivo da transformação de dinâmicas institucionais e ampliação de redes	Estudo de caso	Atuação nas redes e instituições / Vínculo e transferência	Esquizoanálise / Reabilitação psicossocial
Peixeiro, 2006 Brasil	Aproximações entre a prática do AT e a Psicanálise a partir do conceito de recusa	Estudo de caso	Atuação nas redes e instituições	Psicanálise
Porto, 2013 Brasil	Considerações sobre as particularidades e especificidades da prática de AT	Vinheta clínica	Enquadre / Vínculo e transferência / Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Quagliatto & Santos, 2004 Brasil	Reflexão sobre as intersecções e alianças entre a clínica psicanalítica e a prática do AT	Estudo de caso	Atuação nas redes e instituições / Contribuições da e na Psicanálise	Psicanálise
Rosique, Gonzalez de Vega & Sanz, 2014 Espanha	Considerações sobre as possibilidades de ressocialização a partir da prática de AT	Estudo de caso	Ressocialização e promoção de autonomia	Psicanálise / Reabilitação psicossocial
Silva & Silveira, 2013 Brasil	Problematização do AT a partir do método cartográfico e da noção de agenciamento	Método cartográfico	Ressocialização e promoção de autonomia / Vínculo e transferência	Esquizoanálise
Silva, Prochno & Silveira, 2016 Brasil	Problematização do AT a partir do método cartográfico e da noção de agenciamento	Método cartográfico	Ressocialização e promoção de autonomia / Vínculo e transferência	Esquizoanálise
Tosta & Silva, 2016 Brasil	Considerações sobre o AT como intervenção em processos de desinstitucionalização	Método cartográfico	Ressocialização e promoção de autonomia / Vínculo e transferência	Esquizoanálise
Varella, Lacerda & Madeira, 2006 Brasil	Considerações sobre o AT como prática de intervenção e ampliação nas redes e instituições	Estudo de caso	Ressocialização e promoção de autonomia	Esquizoanálise / Psicanálise

Yagiu, 2006 Brasil	Reflexões sobre o enquadre no AT	Vinheta clínica	Enquadre / Vínculo e transferência	Psicanálise
-----------------------	-------------------------------------	--------------------	--	-------------

O enquadre

Inicialmente, cabe tecer considerações sobre o enquadre no acompanhamento terapêutico. Gerab e Berlinck (2012), partindo de uma perspectiva psicanalítica, resgatam a noção de virtualidade e materialidade do enquadre, conforme pensado por autores como Green (2008) e Fédida (1991). Sublinha-se o *setting* como o aspecto invariável do trabalho analítico, que possibilita o manejo dos elementos variáveis do trabalho. No acompanhamento terapêutico, o *setting* seria o próprio corpo do acompanhante, isto é, esse configura a espacialidade na posição adotada pelo terapeuta no encontro com o acompanhado. A partir dessa definição, surge o questionamento da possibilidade de se manter disponível e poroso aos acontecimentos sem entrar em uma posição defensiva, ou seja, como preservar o *setting* frente às variáveis e intensidades do acompanhamento terapêutico. Resgatando o conceito de reserva em Freud (2006[1915]) e elasticidade da técnica em Ferenczi (1987[1927]), debate-se a importância da contratransferência como técnica de trabalho, naturalmente alertando para os limites e riscos dessa técnica, o que implica análise do terapeuta. Após a exposição de um caso clínico, no qual a dupla de AT tem que lidar com uma série de imprevistos e surpresas, os autores concluem que esses acontecimentos que compõem as cenas do trabalho (o que abstratamente se denomina de "cidade") não são o enquadre do AT, mas onde o enquadre (corpos do acompanhante e acompanhado) se materializa. Essa perspectiva permite que os acontecimentos vividos nas cenas sejam processados no trabalho clínico.

Semelhantemente, Porto (2013) caracteriza o acompanhamento terapêutico a partir da abertura ao inédito que o enquadre desse dispositivo produz. O autor considera o cenário em que o trabalho de análise se desenrola como propriedade do analista, impregnado por sua história e subjetividade, ao passo que o acompanhamento terapêutico ocorre em território sempre estrangeiro, o que implica abertura de um novo campo a ser explorado. Embora o inédito também seja em determinado sentido característica da clínica de consultório (considerando a singularidade do encontro), Porto defende que, como no AT é o acompanhante quem se desloca ao encontro do acompanhado, a anterioridade estabelecida pelo espaço físico de um consultório não existe. Desse modo, abre-se novas possibilidades a partir do cenário no qual o encontro ocorre.

Yagiu (2006), por sua vez, procura discutir o enquadre a partir da problematização do conceito de abstinência. Exemplificando um caso clínico, no qual seu acompanhado lhe solicitou a utilização de seu comprovante de residência (demanda relacionada ao processo que estava se desdobrando), o autor resgata o pensamento de Ferenczi (1987[1927]) para sustentar a ideia de que aquela concepção de abstinência não é adequada para todos os casos, e que, sua intervenção de corresponder ao que lhe foi pedido, foi um ato terapêutico. No acompanhamento terapêutico, defende Yagiu, é fundamental que o acompanhante esteja sensível e ressonante ao mundo afetivo do acompanhado, e que o terapeuta possa assumir o lugar ou posição que lhe é endereçado terapêuticamente, assim como os afetos destinados, para então responder a esse endereçamento de maneira terapêutica.

Percebe-se, portanto, que os três artigos procuram salientar a especificidade do enquadre no trabalho de acompanhamento terapêutico. A posição que o terapeuta ocupa nesse dispositivo clínico lhe exige uma disponibilidade para compartilhar com o acompanhado determinadas experiências – seja a partir de uma vivência no próprio corpo ou do testemunho do efeito no acompanhado. Porto (2013) destaca a dimensão do inédito decorrente do cenário no qual o trabalho se desenvolve. Gerab e Berlinck (2012) sustentam, ainda, que o corpo do acompanhante é o *setting* a partir do qual se processam os diversos acontecimentos que ocorrem.

Ressocialização e promoção de autonomia

Outro aspecto importante descoberto pelo levantamento foi a dimensão da ressocialização e da promoção de autonomia trabalhadas no acompanhamento terapêutico. Ferreira (2015), ao relatar o caso de um migrante em episódio psicótico, mostra como o trabalho de AT, mediado pelo uso de recursos expressivos como música e desenho, permitiu ao acompanhado uma reconexão com sua origem, assim como a elaboração do luto pelas perdas produzidas pela migração. O processo também possibilitou a construção de um plano para que o acompanhado pudesse voltar à sua cidade natal. Percebe-se, portanto, que o acompanhamento terapêutico foi um dispositivo potente que possibilitou ao acompanhado uma reapropriação de sua história, assim como uma ampliação de seus projetos de vida. Similarmente, Rosique, Vega e Sanz (2014) relatam o caso de uma paciente que estava institucionalizada em um hospital psiquiátrico e tinha uma circulação externa muito empobrecida. As autoras mostram como o trabalho de acompanhamento terapêutico foi fundamental para ampliar a circulação da paciente que, de início, se mostrava muito insegura e avessa à possibilidade de sair do hospital.

Enfatizam também que essa construção deve ser feita a partir da articulação com a instituição e a família, desmontando as eventuais resistências que podem aparecer nesses âmbitos e que atuam contra essa ampliação. Por fim, Varella, Lacerda e Madeira (2006) relatam dois casos de psicose nos quais o trabalho de acompanhamento terapêutico promoveu uma ampliação do universo dos acompanhados, seja pelo reposicionamento nas relações familiares ou pela apropriação de um projeto de vida. O mesmo pode ser constatado em Tosta e Silva (2016) que, a partir do relato de uma experiência, demonstram como o AT mobilizou transformações relevantes. Destarte, nota-se que todos os autores apontam a ampliação do universo dos acompanhados como efeito do trabalho de acompanhamento terapêutico.

Atuação nas redes e instituições

Como complementar à ressocialização e à promoção de autonomia, diversos artigos destacaram a atuação do acompanhante terapêutico nas redes e instituições que constituem determinada realidade social. Gulassa (2018), sustentado por uma perspectiva psicodramática, indica, a partir do relato de dois casos, como a intervenção de acompanhamento terapêutico produziu reverberações significativas na rede social dos acompanhados, o que implicou a possibilidade dos pacientes viverem relações diferentes com as pessoas que compunham seus círculos sociais. Enfatiza-se que a intervenção de acompanhamento terapêutico produziu transformações benéficas tanto nos sujeitos acompanhados como em suas comunidades. Semelhantemente, Neto e Dimenstein (2016), ao relatarem o processo de desinstitucionalização de um paciente, apontam para as diferentes articulações que foram necessárias, seja com a equipe da instituição de saúde na qual o paciente se encontrava internado, seja com a família para poder recebê-lo de volta ou ainda com os equipamentos de saúde e cultura da cidade para sustentar a ampliação da circulação do acompanhado. Os autores salientam que essas intervenções e articulações com as diferentes instituições e redes foram fundamentais para a promoção da autonomia do paciente.

Peixeiro (2006), por sua vez, demonstra por meio de um relato de caso os efeitos que o AT produziu na família da acompanhada. A autora sustenta que a circulação própria desse tipo de trabalho permitiu um acesso facilitado ao conjunto familiar, o que possibilitou o resgate da história de vida e de traumas vividos pela paciente. A paciente e sua mãe apreenderam uma resignificação de experiências passadas, produzindo um reposicionamento de ambas e uma nova forma de se relacionarem. Por fim, a autora sustenta que esses efeitos são próprios do

trabalho de acompanhamento terapêutico na medida em que a circulação pelo universo do acompanhado favorece o testemunho e a vivência de diversas dimensões dessa realidade.

Portanto, nota-se que, como efeitos do trabalho de acompanhamento terapêutico, a promoção de autonomia e a ampliação do universo do sujeito são potencializadas pelas intervenções nas redes e instituições que compõem a realidade daquele determinado indivíduo. Conforme os autores demonstram, esse aspecto do trabalho não é fortuito, mas parte fundamental do acompanhamento terapêutico.

Vínculo e transferência

Todos os artigos, em maior ou menor grau, indicam a relação entre o acompanhante e o acompanhado como elemento basilar para o trabalho de AT, seja compreendendo essa relação a partir do conceito de transferência ou não. Conforme visto, Gerab e Berlinck (2012), assim como Yagiu (2006), consideram a transferência e a contratransferência aspectos significativos no enquadre. Ao indicar o corpo como o *setting* no qual se processam os diferentes acontecimentos vividos na cidade, Gerab e Berlinck (2012) reforçam a importância do campo transferencial e os efeitos do trabalho no acompanhante e no acompanhado. Isso significa que a possibilidade de compreensão e simbolização dos acontecimentos e das cenas que a dupla vivencia em seus deslocamentos pelo espaço está intimamente relacionada à qualidade da relação construída. Conforme expõem os autores: "o que faz valer o caráter terapêutico do acompanhamento é o vínculo, e ele se faz com tato, espera e sustentação de um enigma" (GERAB; BERLINCK, 2012, p. 103). Já Neto e Dimenstein (2016) refletem sobre a dimensão de amizade que estaria implicada na relação de acompanhamento terapêutico. Segundo os autores, a amizade, em sua originalidade, não se constitui na igualdade, mas na diferença; diz respeito ao espaço entre sujeitos e à possibilidade de encontro nesse espaço. Trata-se, nesse sentido, da capacidade de reconhecimento e acolhimento das diferenças entre acompanhante e acompanhado.

Como desdobramento de seu entendimento sobre o enquadre, Porto (2013) situa o plano transferencial como a pedra de toque do trabalho de acompanhamento terapêutico. Trata-se do campo privilegiado no qual se atualiza no corpo do acompanhante uma infinidade de experiências que compõem determinado acompanhamento. Vivem-se juntamente ao acompanhado certas cenas, com mais ou menos intensidade, mas que se apresentam como elementos potencialmente significativos e constitutivos de determinada experiência. O autor refere-se a uma multiplicação dos pontos de contato, no sentido de que o terapeuta não está

somente mobilizado por aquilo que a relação com o acompanhado lhe produz, mas também é sensível para todos os outros encontros que a cena provoca.

Silva e Silveira (2013), assim como Silva, Próchno e Silveira (2016), corroboram essa compreensão e salientam ainda como o processo de acompanhamento terapêutico se produz a partir de certos pontos (e desencontros) de contato entre acompanhante e acompanhado. Ambos os artigos abordam o mesmo caso clínico e se utilizam do método cartográfico. Defende-se que o encontro entre terapeuta e paciente produz experimentações e novos devires a partir dos pontos de contato da dupla. No caso relatado, o interesse comum por informática e computação foi elemento potencializador do trabalho e mobilizou a dupla em diferentes devires e agenciamentos. Nesse sentido, entende-se que há uma singularidade em cada trabalho de acompanhamento terapêutico, uma vez que o processo se organiza a partir da particularidade de cada indivíduo da dupla. Esse aspecto torna-se mais evidente no trabalho de Tosta e Silva (2016), que também se valendo do método cartográfico, mostram como o processo de acompanhamento terapêutico produziu transformações na terapeuta, que percebeu como inconscientemente ela correspondia às demandas da instituição e por vezes reproduzia uma lógica manicomial de cuidado. Corroborando com Porto (2013), as autoras afirmam que a possibilidade de uma relação porosa e inédita entre o acompanhante e o acompanhado é o que permite que o trabalho se desenvolva: "Todavia, se o at não se permitir sair de si mesmo e adentrar o mundo enlouquecido do acompanhado, não poderá marcar e nem se deixar ser marcado, pois a relação e o encontro não acontecem" (TOSTA & SILVA, 2016, p. 93).

A partir dos apontamentos realizados, percebe-se que o vínculo é indiscutivelmente elemento central e basilar do trabalho de acompanhamento terapêutico. Nota-se, contudo, que o conceito de transferência não é hegemônico entre os autores, uma vez que sua utilização está relacionada a determinados campos teóricos, como a Psicanálise. A intersecção entre essa abordagem e o campo do acompanhamento terapêutico é extensa e fecunda, permitindo que os psicanalistas pudessem ponderar sobre aspectos da teoria a partir desse novo campo clínico, assim como instrumentalizar a prática de AT com referenciais da Psicanálise. A seguir serão comentados os artigos que propuseram essa reflexão.

Contribuições da e na Psicanálise

Conforme visto, Gerab e Berlinck (2012), assim como Yagiu (2006) se utilizam do pensamento psicanalítico para compreender o enquadre no acompanhamento terapêutico utilizando conceitos de Freud (2006[1915]) e Ferenczi (1987[1927]). Almeida (2005), ao relatar o acompanhamento de uma mulher paranoica, propõe uma leitura lacaniana do caso, caracterizando os movimentos e intervenções a partir dos conceitos de identificação, significante, gozo, entre outros. Similarmente, Hermann (2005) e Lattanzio e Braga (2010) também se utilizam de uma leitura lacaniana de cenas clínicas para pensar sobre o acompanhamento terapêutico e a psicose. Nota-se que essas leituras se propõem a oferecer ferramentas conceituais para o trabalho de acompanhamento terapêutico, isto é, sustentam determinadas intervenções a partir das compreensões teóricas que são delineadas sobre as psicoses e a clínica.

Há ainda autores que se utilizaram da experiência do acompanhamento terapêutico para tecer considerações teóricas na Psicanálise. Peixeiro (2006) se vale de um caso de AT para refletir sobre a recusa e o trauma nas dinâmicas familiares. Metzger (2006), a partir de um AT de psicose na adolescência, versa sobre a corporeidade e a constituição do Eu. Maia (2006), orientada por uma perspectiva winnicottiana, apresenta um caso no qual o acompanhamento terapêutico é compreendido como uma técnica de manejo no contexto analítico, com destaque para o conceito de *holding*; trata-se de um caso no qual o acompanhamento terapêutico foi um dispositivo indicado como intervenção complementar ao processo analítico. Semelhante raciocínio é desenvolvido por Quagliatto e Santos (2004), que apontam como a articulação do AT com a psicoterapia pode produzir reverberações potentes na vida de pacientes que possuem um grande grau de desorganização psíquica ou encontram-se em estados regressivos. Por fim, ainda sobre a intersecção entre Psicanálise e acompanhamento terapêutico, Alberti, Teixeira, Beteille, Rodrigues e Martinez (2017) apresentam um caso de AT com um psicótico e argumentam como essa clínica pode ser campo fértil para a ampliação e construção do saber psicanalítico.

As considerações psicanalíticas acerca do acompanhamento terapêutico mobilizaram autores como Guerra e Milagres (2005) na proposta de formalizar a prática do acompanhamento terapêutico dentro de uma perspectiva psicanalítica. A partir de considerações sobre a relação histórica entre a Psicanálise, o AT e a exposição de um caso clínico, esses autores elencam dez aspectos que orientariam o trabalho de acompanhamento terapêutico psicanalítico, contemplando atributos técnicos e éticos e diferenciando essa prática da análise tradicional.

De uma forma geral, tendo em vista o material levantado na revisão, entende-se que esses esforços de balizar a prática do acompanhamento terapêutico a partir dos referenciais psicanalíticos são pertinentes na medida em que oferecem ao terapeuta ferramentas de leitura e intervenção no caso. Todavia, Porto (2013) alerta para a preservação desse campo de trabalho como autônomo, o que guarda relação com o caráter inédito e criativo que cada encontro de AT produz. Deve-se manter uma abertura para aquilo que as diferentes composições de forças e acontecimentos produzem em cada caso. Conforme afirma:

Gostaria de pensar que o acompanhamento terapêutico não precisa limitar-se à aplicação de psicanálises e psicologias fora dos consultórios e dos equipamentos de saúde mental. [...] O acompanhamento terapêutico pode abraçar a oportunidade de sintonizar esse anúncio feito por esse senhor e seu neto, e trabalhar por essa abertura para reinventar, permanentemente, e simultaneamente, redes individuais e redes coletivas (PORTO, 2013, p. 8).

Essa ressalva encontra reverberação nos artigos que trabalham com o método cartográfico, como Silva e Silveira (2013), Silva, Próchno e Silveira (2016) e Tosta e Silva (2016). Esse método de pesquisa-intervenção se mostra excepcionalmente sensível no registro da dimensão subjetiva do pesquisador no processo de trabalho, de modo que permite perceber as nuances e singularidades que o acompanhamento terapêutico adquire em cada caso. Trata-se, nesse sentido, de relatos e reflexões que, embora alicerçadas em conceitos, apresentam e conferem relevo às particularidades próprias de cada caso; caráter pertinente para um estudo que visa refletir sobre a prática do acompanhamento terapêutico.

Discussão da revisão

A partir da revisão realizada e da análise dos artigos tornou-se possível tecer algumas considerações sobre os parâmetros clínicos e as abordagens teóricas no acompanhamento terapêutico em casos de psicoses. De início, nota-se que há uma diversidade de referenciais que orientam a prática de AT, embora existam também parâmetros e perspectivas compartilhados na atuação dos acompanhantes. Portanto, a autonomia dessa prática pode ser considerada a partir de duas perspectivas: a especificidade do trabalho de AT e a importância da teoria na constituição desse campo.

Sobre a primeira, diversos autores buscaram destacar a especificidade do AT a partir da dimensão do enquadre e do vínculo. Em relação ao primeiro, valorizou-se a dimensão do corpo do terapeuta como elemento pertinente nos processos clínicos que se desdobram nessa prática. Por certo, a dimensão da corporeidade não é estranha à clínica privada, em que também se

considera o corpo do terapeuta, suas emoções e sua ressonância empática como aspectos importantes do trabalho. Todavia, uma diferença concerne ao contexto de presenças corporais, no sentido de que no AT o acompanhante e o acompanhado estão sujeitos a uma diversidade de eventos, acontecimentos e experiências, a partir dos diferentes espaços nos quais os encontros ocorrem. Nesse sentido, embora não seja uma especificidade do AT, a corporeidade adquire uma dimensão de primeiro plano, na medida em que a inserção do corpo na circulação e no movimento constituem o trabalho.

A partir da circulação e do primeiro plano que a vivência corporal-afetiva do terapeuta adquire nesse trabalho, alguns autores, como Porto (2013), sugerem um caráter inédito dessa relação, em oposição aos processos que ocorrem no trabalho de consultório. Entretanto, embora não se pretenda afirmar uma congruência entre os dois campos, questiona-se essa diferença, na medida em que se considera que a espacialidade deve ser compreendida de modo simbólico. Por exemplo, a noção de "abstinência", à qual alguns autores se opõem, encontrou críticas já no campo da clínica tradicional, expressas já na época por Jung (1946/2012). O campo do trabalho clínico nunca é neutro e se o espaço no qual o AT ocorre adquire relevo nessa prática clínica, no consultório a dimensão simbólica do espaço (como o espaço interno) assume um primeiro plano, produzindo também um inédito a partir do encontro entre terapeuta e paciente.

A segunda perspectiva concerne à relação entre o campo do AT e as diferentes abordagens teóricas com as quais se dialoga. Conforme a revisão levantou, há diferentes fundamentos que norteiam o trabalho dos acompanhantes e distintos modos de compreender os fenômenos que ocorrem nesse trabalho. Embora alguns autores, como Guerra e Milagres (2005), sustentem a sistematização dessa clínica sob uma égide teórica, o presente artigo corrobora o posicionamento de Porto (2013) e procurou demonstrar que há outras formas de praticar o acompanhamento terapêutico, preservando sua autonomia enquanto campo de atuação. Desse modo, ao elencar parâmetros clínicos que norteiam o trabalho, abre-se a possibilidade de determinar sua especificidade sem lançar mão de uma filiação com determinado referencial teórico.

Essa posição se baseia na constatação de que, independentemente da abordagem teórica, todos os artigos indicaram efeitos benéficos a partir das intervenções realizadas. Destaca-se a ampliação do universo do acompanhado, o ganho de autonomia e as mudanças nas relações do sujeito com seus pares, sua família e comunidade. Esses efeitos são considerados decorrentes da característica própria do trabalho de acompanhamento terapêutico, cujo processo se desenrola *in loco*, isto é, em diversos cenários do universo do acompanhado. Como vários autores indicam, a posição do acompanhante é elemento central para a produção dessas

intervenções e desses efeitos. A centralidade no vínculo no trabalho de AT parece ser unanimidade entre os autores, embora haja divergências sobre sua caracterização e suas implicações no trabalho. Também se destaca o terapeuta e sua subjetividade como ferramenta clínica, seja no sentido de compartilhar e vivenciar no corpo determinadas experiências que o processo produz, seja na transformação que o encontro com o acompanhado produz no próprio acompanhante. Se "fazer junto" é uma característica da clínica do AT, pode-se afirmar que "fazer-se juntos" também é, na medida em que a própria subjetivação do terapeuta se encontra implicada no trabalho realizado com o acompanhado. Atenta-se, contudo, para os limites dessa implicação: a crítica a uma posição de neutralidade deve ser balanceada com uma avaliação dos limites nesse processo. O trabalho com a psicose mobiliza diversos aspectos na subjetividade do terapeuta e uma permeabilidade excessiva pode acarretar atuações e equívocos importantes, ou mesmo uma *folie à deux*.

Entende-se, portanto, que a partir da identificação de parâmetros clínicos, torna-se possível delimitar alguma especificidade do trabalho de acompanhamento terapêutico em casos de psicose. Conforme apresentado, destacaram-se como elementos significativos o enquadre, a promoção de autonomia e ampliação do universo do acompanhado, a intervenção nas redes e instituições que compõem a realidade do sujeito e o vínculo entre acompanhante e acompanhado. Esses parâmetros podem ser efetivamente compreendidos a partir de uma diversidade de abordagens, como os artigos levantados indicam, mantendo-se em aberto a questão sobre a pertinência desses parâmetros em outros contextos de atuação.

PARTE II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CLÍNICA

5. SOBRE O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO

Como se escreve uma clínica

Escrever sobre uma prática clínica é uma tarefa árdua. Exige-se do autor uma criatividade própria dos poetas, na medida em que ele se coloca a incumbência de mostrar por meio de palavras, que por sua natureza são estáticas, algo pertencente à ordem do acontecimento e do movimento. Essa proposta se mostra duplamente dificultada quando essa clínica concerne à psicose e a fenômenos muito elusivos, cujo acesso pela consciência é sempre periférico e limitado. A complexidade da tarefa cresce, uma vez que se constata, de um lado, a singularidade do objeto da prática clínica e, de outro, as implicações das particularidades do terapeuta em seu fazer. Essas dificuldades, todavia, de forma alguma impedem que uma prática tenha parâmetros rigorosos. Ao discorrer sobre psicoterapia, Jung (2013g[1929]) defendia a singularidade do trabalho clínico como elemento constitutivo dessa prática, no sentido de que sua generalização e "massificação" iria contra a própria natureza do fenômeno abordado. Como o autor afirma:

A psique humana é extremamente ambígua. Diante de cada caso particular, é preciso indagar se este comportamento ou aquele traço de caráter é verdadeiro, ou simplesmente uma compensação de seu contrário. (...) O sapato que serve num pé, aperta no outro, e não existe uma receita de vida válida para todo mundo. Cada qual tem sua forma de vida dentro de si, sua forma irracional, que não pode ser suplantada por outra qualquer (JUNG, 2013g[1929], p. 53).

Nota-se que o caráter artesanal dessa prática clínica não guarda relação somente com o objeto de trabalho, mas também é oriundo das particularidades do terapeuta. Jung, conjuntamente com Freud (JUNG, 2013g[1929]), indicavam a importância e o perigo da influência do inconsciente do terapeuta no processo. Sobre o segundo, tratava-se da possibilidade dos complexos e atitudes inconscientes serem mobilizados no trabalho clínico, impedindo a construção de uma leitura adequada do fenômeno. Sobre a primeira, Jung não se furtava de considerar o inconsciente do terapeuta como instrumento *sine qua non* do processo terapêutico. De fato, esses dois aspectos não são contraditórios, na medida em que ambos partem da constatação de que essa prática clínica tem como elemento significativo a transferência. Evidentemente, trata-se de um fenômeno complexo, cujas nuances e facetas atravessam inúmeros aspectos da clínica. Nota-se que Jung (2012[1946]) atribui grande importância à dinâmica inconsciente envolvida no fenômeno da transferência. De um lado, o autor indica o potencial terapêutico da ligação inconsciente, a partir de um *mixtum compositum*

entre a psique do terapeuta e a saúde mental afligida do paciente. De outro, ele também pondera que essa conexão mobiliza no clínico conteúdos e dinâmicas inconscientes de alta intensidade, que, caso não sejam devidamente conscientizados, podem comprometer o processo terapêutico. Entende-se que o sucesso desse processo volátil está parcialmente atrelado à capacidade do terapeuta reconhecer, em alguma medida, seu próprio desconhecido. Desse modo, e somente a partir dessa implicação, é possível que o clínico exerça seu trabalho de maneira própria e constitua as bases férteis para um processo terapêutico. Afirma Jung (2012[1946], p. 59-60. Grifo nosso):

Pelo fato de debruçar-se com interesse, compreensão e solicitude sobre o sofrimento psíquico do paciente, o médico fica exposto aos conteúdos do inconsciente que o oprimem e conseqüentemente à ação indutiva dos mesmos [...] O fato de o paciente transmitir ao médico um conteúdo ativado do inconsciente também constela neste último o material inconsciente correspondente, através da ação indutiva regularmente exercida em maior ou menor grau pelas projeções. **Médico e paciente encontram-se assim numa relação fundada na inconsciência mútua.** Obviamente não é fácil para o médico tomar consciência de uma eventualidade desse tipo. [...] Esta falta de percepção, porém, não nos é propícia, visto que **com a contaminação inconsciente nos é oferecida uma possibilidade terapêutica de inestimável valor**, por realizar a transferência da doença para quem está tratando dela. Conta-se evidentemente com o pressuposto de que o médico tenha melhores condições de tomar consciência dos conteúdos constelados, pois, de outra forma, ambos os lados ficariam aprisionados na mesma inconsciência.

Pode-se considerar a problemática da conscientização de aspectos inconscientes sob um prisma da ciência matemática. Sob o título de alusão, resgata-se o empreendimento laborioso de filósofos na virada para o século XX, particularmente Russell. Sua investigação se referia à natureza dos princípios lógicos de uma epistemologia matemática, particularmente a partir do conceito de conjunto (MORAIS, 2018). Em meio aos seus estudos sobre o pensamento de Frege, o matemático se deparou com um paradoxo: pode um conjunto que contém todos os conjuntos que não contém a si mesmos se conter? Tanto a resposta afirmativa quanto a negativa produzem uma contradição. Esse paradoxo foi descoberto relevante para indicar os limites de uma abordagem "intensional" das classes, isto é, da perspectiva de compreensão de conjuntos a partir das delimitações das condições necessárias e suficientes para a constituição destes (MORAIS, 2018). Há limites para a possibilidade de circunscrição, o que se mostra verdade tanto na Matemática quanto na Psicologia. A continência da consciência é um fenômeno cujos limites ainda são obscuros, embora haja clareza em relação à impossibilidade de abarcar o inconsciente em sua plenitude. A consciência não é capaz de expandir-se a ponto de conter o inconsciente precisamente porque esse aspecto não é capaz de conter a si próprio em sua totalidade. Mesmo a hiperreflexividade, embora seja um fenômeno constatável clinicamente,

só posterga esse impasse *ad eternum*, na medida em que a dobra da consciência sobre si mesma pode ser realizada infinitamente. Dessa forma, a máxima freudiana "O Eu não é senhor em sua própria casa" se atualiza na perspectiva paradoxal: se a ampliação da consciência fosse definida pela apropriação do Eu sobre os aspectos não-Eu que se apresentam, como poderia o Eu apropriar-se de sua ipseidade? A solução proposta por Jung incide precisamente sobre esse paradoxo. Não se trata de uma consciência que opera como detetive ou arqueóloga, mas como um marinheira, aprendendo a reconhecer os movimentos do oceano e utilizando-os a serviço de sua jornada. Portanto, o profissional que se dispõe ao campo da clínica deve guardar com seu inconsciente a relação de um navegante, não de conquistador. Afirma Jung:

A consciência, por mais abrangente que seja, é e continua sendo o círculo menor contido dentro do círculo maior do inconsciente, a ilha rodeada pelo oceano; e assim como o mar, o inconsciente também gera uma multiplicidade infinita de seres vivos em constante renovação e cuja riqueza é impossível abarcar por inteiro [...] pois são suscetíveis de variar ao infinito e sua potência a rigor não pode ser diminuída. A única maneira possível de tratá-los na prática consiste em assumir uma atitude consciente que permita a cooperação do inconsciente em vez de sua oposição (JUNG, 2012[1946], p. 61).

A partir dessas considerações, evidencia-se a complexidade de escrever sobre uma prática clínica. Essa decorre, inicialmente, da dificuldade de mostrar pela escrita um fenômeno que é da ordem do fazer. Somando-se a este desafio, nota-se que o fazer clínico é marcado por um caráter artesanal, no sentido de adquirir contornos singulares em cada situação em que o trabalho acontece. Acrescenta-se, ainda, o caráter elusivo de aspectos centrais do ofício, nomeadamente o inconsciente. Por fim, considera-se que a própria subjetividade do profissional é elemento fundamental para a construção de sua prática; singularidade esta cuja consciência é sempre limitada e restrita.

A identificação desses aspectos permite elucidar o caráter que uma reflexão sobre a o acompanhamento terapêutico vai adquirir, no sentido de que o rigor e a consistência das considerações residem precisamente no reconhecimento dessas vertentes como constitutivas da prática clínica. Embora as considerações de Jung estivessem voltadas majoritariamente para a psicoterapia, a validade destas se estende razoavelmente para outras práticas clínicas que tratam do inconsciente. Isso porque o próprio Jung já guardava plena ciência de que a psicoterapia era um dos possíveis dispositivos para o trabalho com a psique humana, isto é, não o único. Entretanto, há uma diferença significativa no que se refere à possibilidade de escrita sobre o acompanhamento terapêutico e a psicoterapia. Jung e Freud se apresentam como fundadores do que se tornou uma Psicologia do inconsciente. A partir deles seguiram vários outros cujos

nomes e contribuições são amplamente reconhecidos. Desse modo, é relativamente fácil traçar uma genealogia da psicoterapia e suas filiações. O mesmo não se pode afirmar em relação ao acompanhamento terapêutico. Sua origem é difusa, sua filiação discutível. Todavia, há algumas inspirações notáveis que devem ser consideradas.

Sobre as origens e filiações do acompanhamento terapêutico

Há controvérsias em relação ao local de origem do acompanhamento terapêutico. Seu surgimento pode ser localizado tanto na Argentina quanto no Brasil, e por vezes até na Europa. Essa amplitude geográfica não é aleatória, na medida em que, independentemente do local onde pela primeira vez se realizou o acompanhamento terapêutico, há fortes influências de fenômenos e experiências oriundas desses três territórios (PORTO, 2015).

Na Europa, pode-se considerar três experiências relevantes. A primeira trata das experiências institucionais do psiquiatra catalão Francesc Tosquelles. Durante a guerra civil espanhola, o médico atuou nos *fronts* prestando cuidados e atendimentos para os combatentes ou quem mais solicitassem-nos. Em seus relatos, o psiquiatra reflete sobre a inaptidão de alguns médicos de estar junto aos loucos e acompanhá-los; supunha ser uma falha na formação desses profissionais, que adquiriam uma "disfarçada fobia de loucos" (PORTO, 2015, p. 44). Sua solução para a problemática foi recrutar pessoas cuja disponibilidade subjetiva permitia a convivência com o diferente da loucura, como artistas, escritores e prostitutas. Alguns anos depois, já exilado na França, Tosquelles trabalhava no hospital psiquiátrico de Saint-Alban, no qual realizou intervenções que ampliaram as conexões da instituição e dos seus internos com as cidades próximas. Seu trabalho lançou bases que posteriormente culminaram em outras formas de tratamento da loucura, entre as quais o próprio acompanhamento terapêutico.

Ainda na Europa, cabe destacar as reformas psiquiátricas, particularmente a francesa, inglesa e italiana, como experiências importantes nas origens do acompanhamento terapêutico (MENDES, 2018). As especificidades de cada uma, embora contribuam para o modo como o acompanhamento terapêutico constituiu-se nos diferentes espaços em que emergiu, não são o foco desta apresentação. De fato, as reformas subsidiam a invenção do AT na medida em que explicitam o esgotamento de uma forma de tratar a loucura; enclausurada e amordaçada, essa clamava por retornar ao público, espaço que outrora ocupava². Se Tosquelles já havia

² Foucault (2014) discorre com grande primazia sobre o processo de enclausuramento que a loucura sofreu com o advento da modernidade. A separação e o isolamento dos loucos, algo que se tornou um tanto naturalizado, é produto histórico que guarda relação com as transformações nas compreensões sobre o fenômeno da loucura. Nem

precipitado isso em sua experiência em Saint-Alban, na qual estabeleceu um comércio (e escambo – no sentido literal e figurativo) entre os internos do hospital e os camponeses, a cerca de nove mil quilômetros de distância, Nise da Silveira partilhava de intuição semelhante. Essas experiências, e as posteriores que ocorreram na segunda metade do século XX, como La Borde ou Trieste, respondiam à saturação que o modelo manicomial produzia. A partir desse conflito, multiplicaram-se as experiências que visavam romper com o modelo vigente ou reformá-lo; experimentações que, a despeito dos progressos e avanços, evidentemente produziram suas próprias contradições, dificuldades e desafios. É nesse campo fértil que o acompanhamento se nutre. Conforme afirma Rolnik (1997, p. 83-84):

A falta de ar atingira um limiar insuportável, não dava mais para continuar desse jeito [...] não eram apenas os pacientes que se asfixiavam nessa paisagem, mas também os profissionais que nela atuavam. E aí foi aquela avalanche de iniciativas [...] diferentes territórios que, somados, aumentavam as chances da loucura libertar-se de sua condição de existência doente. Depois veio a necessidade de construir mediações não só entre esses vários territórios, mas também entre cada um deles e o da família, entre todos eles e a paisagem da cidade – era preciso criar possibilidades reais de vida não doente. A figura do acompanhante terapêutico (A.T.) se delineia como uma das atualizações dessa necessidade. Esta é sua genealogia.

Outro conjunto de fenômenos que influenciaram na criação do acompanhamento terapêutico podem ser localizados na Argentina. Porto (2015) salienta as experimentações de Marie Langer e Pichon-Rivière como acontecimentos importantes para o alargamento da clínica e da escuta psicanalítica, considerando o aspecto social e institucional da realidade. No contexto argentino, essas experiências, entre outras, culminaram no surgimento do acompanhamento terapêutico na década de oitenta, ainda sob a insígnia de amigo qualificado. Eventualmente, alterou-se a denominação para acompanhante terapêutico, na intenção de salientar o aspecto clínico e assistencial desse dispositivo (MAUER; RESNIZKY, 1987). Nota-se que a clínica lá desenvolvida, embora tenha influenciado na construção do acompanhamento terapêutico no Brasil, com a vinda de psicanalistas argentinos (SANTOS, 2006), adquiriu caráter próprio, baseado fortemente no trabalho em equipes interdisciplinares.

No Brasil, seria grave equívoco refletir sobre o acompanhamento terapêutico sem considerar o trabalho de Nise da Silveira. Neurologista de formação, a médica fez uma trajetória de aproximação do campo da psicologia durante a década de quarenta, o que ocorreu após um período de afastamento de oito anos, devido à perseguição e ameaça do governo brasileiro. Em sua reaproximação, Nise se deparou com uma psiquiatria cada vez mais organicista e cujos

sempre loucura foi significada como alienação ou desconexão, de modo que o lugar social que o louco podia ocupar também era outro que não o enclausuramento.

métodos, além de não terem o devido embasamento clínico, produziam efeitos colaterais (e efeitos diretos) por vezes desastrosos (MELO, 2009b). Desse modo, a médica se opôs às práticas recorrentes da época, como eletrochoque, coma insulínico e lobotomia; oposição que não era somente clínica, como também ética e inclusive filosófica. Em 1946, Nise assumiu a coordenação da Seção de Terapia Ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II. O trabalho lá desenvolvido produziu repercussões significativas na instituição, na vida dos pacientes e no campo da saúde mental; tornou-se histórico e abriu campo em diversos aspectos, como clínica, pesquisa e ensino. Clinicamente, seu trabalho operou de maneira potente sobre a fragilidade e desagregação que marca a existência dos sujeitos psicóticos, criando diversos dispositivos e modalidades de intervenção. Em relação à pesquisa, sua experiência com a Casa das Palmeiras e com as produções artísticas abriu um campo de investigação do inconsciente. Por fim, no que se refere ao ensino, seu trabalho lançou luz sobre o sempre obscuro campo da psicose, revelando a complexidade e profundidade da fragmentação psíquica que marca esses sujeitos (MELO, 2013).

Sua contribuição para o campo da saúde mental é demasiadamente grande para ser explicada satisfatoriamente considerando apenas sua influência para o acompanhamento terapêutico. Desse modo, apresenta-se um recorte de sua contribuição, que diz respeito às suas observações sobre os auxiliares psiquiátricos, figuras importantes na constituição do acompanhamento terapêutico no Brasil (A CASA, 1991). Relata Nise:

Um estudo sobre a capacidade de aprendizagem do esquizofrênico crônico teve de ser interrompido quando o monitor da oficina de encadernação, onde estava sendo feita a pesquisa, entrou em licença prolongada por motivo de saúde. [...] O afastamento do monitor perturbou a experiência. O excelente relacionamento existente entre os doentes e o monitor antigo não se estabeleceu com seu substituto. Todos se desinteressaram daquela atividade [...] Quanto mais grave a condição esquizofrênica, maior será a necessidade que tem o indivíduo de encontrar um ponto de referência e apoio. Tanto melhor se esta primeira forma de contato for se tornando uma relação de amizade (SILVEIRA, 2015, p. 76-77).

Além de Nise da Silveira, várias outras experiências brasileiras poderiam ser comentadas como fenômenos relevantes na pré-história do acompanhamento terapêutico. A Clínica de Pinel, em Porto Alegre, compreendia a atuação do atendente psiquiátrico como elemento significativo no tratamento dos pacientes (A CASA, 1991). Esses profissionais estavam presentes na rotina dos pacientes, assim como na organização dos diversos acontecimentos e programas. Embora estivessem vinculados à instituição, desfrutavam de certa marginalidade, uma vez que, diferentemente dos outros técnicos, não tinham uma formação delimitada ou específica. Experiências semelhantes e concomitantes ocorreram em São Paulo,

com a Comunidade Terapêutica Enfance, e no Rio de Janeiro, com a Clínica Vila Pinheiros (SERENO, 2018).

Muito poderia se considerar sobre essas experiências, e tantas outras – como o psicodrama público (PORTO, 2015), assim como sobre as primeiras experiências efetivas de acompanhamento terapêutico, como aquelas realizadas no início da década de oitenta no Hospital-Dia A Casa, instituição pertinente na construção do campo do acompanhamento terapêutico no Brasil. Entretanto, essa breve recapitulação³ já se mostra suficiente para indicar alguns aspectos que marcam a clínica do acompanhamento terapêutico.

Conforme precisamente apontado por Rolnik (1997), talvez seja possível afirmar que uma das marcas constitutivas do acompanhamento terapêutico é a inquietação. Nota-se que essa palavra é utilizada a partir de seu valor simbólico: inquieto é aquele que está incomodado, insatisfeito. De fato, o acompanhamento terapêutico surgiu em um contexto de grande incômodo: desgaste e saturação de um modelo manicomial, que adoecia terapeutas e pacientes; incômodo que Tosquelles sentia, ao constatar a inaptidão dos médicos de estarem juntos aos loucos; incômodo de Marie Langer e Pichon-Rivière, frente a uma psicanálise débil para compreender a realidade social; incômodo de Nise, ao testemunhar as práticas tão brutais quanto ineficazes que a psiquiatria de sua época realizava; incômodo ainda que incontáveis profissionais e pacientes sentiam e que os convocava para a abertura de um novo campo. Por certo, o acompanhamento terapêutico não tem uma filiação nominal, é uma prática filha de uma época, de inúmeros pais e mães de diferentes nacionalidades. É filiado, portanto, ao incômodo geracional frente ao enclausuramento da loucura.

Nesse ponto, o leitor poderia, corretamente, apontar que essa filiação é insuficiente para a compreensão do que é o acompanhamento terapêutico. Com efeito, o incômodo geracional e o desejo de libertação da loucura produziram muitas práticas, distintas entre si, entre as quais o acompanhamento terapêutico é apenas uma. De que trata, então, essa prática?

³ Para o leitor que deseja saber mais detalhadamente sobre a constituição do campo de acompanhamento terapêutico no Brasil, recomenda-se a tese de doutorado da professora doutora Deborah Sereno (SERENO, 2018).

Algumas aproximações teóricas

Desde sua origem, esforços foram feitos para fornecer algum contorno teórico para o acompanhamento terapêutico, em que determinados autores privilegiam o caráter clínico dessa prática, ao passo que outros salientam seu aspecto social. Naturalmente, as diferentes ênfases não devem ser compreendidas de maneira excludente, na medida em que o acompanhamento terapêutico nasce justamente do encontro entre esses campos. Entretanto, acede-se que a visada teórica a seguir apresentada está pautada sob uma perspectiva clínica, embora não desconsidere a faceta social do trabalho.

Adota-se como ponto de partida o verbete proposto na Rua como o Espaço Clínico (A CASA, 1991, p. 30-31):

acompanhamento terapêutico: prática de saídas pela cidade, com a intenção de montar um guia que possa articular o paciente na circulação social, através de ações, sustentado por uma relação de vizinhança do acompanhante com o louco e a loucura, dentro de um contexto histórico.

Trata-se de uma definição aparentemente clara, mas que merece ser destrinchada em seus aspectos fundamentais. Primeiramente, nota-se que o acompanhamento terapêutico é definido como uma prática. O que significa isso? Significa, em primeiro lugar, o óbvio, isto é, que o acompanhamento terapêutico é algo que se faz. Pertence, dessa forma, à ordem do acontecimento, de tal sorte que sua relação com a teoria se constitui por eternas aproximações. Enquanto prática, o acompanhamento terapêutico pode ser visto como um campo, um conjunto de fenômenos sobre os quais é possível realizar uma série indeterminada de leituras. A inespecificidade da formação do acompanhante terapêutico, marca histórica dessa prática, indica precisamente o caráter "manual" deste trabalho, no sentido de que tornar-se at é efeito da prática de acompanhamento terapêutico. Não existe pedreiro que não levante paredes, muito embora alguns tenham instrumentalizado sua prática com conhecimentos de arquitetura; o mesmo pode se afirmar sobre o acompanhamento terapêutico. "O AT é uma ajuda especializada em funções que pertencem à vida mesmo. Tentamos potencializar aquilo que está, ou deveria estar, presente na vida de cada um", afirma Barretto (2012, p. 203). Isso implica uma relação particular com as considerações teóricas que surgem dessa prática. Embora historicamente a psicanálise tenha exercido uma influência considerável sobre o campo do acompanhamento terapêutico, seria equivocado restringi-lo dentro desta, ou qualquer outra perspectiva teórica. Evidentemente, aproximações teóricas podem adquirir valor na medida em são adquiridas

indutivamente pela prática singular de cada acompanhante. Entretanto, na medida em que adquirem um caráter dedutivo e sistematizante, tornam-se contraproducentes, silenciando e esterilizando a criatividade e originalidade vital que constitui o campo do acompanhamento terapêutico – e, em determinado sentido, de qualquer clínica do inconsciente. Afirmar Canepa (2018, p. 16-17):

Quantas e quantas vezes, não escutamos, nos bastidores de nossa atuação, a fundamental questão sobre a especificidade da clínica do acompanhamento terapêutico. Quantas e quantas vezes não se desenvolve, pelas mais variadas teorias, sofisticados raciocínios sobre a diferenciação entre a análise tradicional e o acompanhamento terapêutico. [...] Não deveríamos limitar nosso campo, pois o nosso campo é filho da abertura, do rompimento, da urgência de libertação. Quanto mais insistimos em fechá-lo, mais distantes ficamos de sua verdade originária, do afeto que o trouxe ao mundo.

Entende-se, portanto, que localizar o acompanhamento terapêutico enquanto prática implica situá-lo no campo da clínica do inconsciente⁴. Similarmente à psicoterapia freudiana, junguiana, ou de outras vertentes, a prática do acompanhamento terapêutico é marcada por uma relação de aproximação com determinadas teorias, assim como pela singularidade de cada terapeuta. Por certo, reafirma-se os aspectos delineados anteriormente, com o acréscimo de que se considera o entrelaçamento – e o alerta para a cristalização – com determinados sistemas compreensivos, os quais estão marcados na trajetória de cada acompanhante. Este acréscimo é particularmente significativo na apreciação da forma como a escrita sobre a prática do acompanhamento terapêutico se desenvolve. As considerações teóricas aqui tecidas concernem a uma trajetória, assim como à perspectiva futura que se desdobra a partir desta. Trata-se, nesse sentido, de ampliar as possibilidades de compreensão desse campo, sem a pretensão de circunscrevê-lo nessa leitura, tampouco desqualificar outras possíveis; afinal, o acompanhamento terapêutico é uma prática.

Estabelecido o sentido de acompanhamento terapêutico como prática, faz-se necessário considerá-lo em seus aspectos particulares, que o diferem das outras práticas clínicas. O primeiro a ser considerado é a "saída". O que significa fazer uma saída pela cidade? De imediato, significa responder ao incômodo do qual o acompanhamento terapêutico nasce e no qual se nutre; desenclausurar a loucura, fazê-la transitar novamente pelo espaço público, sustentar a saída do manicômio para a cidade. Por certo, sair pela cidade carrega esses sentidos.

⁴ Não se desconsidera que a própria noção de inconsciente é uma construção teórica. Todavia, aqui denominada, refere-se amplamente a esses fenômenos elusivos sobre os quais a compreensão do clínico será sempre limitada. Não se pretende, nesse sentido, estabelecê-lo de acordo com alguma conceituação específica, seja freudiana, junguiana ou outra.

Muitas vezes o acompanhante terapêutico é solicitado em situações nas quais a demanda – geralmente da família ou da instituição – é de que o acompanhado possa adquirir mais circulação e conexão com o mundo. Particularmente no caso de psicoses, muitas vezes há um profundo isolamento psíquico e social. O acompanhante teria, então, a tarefa de poder reconectar o sujeito com o mundo circundante, na aposta de que essa reconexão possa produzir efeitos psíquicos relevantes.

Uma saída ao bar, ao museu, ao parque tem a intenção de ser um momento em que o sujeito, com a facilitação do estar acompanhado, exerça alguma coisa de sua potencialidade vital, o que, muitas vezes, tira-o do mergulho que pode estar fazendo em direção à morte psíquica. O sucesso, no acompanhamento, está em sair pela cidade, participando de forma eficaz, prazerosa, na realidade urbana, sedimentando, com uma argamassa indefinida, um caminho, um lugar e um estar que conecta o sujeito com o mundo (A CASA, 1991, p. 28).

Há casos em que esse caráter de saída da cidade torna-se evidente. Entretanto, como compreender aqueles acompanhamentos que por vezes ocorrem por anos seguidos no quarto do acompanhado? Seria um acompanhamento fracassado aquele que não é capaz de produzir um deslocamento físico? Como se compreende a "saída pela cidade" nesses casos? São questionamentos pertinentes que merecem devida consideração.

De início, constata-se que há diversos casos com progressos terapêuticos significativos que envolveram pouca ou nenhuma circulação efetiva (GERAB; FARES; BONOMI, 2018). Desse modo, seria equivocado afirmar que o sucesso de um acompanhamento terapêutico pode ser medido pela saída concreta pelo mundo. Entretanto, caso se pretenda afirmar a saída pela cidade como aspecto constitutivo desta prática, torna-se necessário compreender o que significa, para além do aspecto mais imediato e concreto, sair pela cidade.

Há dois elementos a serem considerados. Primeiramente, sobre "saída". Enquanto substantivo, refere-se ao ato de sair, como também à saída enquanto indicação de um espaço no qual a ação de sair pode acontecer. Esta acepção permite uma ampliação da compreensão, na medida em que situa a saída como um espaço em potencial, no qual o sair se coloca em questão. Uma saída de emergência preserva sua característica de saída, muito embora não seja efetivamente utilizada. O que define saída, portanto, é a relação que se estabelece com a possibilidade de sair. Uma piada presente em *Ninotchka*, de Ernst Lubitsch elucida o sentido da afirmação: "[...] um homem entra em uma cafeteria e pede um café sem creme; o garçom responde: 'Desculpe, o creme acabou. Posso trazer um café sem leite?'" (ZIZEK, 2013, p. 454). O que se revela com essa cena? Sem dúvida, que a ausência – a negatividade – pode adquirir um caráter de positividade. A falta não se constitui como mera inexistência; ao contrário, é

registrada simbolicamente como indicativa de uma relação. Dentro dessa perspectiva, torna-se possível pensar em uma "saída caseira", na medida em que mesmo a não-saída já coloca como questão de trabalho a relação do acompanhado com a exterioridade. Em certo sentido, a própria presença do acompanhante já instala essa proposição, pelo simples fato de ele próprio ser "do fora". Destarte, percebe-se que a saída é intrínseca ao acompanhamento terapêutico na exata medida em que se apresenta como um de seus temas de trabalho, a partir de uma dupla implicação, tanto do acompanhante quanto do acompanhado. Se o manejo do tema da saída implica sair efetivamente para determinado lugar, isso dependerá de uma série de fatores e particularidades de cada caso.

O segundo elemento a ser considerado é o significado de cidade. *Urbi et Orbi*, já indica o ritual católico. A cidade, em sua complexidade, caracteriza-se pela familiaridade de uma vizinhança e pela imensidão de um mundo; trata-se de um espaço contraditório, que ao mesmo tempo indica moradia e exterioridade. Em seu aspecto imediato, refere-se ao entorno geográfico no qual o acompanhado e acompanhante se encontram e por onde se deslocam. Entretanto, a cidade não se refere apenas ao espaço físico, mas a todo conjunto, o que inclui os objetos, os acontecimentos e os sujeitos que circulam por esse espaço. Diversas são as situações em que a dupla do acompanhamento terapêutico é interpelada por terceiros ou mesmo acontecimentos (como trânsito, chuva, entre outros). Nesse sentido, caso o acompanhamento terapêutico fosse uma peça de teatro, a cidade não seria exatamente o palco – espaço vazio a ser ocupado pelos atores e cenário –, mas justamente a "estrutura cenográfica tridimensional que permite o movimento dos atores" (PORTO, 2015, p. 237). Compreendê-la dessa forma implica alterar a perspectiva figura-fundo, trazendo para o primeiro plano os elementos que compreendem o cenário no qual o trabalho se desenvolve, de tal modo que sejam incorporados na escuta e na disponibilidade corpórea do acompanhante. A cidade se configura, portanto, como campo potencial no qual a psique do acompanhado – e por que não do acompanhante? – se manifesta, o que implica uma escuta e comunicação tridimensional: consciente, inconsciente e mundana.

A passagem anterior pode intrigar o leitor. O que significa uma escuta e comunicação mundana? De imediato, significa constatar o caráter simbólico existente na cidade e no mundo. Melo (2009a) resgata o conceito de *enunciação pedestre* de Certeau para refletir sobre a qualidade subjetiva-expressiva que a circulação adquire, e nota como ocorrem alterações na presença do acompanhado nos diferentes espaços, isto é, afirma o efeito do espaço circundante sobre a subjetividade do indivíduo. Nesse sentido, uma escuta e comunicação mundana refere-se à capacidade de sintonizar-se com o caráter simbólico do cenário e aos efeitos subjetivos (sobre o corpo e a psique) que o espaço produz na dupla acompanhante-acompanhado.

Nas enunciações pedestres, o caminhante cria um estilo do uso que faz dos lugares, ou seja, trata-se não apenas de uma ação que acontece num determinado lugar, mas de uma prática que modifica o espaço urbano através dos de fazer [...]. Desta maneira, o lugar transforma-se num espaço do sujeito (MELO, 2009a, p. 156).

Até o momento, foram explorados os sentidos de prática, saída e cidade. Cabe agora refletir sobre o significado da expressão guia e circulação social. O que implica "montar um guia"? Embora o verbete faça alusão ao guia como objeto, no qual estão contidas informações relevantes sobre determinado lugar ou tema, entende-se que há um duplo aspecto a ser considerado. Primeiramente, enquanto objeto, guia refere-se à construção mútua realizada pela dupla acompanhante-acompanhado de um conjunto de referências, objetivas e subjetivas, do mundo circundante. Barretto (2012) afirma como a ampliação mútua de referências e significados é marca constitutiva do acompanhamento terapêutico. Montar um guia seria, então, alguma elaboração possível das experiências vividas pela dupla, seja pela descoberta ou pela nomeação ou ressignificação de acontecimentos, espaços e sujeitos. Trata-se, nesse sentido, da ampliação e vitalização do acompanhado (e acompanhante) na conexão com o mundo, que pode adquirir mais camadas, texturas e nuances. Afirma Barretto (2012, p. 139-140):

Nas perturbações psíquicas, observamos que um indivíduo utiliza-se de uma ou duas categorias para abordar suas experiências, o que implica, na maior parte das vezes, em distorções e pensamentos repetitivos. O acompanhante tem nesse campo a oportunidade de intervir para auxiliar o sujeito a ampliar sua consciência a respeito de si e do mundo. Evidentemente, isso só ocorrerá se o at puder discriminar, de maneira cada vez mais ampla, as sutilezas da experiência de estar vivo.

O segundo aspecto encontra-se anunciado no primeiro: se o acompanhamento terapêutico se imbuí da tarefa de montar conjuntamente com o acompanhado um guia, ele próprio torna-se um guia. Por certo, uma das funções do acompanhante é ser "intérprete ativo", atuando "como ponte entre o mundo interno e externo e vice-versa" (A CASA, 1991, p. 52), inclusive na própria relação da dupla. Parte significativa do processo de reconexão com a exterioridade é mediada e ocorre a partir e na dinâmica entre acompanhante e acompanhado, de forma que as indiscriminações, projeções e repetições se processam na construção e manejo do vínculo (A CASA, 1997). Guia adquire, portanto, um caráter de ação por parte do acompanhante.

Essa função não é estranha à prática clínica, tampouco à história da humanidade. Mendes (2018) resgata o caráter arquetípico da função de guia a partir da imagem do psicopompo, cuja etimologia aponta para o grego *psychopompós*, junção entre *psyché* (alma) e

pompós (guia). Sob uma perspectiva mítica, embora haja várias imagens e narrativas de psicopompo, nota-se que Hermes configura uma figura expressiva dessa função. López-Pedraza (1989) e Stein (2020) salientam a relação dessa figura com aspectos referentes à circulação, tanto no que concerne a marcações que orientam o percurso como também ao estabelecimento e transformação de fronteiras e limites; Hermes como "Senhor dos Caminhos" [*Lord of the Roads* no original] (LÓPEZ-PEDRAZA, 1989, p. 14). Brandão (2014; 2015), por sua vez, destaca como a figura de Hermes aparece como companheiro dos homens e mediador entre estes e os deuses do Olimpo, assim como seu aspecto criativo: "a palavra tornada audível" (BRANDÃO, 2015, p. 217). Entende-se, destarte, que a figura de Hermes enquanto psicopompo diz respeito à sua característica de mediação e conciliação, a partir da potência oriunda do tensionamento de polaridades. É a partir destas referências que Mendes (2018) destaca o caráter de psicopompo do acompanhamento terapêutico, expresso na possibilidade de acompanhar (e ser acompanhado) na travessia por crises, desafios, desejos e projetos. O acompanhante-guia atua, portanto, como outro que é capaz de percorrer conjuntamente com o acompanhado os diferentes trajetos e encruzilhadas, além de utilizar-se de sua experiência como amparo nessa navegação, no intuito de criar novos caminhos, redimensionar fronteiras e construir novas possibilidades de existência.

O psicopompo se estabelece dentro desta visão que acredita no descongelamento, como um indagador de vida, um contraponto ao adocimento, à paralisação e ao congelamento psíquico. É nesta figura do guia ou da iniciação: seria uma imagem de transição entre o processo de crise e a tentativa de se restabelecer psiquicamente (MENDES, 2018, p. 116).

Como compreender a circulação social nesse contexto? Em uma acepção mais imediata, depreende-se que a circulação social concerne à possibilidade de o sujeito estar engajado de maneira significativa no mundo comum e compartilhado. Relaciona-se, nesse sentido, à perspectiva antimanicomial que a noção de saída comporta: circulação social como desenclausuramento da loucura e inserção pertinente desses sujeitos no espaço comum. Dessa forma, a circulação social pode ser compreendida na construção de espaços de habitação ou lares, seguindo a noção de Hill (2012). Nessa perspectiva, a possibilidade de pertencimento em determinado espaço ou contexto permite ao sujeito a construção de relações e perspectivas, assim como assegura em alguma medida a contínua construção de uma personalidade – individuação, como nomeia Jung. Circulação social, portanto, diz respeito à possibilidade de vincular o acompanhado a diferentes espaços potenciais, a partir dos quais se torna possível o alargamento de seu campo existencial.

Visto de uma perspectiva horizontal, o lar é formado por meio de relacionamentos. As identidades emergiram dos apegos às diversas casas que criamos e interiorizamos no espaço entre o eu e o outro. O lar serve como continência, que preserva um senso de continuidade, conforme nos encontramos lançados em um mundo que pode ser estranho e imprevisível. [...] Visto de uma perspectiva vertical, o lar revela uma busca pela individualidade que transcende as experiências fugazes do tempo. [...] A maioria de nós ganha ou perde várias casas ao longo da vida. Apesar das perdas ou ganhos, algo em nós parece nunca desistir da esperança de pertencermos a alguém, algum evento ou algo, enquanto continuamos a construir a casa de vários andares da psique (HILL, 2012, p. 47. Tradução nossa)⁵.

Considerados os pontos anteriores, torna-se um pouco menos obscuro o sentido da prática do acompanhamento terapêutico. Todavia, a questão da técnica requer maior elucidação, isto é, ainda falta considerar como o acompanhante terapêutico faz aquilo a que se propõe. O verbete indica que o acompanhamento terapêutico acontece por meio de ações. A escolha por uma palavra abrangente e genérica evidentemente não é feita por acaso, uma vez que, diferentemente de outras intervenções terapêuticas, a forma pela qual o acompanhamento terapêutico ocorre não é predefinida, tampouco delimitada. Porto (2015, p. 281) situa essa prática como "uma máquina de aproveitar situações – ou às vezes fabricá-las". A imagem apresenta proximidade com o sentido da prática; se o acompanhante se propõe adentrar o universo do sujeito, logicamente os recursos dos quais ele poderá utilizar-se serão delimitados por cada situação específica, inclusive pela sua própria história e formação. De fato, é bem estabelecido que o diálogo não é a única – tampouco a principal – ferramenta da qual o acompanhante dispõe em seu trabalho. O corpo e a comunicação não-verbal adquirem importância, como também os diversos fazeres que se apresentam em determinada situação. Desse modo, o "como" do acompanhamento terapêutico só pode ser delimitado e construído a partir de cada caso específico. Na prática, isso significa que o trabalho pode ocorrer principalmente mediante passeios, conversas, jogos, artes, ou qualquer outro recurso expressivo. Essa plasticidade guarda relação com a dimensão anímica que "a cidade" adquire no acompanhamento terapêutico, no sentido que a construção da "técnica" utilizada provém da escuta tridimensional supracitada. Os acontecimentos nesta prática são simbólicos, o que significa que ao mesmo tempo que relevam determinado aspecto (geralmente concreto), contém

⁵ No original: *Seen from a horizontal perspective, home is formed in and through relationships. Identities have emerged from attachments to the diverse homes we have created and interiorized in that space between self and other. Home serves as a containing vessel, which preserves a sense of continuity, as we find ourselves thrown into a world that can be alien and unpredictable. [...] Seen from a vertical perspective, home reveals a quest for selfhood which transcends the fleeting experiences of time. [...] Most of us gain or lose several homes as we proceed through life. Despite loss or gain, something in us never seems to give up the hope that we belong to somebody, some event, or something, as we continue to build psyche's may-storied house.*

em sua expressão um âmbito psíquico. Entretanto, não se trata de uma substituição ou de um ocultamento, mas justamente de uma união. Nesse ponto, a compreensão junguiana sobre símbolos é de grande serventia.

Para Jung, o símbolo adquire sua importância por ser *coniunctio* entre o inconsciente e consciente, permitindo, por meio do pensamento simbólico, a transformação de energia inconsciente em consciente. Nesse sentido, seu aspecto consciente não é de menor valor, servindo apenas como metáfora ou condensamento; é parte integral da expressão do fenômeno. Conforme afirma Jung (2013b[1921], p. 140): "O símbolo unifica, em sua natureza, o oposto; e assim unifica também a oposição real-irreal [...] É uma realidade e, também, uma aparência". Situar os acontecimentos do acompanhamento terapêutico em termos simbólicos implica, portanto, valorizar a dimensão manifesta daquilo que ocorre, embora se mantenha sensível às possíveis conexões da determinada cena com conteúdos ou temas inconscientes. As ações, nesse sentido, caracterizam-se simultaneamente como apresentação e representação (PORTO, 2015). Precisamente a partir dessa dupla injunção que a ação adquire sua relevância, no sentido de que parte da realidade circundante do acompanhado ao mesmo tempo em que opera em direção a novas conexões e aberturas.

Como compreender o caráter simbólico das ações no acompanhamento terapêutico? Há uma aproximação útil que pode ser feita com o conceito de *emoção de lidar*. Essa noção, nomeada assim por um usuário da Casa das Palmeiras, foi desenvolvida por Nise da Silveira (1986) como uma forma de compreender o efeito terapêutico e subjetivante que determinadas atividades produziam. Suas elaborações encontram-se referidas dentro do contexto da terapia ocupacional e privilegiam "atividades expressivas individuais – pintura, xilogravura, modelagem, arranjo floral" (SILVEIRA, 1986, p. 13) –, embora também contemplem atividades recreativas, laborais e culturais. A autora observa como essas práticas expressam a subjetividade dos participantes, manifesta na forma como eles executam as tarefas (seja em termos de ritmo, materiais usados, espaço de trabalho ocupado, entre outros), no produto da atividade ou ainda na relação mediada pela atividade com o espaço e com os outros. A dimensão subjetiva expressa nessas atividades, além de seu valor clínico-diagnóstico, adquire uma dimensão terapêutica, na medida em que os sujeitos se tornam capazes de elaborar seus conflitos através do fazer dessas atividades: "Em vez de os impulsos arcaicos exteriorizarem-se desabridamente, lhe forneceremos o declive que a espécie humana sulcou durante milênios para exprimi-los: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música. Será o mais simples e o mais eficaz" (SILVEIRA, 1986, p. 16).

Percebe-se, portanto, que o caráter simbólico da ação no acompanhamento terapêutico pode ser compreendido a partir da qualidade subjetiva que determinadas atividades comportam. Por certo, embora a *emoção de lidar* descrita por Nise refira-se em larga medida a atividades estruturadas e semi-estruturadas, a própria experiência da Casa das Palmeiras demonstra como diversas oficinas foram criadas de maneira orgânica, a partir do interesse e da individualidade dos usuários. Nesse sentido, a ação no acompanhamento terapêutico pode ser compreendida como o esforço para criar em cada caso um ato, gesto ou atividade – seja este rotineiro ou pontual – uma reverberação no universo e na subjetividade do acompanhado. Trata-se, destarte, de um subjetivar-se por meio da ação.

O próximo aspecto a ser considerado refere-se à "relação de vizinhança do acompanhante com o louco e a loucura". Como o próprio verbete indica, esta relação sustenta a prática do acompanhamento terapêutico. Não por outro motivo, a reflexão realizada até o momento em alguma medida oferece elementos e sugere aspectos dessa relação. Contudo, o tema necessita ser considerado em maior profundidade.

Uma primeira observação refere-se ao próprio nome atribuído à prática: acompanhamento terapêutico. Historicamente, em algumas regiões, como na Argentina, a denominação inicial era amigo qualificado (MAUER; RESNIZKY, 1987). Embora esse nome tenha sido substituído, parte de seu sentido se encontra preservado na terminologia atual. Acompanhar, afirma Barretto (2012), tem sua origem no latim *cum panis*, que significa comer do mesmo pão. De fato, em uma perspectiva mais imediata, a dupla acompanhante-acompanhado partilha do mesmo pão; são pegos juntos de surpresa por uma chuva inesperada, perdem-se juntos no caminho para determinado lugar, ou ainda se mantêm juntos em um quarto escuro e fechado. A prática do acompanhamento terapêutico exige do acompanhante a disponibilidade para avizinhar-se da realidade de seu acompanhado. Todavia, avizinhar-se é distinto de morar. Seria equivocado compreender que a horizontalidade que a prática instala nega ou apaga as diferenças entre os pares. Vizinho é aquele com o qual determinado sujeito partilha certo espaço comum e proximidade, ao mesmo tempo em que mantém alguma distância. Nesse sentido, sua imagem arquetípica seria aquela do irmão, a *fratria*.

Barcellos (2018) resgata o arquétipo fraterno contrapondo-o aos dois regentes mais conhecidos da vida psíquica: materno e paterno. No entendimento do autor, o valor da *fratria* no processo de individuação reside na experiência da diversidade, no sentido de que o irmão romperia com a aglutinação "monoteísta" das filiações parentais, instituindo um campo de horizontalidade e singularidades. Não por outra razão, Barcellos aproxima o arquétipo fraterno da imagem de Hermes, indicando como as relações regidas pela *fratria*, ao estabelecer uma

diferença na semelhança – e uma semelhança na diferença –, permitem ampliações e novas significações na existência do sujeito. Esse aspecto é especialmente importante na clínica das psicoses, considerando o papel que as constelações parentais tipicamente exercem. Portanto, entende-se que a vinculação fraterna permite a produção de movimento na existência do sujeito, a partir da diferenciação que é própria desse tipo de vínculo.

O vínculo fraterno é um que não supõe a união de uma família natural, nem a sensação comunal de pertencer a uma instituição, ele considera o fragmentado e, no fragmento, o cada um, o Homem só. Nesta amizade dos irmãos que a experiência da loucura e da psicose mobilizam – uma vez que desnaturalizam a filiação e reabrem o pertencimento –, somos dessimetria e distância em busca de composições de uns em relação aos outros (PORTO, 2015, p. 277).

Compreender a relação entre acompanhante-acompanhado a partir de uma perspectiva fraterna reverbera com a função de psicopompo que o acompanhamento terapêutico comporta. Todavia, entende-se como pertinente destacar também a função catalisadora que a relação exerce. Acompanhando as observações de Nise da Silveira (2015), Melo (2001, p. 100) destaca a importância do afeto presente nas relações enquanto mobilizador "das forças autocurativas da psique". Por certo, muito do que ocorre no trabalho de acompanhamento terapêutico só é possível a partir de uma relação afetiva entre acompanhante e acompanhado, o que significa a possibilidade de nomear e expressar as diferentes emoções que são suscitadas pelos encontros, desencontros, eventos e ações que a dupla experimenta. Por fim, nota-se que, sob uma perspectiva transferencial, a reflexão elaborada no primeiro subtítulo do capítulo fornece os parâmetros gerais, de forma que se dispensa sublinhá-los novamente. Sobre estes, apenas se destaca como a relação acompanhante-acompanhado suscita no primeiro o contato e confronto com sua própria loucura, o que constitui um aspecto vital do trabalho de AT.

Resta, por fim, refletir sobre a indicação de "contexto histórico" indicada pelo verbete. Há um sentido mais imediato que já foi explorado no decorrer desta reflexão. Contexto histórico diz respeito, em um primeiro momento, ao universo no qual a dupla acompanhante-acompanhado se encontra. Refere-se, simultaneamente, às histórias de vida de cada um, ao mesmo tempo em que concerne ao mundo circundante no qual eles se encontram. Pode parecer uma obviedade, porque em certa medida é, mas a constatação dessas influências constitui parte fundamental da prática, permitindo o desenvolvimento de ações que possam reverberar significativamente no universo do acompanhado. Esse reconhecimento também adquire sua importância na medida em que contribui para a construção de um raciocínio clínico. Evidentemente, o acompanhamento terapêutico, embora não tenha em seu principal interesse o

desvelamento de uma história passada (e tipicamente inconsciente), se beneficia da elucidação sobre o passado do sujeito. Compreender o contexto histórico, portanto, permite ao acompanhante orientar-se de modo mais efetivo em sua prática, propiciando maior aproximação da realidade de seu acompanhado, como também possibilitando a construção de ações significativas dentro deste universo.

Não obstante, há outro sentido possível para contexto histórico, que faz alusão à ética do acompanhamento terapêutico. Ao considerar as influências históricas dessa prática, afirmo sua filiação a uma inquietação geracional. O acompanhamento terapêutico surge a partir do esgotamento de um sistema e na promessa de uma nova forma de tratar a loucura. Norteia-se, pois, por uma ética clínica que preconiza a liberdade, o público e a diferença, sendo esta a pedra de toque de qualquer trabalho nesse campo. Afirmar que o acompanhamento terapêutico é uma prática que ocorre dentro de um contexto histórico significa, portanto, reafirmar seu caráter antimanicomial e, conseqüentemente, político. Esta é uma dimensão que permeia toda a prática e não pode ser esquecida.

Afinal, o que faz o acompanhante terapêutico?

Perde-se de vista o número de vezes em que esse questionamento é feito, seja por colegas que desconhecem a prática, familiares dos acompanhados ou eles mesmos – seja, ainda, pelos próprios acompanhantes terapêuticos. Eu já me encontrei em diversas situações em que precisei responder a essa pergunta e parece-me que novamente ela se apresenta. Afinal, o que eu faço? Como eu atuo? Por certo, a aproximação teórica fornece alguns elementos que ajudam a compreender sob uma perspectiva clínica essa prática e naturalmente expressam em parte uma ótica minha – o próprio verbete pode ser tomado como uma possível resposta para essa pergunta. Contudo, vejo como necessário apresentar esta prática sob o prisma de uma trajetória e uma experiência. Embora parte desta apresentação tenha sido feita no prólogo, parece-me oportuno compartilhar com o leitor alguns pensamentos, histórias e dúvidas, no intuito de poder responder em primeira pessoa à pergunta "o que faz o acompanhante terapêutico?". Desse modo, a apresentação a seguir expressa uma tentativa de compartilhar parte da minha perspectiva e experiência nessa prática, a partir dos aspectos destacados no subtítulo anterior.

A saída

Nas minhas primeiras experiências de acompanhamento terapêutico, sentia uma pressão interna para que eu saísse com meu acompanhado. Afinal, se havia uma restrição de circulação, o que eu estaria fazendo lá se ficasse com o sujeito trancado em seu quarto? Por sorte, meu primeiro acompanhado portava uma melancolia que dificultava qualquer deslocamento – o mundo era sempre ameaçador e a tragédia habitava na esquina. Aprendi "na marra" o quanto era possível circular sentado em um banco. Durante um ano que o acompanhei, acredito que nos deslocamos fisicamente não mais que cinco vezes, ao mesmo tempo em que pude testemunhar e acompanhar diversos deslocamentos subjetivos.

Em casos posteriores, experimentei a exterioridade que a figura do acompanhante carrega e como minha presença como alguém "de fora" mobilizava uma diversidade de reações no acompanhado, em sua família ou na instituição no qual ele estava inserido. Percebi também como essa exterioridade permitia uma visão diferenciada da situação que por vezes se tornava possível de compartilhar: "o fora" se encontrando com "o dentro". É interessante observar como a "saída" se expressava de formas infundáveis: no bairro do qual eu vinha, na escola que estudei, nas ideias que tinha sobre a vida, nas roupas que usava, no café sem açúcar que tomava, entre tantas outras.

Compreendi, portanto, como "uma saída" ocorre na própria relação com a diferença. Poder experimentar, tensionar, e sublinhar essas diferenças constitui a possibilidade de saída. Vejo, nesse sentido, que a clausura por vezes se expressa no esforço – seja do acompanhado, da instituição, da família ou próprio – de apagar essas diferenças. Aprendi, por fim, que a importância de se deslocar fisicamente se apequena frente à pertinência de sustentar uma presença autêntica como expressão do "fora".

A cidade

Experimentar os espaços e pensar sobre a cidade talvez sejam os maiores aprendizados que tive no acompanhamento terapêutico. Em minha vida, aprendi a escutar o que os outros diziam e expressavam com o corpo, assim como o que eu próprio me dizia, seja por pensamento ou corpo. Todavia, nunca havia considerado que os objetos, os eventos e a natureza fossem passíveis de comunicação. Quando comecei a trabalhar como acompanhante terapêutico abri minha percepção para o caráter poético – *animado* – do mundo. Certa vez, estava caminhando com meu acompanhado pelo bairro quando percebi que estávamos andando em círculos:

contornando os mesmos dois quarteirões diversas vezes. Notei, então, que havia uma semelhança entre nossa conversa e nosso caminhar: uma repetição circular que se insistia sobre nós. Aprendi aquele dia sobre o caráter comunicativo do fazer no acompanhamento terapêutico: como se utilizar do ambiente para se expressar. Em experiências posteriores pude experimentar também o valor expressivo que determinados objetos adquiriam, como uma chuva inesperada ou uma pessoa estranha no metrô.

Em uma experiência mais recente, já durante a pandemia do Covid-19, estava caminhando com meu acompanhado pelo bairro próximo de sua casa. Notei que comecei a sentir um mal-estar e não soube em um primeiro momento localizar sua origem: nossa conversa não era de um teor que me mobilizaria esse tipo de afeto e eu estava em um dia bom, sem muitas preocupações. Observei meu entorno e vi comércios fechados, placas de "vende-se" ou "aluga-se" e as ruas desertas, sem outros pedestres além de nós. Entendi que meu mal-estar tinha relação com o cenário no qual estávamos. No meio da pandemia, entre muitas mortes evitáveis e a ampliação da miséria, aquele espaço se apresentava como testemunho do momento em que estávamos. A cidade fala se soubermos escutá-la.

Por fim, sobre essa escuta mundana, gostaria de destacar como a casa se apresenta como um espaço privilegiado da expressão subjetiva. Há uma intensidade reveladora em habitar, mesmo que por algumas horas na semana, o espaço no qual o acompanhado mora. Há diversos exemplos que poderia comentar, mas me contento com um dos mais intensos. Certa vez, acompanhei por certo tempo um sujeito em um momento crítico e dormia em sua casa em dias alternados. Com o tempo, pude perceber que a sua casa expressava justamente sua condição: outrora homem bem-sucedido, estava em um momento de crise e falência subjetiva, afastado de amigos e familiares. Sua casa, semelhantemente, era grande e bem decorada, mas acumulava pó e mostrava-se abandonada. Ambos expressavam um esforço de se sustentar em uma posição potente, embora denunciassem uma fragilidade e certa falência.

Em suma, experimentar a cidade me fez aprender que acompanhar é estar sensível no corpo e nas ideias para aquilo que o entorno produz em si e no outro. O que esse objeto nesse lugar me comunica? Como me sinto no ambiente que estou? Como meu acompanhado fica nesse espaço? Essa "escuta mundana" é uma das minhas pedras de toque nos casos que acompanho.

Guia

A função de guia que o acompanhamento terapêutico comporta sempre me intrigou. De início, não entendia como poderia ser um guia, uma vez que isso implicava que eu deveria ter um conhecimento sobre algo que pudesse orientar meu acompanhado – e quem seria eu para saber algo sobre a vida de outra pessoa? Em contrapartida, ressoava-me a ideia de que o guia seria meu acompanhado. Sustentava a crença de que meus acompanhados dariam o tom do trabalho e bastaria seguir suas indicações, o que me fazia adotar uma postura em alguma medida "passiva" nos acompanhamentos. Com o tempo, experimentei a insuficiência de uma posição que somente aguarda a condução. Percebi um ímpeto criativo e propositivo que surgia em determinados momentos e comecei a experimentar posturas distintas. Notei que havia certa *malandragem* que o trabalho exigia, uma criatividade de contornar e propor algo em situações pesadas e rígidas. Quando descobri a associação entre guia e Hermes, compreendi um pouco melhor o que poderia ser essa função no acompanhamento terapêutico. *Trickster* por natureza, o Deus grego talvez fosse o mais humano das divindades, o que lhe colocava em uma posição de mediação. Entendi, então, que guia também deveria ser compreendido sob a perspectiva de alguém cuja mediação não está orientada somente em um saber próprio, mas na capacidade de escutar e apreender aquilo que o outro deseja e assessorar a manifestação e concretização dessa intenção.

Certa vez acompanhava um rapaz cuja loucura parecia estar associada à impossibilidade de se assumir homossexual. Quando adolescente e descobrindo-se sexualmente, sua mãe teria cuspidido em seu rosto e lhe dado um tapa, dizendo: "prefiro ter um filho louco do que bicha"; cena forte que o marcou de modo significativo. Nosso trabalho circulava em torno da possibilidade de ele experimentar sua sexualidade. Em determinado encontro, estávamos no shopping, quando, ao passarmos por um casal homossexual, ele me disse: "Posso te pedir uma coisa? Queria saber como é andar de mão dadas com outro homem". Solicitação inusitada que, porém, considerei: "É, isso é algo que casais geralmente fazem e acho que é por isso que você quer experimentar. Muitas coisas você vai ter que arranjar outro cara para experimentar, mas essa posso te ajudar", respondi. Andamos alguns metros de mãos dadas e logo ele soltou, com uma expressão feliz.

Nessa cena, minha função como guia se expressou na possibilidade de ele experimentar parte do que significa se relacionar com outro homem. Naturalmente, há diversos limites para essa função e deve-se atentar para não se perder excessivamente nesse mergulho que é exigido – Hermes sabia navegar na noite escura sem se desorientar. A função de guia, portanto, exige

uma disponibilidade e atenção por minha parte, na medida em que me insiro e partilho da realidade de meu acompanhado, ao mesmo tempo em que mantenho um fio de Ariadne que assegura que eu não me perca no labirinto.

Circulação social

Em minha experiência, o aspecto da circulação social encontra-se associado de maneira significativa à noção de saída e de guia. A perspectiva de criar novos espaços de pertencimento e alargamento da existência me parece ser o azimute do trabalho de acompanhamento terapêutico, o que se torna possível a partir de uma exterioridade que o acompanhante carrega e de sua possibilidade de assessorar seu acompanhado nessa expansão. Naturalmente, essa direção de trabalho não é simples, uma vez que exige uma mediação do sujeito com os diferentes espaços que muitas vezes se mostram reativos à possibilidade de recebê-lo. Há um esforço para criar novos lares e por vezes transformar também os existentes para que o acompanhado possa ter outra inserção nos contextos que habita.

Certa vez, acompanhei um rapaz com uma deficiência intelectual. Minha entrada se deu logo após ele perder seu emprego, que era um local de socialização e pertencimento. Deprimido, o rapaz passava o dia deitado e não se mostrava muito receptivo ao meu contato. Com o tempo, consegui estabelecer um vínculo com ele e fui entendendo que a perda do cargo significou também a perda do convívio social que ele tinha. Sem o pertencimento a uma instituição, seu contato social mostrava-se muito empobrecido e parecia que ele não tinha nenhum amigo. Com o tempo, fomos experimentando algo que poderia ser descrito como uma amizade e percebi que nosso vínculo servia como ensaio para ele se relacionar com outras pessoas. Íamos experimentando os limites, diferenças e semelhanças entre nós e notei a transformação que nossa relação teve no decorrer do trabalho (seja por ele se tornar mais tolerante às minhas ausências – como férias, demora para responder mensagem, entre outras –, seja por ele aprender a sustentar uma conversa na qual houvesse troca – em oposição aos monólogos que ocorriam quando nos conhecemos). Eventualmente, ele conseguiu criar alguns laços mais consistentes com um morador de seu prédio, como também conseguiu um novo emprego, no qual pode fazer novas relações. Atualmente, embora desempregado, mantém contato com algumas pessoas e mostra-se menos isolado em relação à quando eu o conheci.

Entendo, portanto, que circulação social concerne à possibilidade de criar espaços de pertencimento e inserções significativas. Orientado por uma perspectiva antimanicomial, vejo como o enclausuramento não se restringe a instituições psiquiátricas de muros altos e portas

trancadas. Muitas vezes, a exclusão se expressa no restrito universo existencial-social que o sujeito experimenta, seja por sua pobreza de relações ou impossibilidade de circulação e inserção em diferentes espaços. Desse modo, procuro colocar meu vínculo com o acompanhado e minha singularidade a serviço da ampliação desse universo, na aposta de que ele irá se beneficiar de um alargamento existencial.

Ações

Este é um aspecto do acompanhamento terapêutico em que por muito tempo tive dificuldades. O que fazer quando se está com o acompanhado? Meus maiores impasses surgiam em casos cuja mortificação psíquica era expressa e intensa. Referido na noção de circulação social, via nas ações a forma por meio da qual seria possível produzir alguma mobilização e ampliação, embora muitas vezes não vislumbrasse possibilidades concretas. Percebi, com o tempo, que essa dificuldade guardava relação com minha própria trajetória: meus interesses ao decorrer da vida foram em larga medida intelectuais, de modo que meu "repertório" encontrava-se principalmente no campo do diálogo e das ideias. Dessa forma, embora carregasse experiências importantes no campo da música, dos esportes e da yoga, sentia uma distância de um contato mais manual com a realidade. Essa marca de minha trajetória me fazia um tanto afinado para os delírios e reflexões que alguns acompanhados faziam, mas me distanciava da possibilidade de instituir uma *emoção de lidar*. Foi necessário certo amadurecimento de minha prática, assim como uma compreensão mais aprofundada sobre a função de guia, para que eu pudesse experimentar com meus acompanhados ações significativas fora do campo da palavra. Em um âmbito pessoal, esse processo também me aproximou de meu próprio corpo e me abriu caminhos expressivos que até então eram inacessíveis para mim. Por fim, considero que há muito a aprender ainda sobre a ação no acompanhamento terapêutico e vejo no próprio trabalho a possibilidade de continuar esse aprendizado.

Vizinhança com o louco e a loucura

E assim chegamos ao aspecto mais íntimo do acompanhamento terapêutico. Como experimentei e experimento essa vizinhança com o louco e a loucura? Talvez já tenha comentado algo deste tema no prólogo, mas me parece importante versar um pouco mais sobre isso. Entretanto, percebo que navego por mares ainda desconhecidos e ainda não sei ao certo o que refletir sobre esse assunto. Noto um desejo de manter-me próximo da psicose e, embora não romantize essas experiências como já fiz no passado, ainda sustento a crença de que posso aprender sobre o mundo e sobre mim próprio a partir dessa proximidade. De outro lado, percebo também que concilio nesse campo a possibilidade de uma atuação política em prol da diferença e do público. Por certo, ambos esses aspectos já foram previamente mencionados, mas afirmo eles aqui como fatores que marcam minha relação com a loucura.

Entretanto, devo considerar essa vizinhança a partir de minhas experiências pessoais. Se é verdade que vejo no louco alguém que porta um saber, também é verídico que muitas vezes me senti perdido na vida. Como se assistisse meu próprio filme, experimentava os acontecimentos sem um senso forte de agência e questionava-me sobre meu lugar no mundo. Havia certa distância contemplativa com a realidade, embora sob uma perspectiva objetiva eu fosse uma pessoa muito bem inserida e produtiva. Sempre pareceu fácil ser eficiente e eficaz, na medida em que há diversos marcadores sociais que te orientam nas diferentes expectativas; muito mais difícil era apreender o sentido das coisas e efetivamente se localizar no mundo. Sentia-me distante da realidade e as exigências sociais que realizava com pouco esforço me pareciam tão desprovidas de sentido quanto as pessoas que as sustentavam. Sentia muitas vezes uma desvitalização burocrática no exercício da vida cotidiana e passava os dias à deriva em meus pensamentos e fantasias. Este sentimento me acompanhava no decorrer de minha infância e adolescência. Todavia, tive a sorte de encontrar pessoas cujas relações me produziam um contato autêntico com a realidade. Vivenciei nas diferentes relações sociais, fraternas e amorosas, uma vitalidade que se contrapunha à passividade contemplativa que por vezes experimentava. Hoje vejo como essas relações me mantiveram – e me mantém – aterrado, tornando mais possível conviver com essa grande incompreensão sobre a vida. Talvez se não eu tivesse vivido relações autênticas e pertinentes, teria me perdido em meus questionamentos e fantasias, cristalizado em uma contemplação passiva da realidade. Pessoas próximas dizem que ainda hoje eu me perco facilmente em meus pensamentos, embora também valorizem minha presença nas relações – "não te admiro por te achar inteligente, te admiro por te achar muito humano", como uma amiga carinhosamente me disse.

Talvez no fundo acredite que possa oferecer, por meio de minha presença e meu vínculo, algo do que me foi oferecido por minhas relações: um contato vital com a realidade. Na loucura, vejo sujeitos com muita profundidade e pouca possibilidade de compartilhar suas angústias, seus aprendizados e suas intuições. Meu desejo, portanto, é de aliar essa profundidade com uma existência menos solitária, ou no mínimo solitária por escolha. Há uma verdade na ideia de que o afeto é a via régia do trabalho e se eu puder ser um interlocutor desses sujeitos na navegação pela vida, trilharei o caminho certo.

Contexto histórico

Chegamos, enfim, ao último aspecto a ser considerado sobre o acompanhamento terapêutico. Parece-me oportuno encerrar com uma reflexão sobre o contexto histórico no acompanhamento terapêutico. Até o momento, refleti sobre minha implicação pessoal com essa clínica. Contudo, como diz o ditado popular, uma andorinha só não faz o verão, de modo que devo reconhecer também minha implicação no contexto mais amplo no qual minha prática está inserida.

Sempre tive incômodo com a marginalidade que certas populações experimentam em nossa sociedade e, embora por muito tempo não tivesse uma consciência política que me permitisse compreender as dinâmicas envolvidas nos processos de exclusão e dominação, questionava-me sobre o que poderia ser feito para promover maior equidade. Ao ingressar no ensino superior, tive maior contato com diferentes grupos políticos e comecei a desenvolver um posicionamento próprio. Entretanto, foi somente na Psicologia que obtive alguma dimensão sobre a luta antimanicomial, até então desconhecida para mim. Fiquei horrorizado ao aprender sobre a história da psiquiatria e descobri que havia vários como Lombroso no campo da saúde mental. Aprendi, também, sobre a relação entre as diferentes marginalidades, seus denominadores comuns e suas particularidades e como a loucura se insere como uma variável dentro desse contexto. Aprendi, por fim, que havia na história desse campo e desses profissionais e pensadores, cuja ética estava orientada para a sustentação da diferença e o projeto de uma sociedade mais diversa e inclusiva. Tive o privilégio de me formar com professores que mantinham essa perspectiva viva e imbui-me da responsabilidade de somar esforços nesse processo.

Naturalmente, ainda me questiono sobre quanto mais posso fazer. Certa vez li um texto que dizia sobre o paradoxo da justiça: quando mais justa uma sociedade, mais sensível ela se torna às injustiças e, conseqüentemente, menos justa ela se percebe. Talvez eu carregue uma

autocrítica grande, embora me questione sobre o que mais poderia fazer. Por certo, sinto uma desesperança geracional tão bem identificada por Fisher (2009) que por vezes me desmobiliza em relação ao futuro. Todavia, encontro esperança e conforto ao trabalhar e conviver com colegas que sustentam um trabalho ético e vislumbram um horizonte que tire a humanidade de sua pré-história e encerre a opressão do homem pelo homem. Poder contribuir para esse processo, ainda que de maneira pequena e localizada, talvez seja o suficiente. Como versa o Talmude: aquele que salvou uma vida, salvou o mundo inteiro.

O meu verbete

Seria demasiada pretensão propor uma definição para acompanhamento terapêutico. Cada um experimenta essa prática de modo singular e constrói daí uma diversidade de compreensões; e não me arrisco a sintetizar a ética que une as diferentes práticas. Todavia, sinto-me autorizado a versar sobre minha experiência nesse campo, como o fiz, e a partir daí esboçar uma resposta para a pergunta: afinal, o que faz o acompanhante terapêutico?

De modo simples e direto: estar junto, celebrar no comum as diferenças e construir novos laços e caminhos. É isto que faz o acompanhante terapêutico.

6. PSICOSE E MIRÍADE CALEIDOSCÓPICA: O SENSÍVEL E O INVISÍVEL

A história da loucura é extensa, sinuosa e elusiva, possivelmente tanto quanto o próprio fenômeno. Muito já foi escrito sobre o assunto e suas diferentes manifestações, embora talvez seja a partir da experiência psicótica que o discurso penetre de maneira incisiva no meio científico. Por certo, esse acontecimento não é fortuito e está relacionado aos processos históricos, políticos e sociais, cujos efeitos não correspondem somente às modalidades discursivas e práticas que orbitam a loucura, mas também às próprias expressões que o fenômeno adquire através do tempo (FOUCAULT, 2014). Nesse sentido, a integração da loucura no campo da saúde não é evidente e natural, mas realizada a partir de modificações no cenário socioeconômico e suas implicações nos saberes vigentes.

Considera-se que a progressiva absorção e institucionalização da loucura, alinhada com a crescente visão e prática médica sobre o fenômeno, produziu uma captura discursiva "objetificante", destituindo a loucura de sua outrora autonomia e presença pulsante. Afirma Foucault (2014, p. 439):

E se o novo espaço do internamento aproxima, a ponta de reuni-las numa morada mista, a loucura e a razão, ele estabelece entre ambas uma distância bem mais temível [...] por mais livre que seja a loucura no mundo que lhe prepara o homem razoável, por mais próxima que esteja de seu espírito e coração, nunca deixará de ser para ele nada além de um objeto. Não mais o outro lado sempre iminente de sua existência, mas um evento possível no encadeamento das coisas.

A apropriação do fenômeno da loucura como objeto passível de avaliação e intervenção fortalece o discurso médico a partir de sua "engenharia reversa". Desse modo, objetificando os fenômenos e as práticas, toda a pluralidade de expressões humanas torna-se aplainada sob o olhar médico, que encontra nas figuras históricas dos loucos as mesmas formas e os mesmos aspectos e nas práticas asilares a germinação de um saber médico que ainda não havia se constituído; tudo em uma harmoniosa progressão que faz jus "à justiça da história e, de o outro, à eternidade da medicina" (FOUCAULT, 2014, p. 119). É simples afirmar a eternidade de um saber a partir de um leito de Procusto, imperioso e determinante sobre aquilo que se discursa. Por certo, tudo o que se procura, será descoberto; e aquilo de que descuramos, nos escapa – já afirmava Creonte (SÓFOCLES, 2018).

Essa posição discursiva ainda opera na contemporaneidade, seja em algumas análises organicistas que desconsideram os aspectos sociais e políticos envolvidos na saúde mental (FISHER, 2009), práticas manicomiais que ainda persistem ou ainda de forma impregnada em

certos âmbitos da Psicologia. No decorrer do século XX, contudo, reposicionamentos importantes foram possíveis, embora por vezes não fossem diametralmente opostos ao saber médico vigente ou desfizessem todos os nós e estruturas que orbitavam essa lógica – como Foucault (2014) aponta em relação a Freud. Entretanto, essas novas formulações e posições permitiram a construção de outro olhar para o fenômeno da loucura. Desse modo, considerando a filiação antimanicomial referida no capítulo anterior, e visando compreender, ainda que modesta e parcialmente, a experiência psicótica, três prismas serão apresentados neste capítulo: um que realça os processos psíquicos envolvidos na constituição e no funcionamento psicótico, outro que destaca a influência das relações interpessoais – notadamente as dinâmicas familiares – na constituição de uma psicose e um terceiro que reflete sobre a experiência espaço-temporal no fenômeno psicótico.

Por fim, embora reconheça-se as diferenças entre os prismas e suas autonomias enquanto formas de compreensão, de modo que uma congruência não seja possível (e em certo sentido nem desejada), afirma-se que cada um fornece elementos pertinentes para uma aproximação desse fenômeno elusivo. Vale-se aqui da perspectiva de Jung, que via em seus conceitos e hipóteses uma "caixa de ferramentas" (MELO, 2001, p. 33), no sentido de que considerava a pertinência de suas especulações e formulações na exata medida em que estas poderiam lhe orientar em cada caso. Busca-se, portanto, uma leitura caleidoscópica, evitando assim o engodo de um discurso totalizante ou absoluto.

A Clínica de Babel

Há um conto de Jorge Luis Borges (2007) intitulado "A Biblioteca de Babel" no qual é descrita uma biblioteca cuja extensão é incerta, embora pareça infinita, que contém um número incalculável de livros. As galerias hexagonais comportam em cada um de seus lados, excetuando dois, cinco prateleiras, cada qual com trinta e dois livros. Estes, por sua vez, possuem um formato uniforme: quatrocentas e dez páginas, cada uma com quarenta linhas e em cada linha oitenta caracteres. Muito do que se encontra escrito nos volumes é aparentemente sem sentido, uma sequência randômica, por vezes entremeada por palavras ou frases significativas. As investigações conduzidas ao decorrer do tempo chegaram à seguinte conclusão: "[...] os livros, por mais diversos que sejam, constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto. [...] Não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos" (BORGES, 2007, p. 73). Dessas constatações, inferiu-se que haveria na biblioteca tudo o que fosse possível de ser escrito com esses vinte e cinco caracteres. Essa hipótese,

fortemente disseminada, produziu diferentes atitudes frente ao acervo. Alguns acreditam ser possível descobrir sua vindicação nos aparentemente eternos hexágonos; então peregrinam à Biblioteca em busca de sua verdade. Já outros entendem que em algum lugar deve haver um livro que contenha a chave para a compreensão de tudo aquilo que se apresenta; volume secreto cujas linhas desvelam o sentido da Biblioteca, do tempo e do universo. Outros, ainda, procuram criar essa obra por ação própria, incessantemente combinando caracteres, esperando um aceno de Fortuna que permita a construção desses livros fundamentais. Outros, por fim, imbuídos de um fervor asséptico, vasculham os hexágonos, destruindo todos os livros cujo conteúdo seja visto como combinação aleatória e inútil; higienização que permitiria a visualização daquilo que se chama de verdade. Por certo, a ideia de que tudo que é possível ser pensado já está escrito produz uma diversidade de reações. Há uma inquietação que essas produções, aparentemente randômicas e que simultaneamente expressam um sentido velado, produzem.

Apesar de a biblioteca descrita por Borges nunca ter se materializado⁶, talvez parte dela tenha existido nas clínicas e hospitais psiquiátricos do século XX; sujeitos perplexos, debruçando-se sobre fenômenos e discursos estranhos, questionando seus sentidos e implicações para a compreensão do ser humano e da realidade. Uma dessas clínicas de Babel era a Clínica Burghölzli, em Zurique, na qual Jung trabalhava como assistente do psiquiatra Eugen Bleuler, pesquisando sobre o funcionamento e a constituição de diversos quadros psiquiátricos, mais notadamente a esquizofrenia (ainda denominada *dementia praecox*). Na época, a posição da psiquiatria orbitava em torno dos fatores orgânicos – como lesões cerebrais – supostamente associados aos diferentes quadros psicopatológicos, de forma que os aspectos psicológicos eram considerados secundários em termos de etiologia (JUNG, 2013a[1907]). Nesse sentido, o enfoque era restrito a alterações em funções como atenção, percepção ou em aspectos afetivos, como o embotamento, a apatia, entre outros. Jung, todavia, por meio de sua experiência clínica e sua investigação pelo método associativo, procurou questionar a postura asséptica da psiquiatria de sua época, lançando luz sobre aspectos psicológicos na constituição e no funcionamento dos fenômenos psicóticos, aprofundando e levando adiante a clínica compreensiva de Bleuler.

⁶ Desde o lançamento do conto, um professor de Literatura chamado Jonathan Basile, com o auxílio de alguns colegas, criou uma biblioteca virtual que emula o princípio básico da biblioteca descrita por Borges. Ela se encontra disponível no seguinte endereço: <http://libraryofbabel.info/About.html>

Os complexos ideo-afetivos e a dissociação do Eu

As contribuições de Jung, nesse início do século XX, estão relacionadas às suas pesquisas com o método associativo e o conseqüente desenvolvimento da noção de complexo. Esse se refere a um experimento no qual é solicitado ao sujeito responder a palavras-estímulos pré-determinadas com a primeiro termo que vier a sua mente; cronometrado seu tempo de reação para cada palavra-estímulo, assim como registrada sua resposta, se repete o experimento com as mesmas palavras, solicitando ao participante que responda com as mesmas palavras que utilizou na vez anterior (JUNG, 2013i[1935]). Jung se intrigou pelos lapsos que surgiam durante a aplicação – seja no tempo de resposta demorada em determinada palavra-estímulo, seja na falha de memória na reprodução da palavra dita anteriormente, ou ainda na reação emocional que determinada palavra-estímulo produzia no participante. Suas investigações revelaram que essas variações estavam relacionadas a manifestações psíquicas que determinadas palavras-estímulos produziam, tipicamente associadas a fatos ou eventos de grande importância afetiva, dos quais os participantes geralmente não tinham consciência. Para se referir a essas condensações imagético-afetivas, Jung construiu a noção de complexo afetivo.

O que é, portanto, cientificamente falando, um "complexo afetivo"? É uma imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de *autonomia*, vale dizer: está sujeito ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isto, comporta-se, na esfera do consciente, como um *corpus alienum* (corpo estranho), animado de vida própria (JUNG, 2013d[1934], p. 43).

Há alguns elementos importantes na conceituação de complexo que ajudam a elucidar o caminho traçado por Jung nas suas investigações sobre a esquizofrenia. De imediato, sublinha-se o caráter afetivo do complexo e sua incompatibilidade com a disposição habitual da consciência, que apontam para a origem traumática ou conflitiva que constitui a maior parte dessas amálgamas imagético-afetivas, assim como sugerem seu caráter parcial e dissociado da consciência. Entretanto, os complexos, embora tipicamente adensem-se a partir de uma experiência traumática, têm como característica constitutiva uma incompatibilidade – parcial ou total – com a consciência, a partir da incapacidade desta de abarcar a experiência vivida. Dessa forma, depreende-se que os complexos são constitutivos da psique humana e formam-se a partir da própria natureza parcial e limitada da consciência. Destarte, o próprio Eu pode ser compreendido como um complexo, na medida em que se constitui também a partir da

condensação de experiências de ipseidade. No limite, afirma Jung (2013a[1907], p. 50. Grifos do autor): "*o eu constitui a expressão psicológica de uma combinação firmemente associada entre todas as sensações corporais*. Deste modo, a personalidade é o complexo mais sólido e mais forte".

Todavia, apesar de ser um complexo, o Eu difere dos demais, na medida em que é constituído como centro típico da consciência, o que implica que a maior parte da experiência consciente ocorre por meio do Eu – embora este próprio não seja idêntico à consciência. Dessa forma, entende-se que as funções de agência e adaptação à realidade, assim como a memória e a autopercepção, encontram-se sob a regência desse complexo. Isso significa que na atividade típica da consciência os demais complexos encontram-se inibidos, o que assegura que a atenção e agência estejam concentradas no Eu (JUNG, 2013a[1907]).

A centralidade do Eu como regente da experiência consciente tem como implicação outro aspecto da conceituação do complexo autônomo: sua autonomia em relação ao Eu. Se na experiência consciente típica há inibição e repressão dos complexos, entende-se que a unidade e continuidade da experiência está atrelada à possibilidade do complexo do Eu centralizar suas respectivas funções. Contudo, em certas ocasiões, determinada vivência pode suscitar, devido à sua tonalidade afetiva e/ou ao seu sentido associativo, um adensamento específico que não se encontra disposto na consciência, seja ou não por efeito de repressão. Nesse momento ocorre um fenômeno que Jung denominou de constelação, isto é, a emersão do afeto atrelado ao determinado complexo e às próprias imagens que o constituem, deslocando o complexo do Eu do centro da consciência.

A forma como o complexo do Eu responde à constelação depende de uma série de fatores. Na maioria das vezes, esse deslocamento é momentâneo e parcial, de modo que o Eu ainda retém parcela da consciência, embora tenha suas funções inibidas. Isso significa que a consciência, temporariamente perturbada, torna-se dissociada, abarcando simultaneamente a experiência do Eu assim como aquela mobilizada pelo complexo emergente; esta última desconhecida – parcial ou totalmente – pela consciência. Contudo, há circunstâncias nas quais ocorre uma identificação ou submissão do Eu ao complexo emergente, fenômeno cuja duração pode provocar a fragmentação do Eu e a consequente cisão da consciência.

A psicogênese na dementia praecox e a natureza da psique

A partir de sua investigação sobre complexos, Jung postulou que os mecanismos psíquicos que operam em sujeitos considerados normais são os mesmos que se manifestam nas experiências psicóticas. As investigações clínicas de Jung em Burghölzli com pacientes diagnosticados com *dementia praecox* revelaram que os automatismos aparentemente desprovidos de sentido, assim como as falas delirantes e incongruentes e as oscilações súbitas de humor, estavam associados a experiências de alta intensidade afetiva, nomeadamente, complexos (JUNG, 2013a[1907]). Nas irrupções afetivas supostamente repentinas e desmotivadas, que contrastam com o embotamento característico da *dementia praecox*, encontrava-se um fio de significado que liga o episódio à determinada situação vivida, de forma semelhante ao que se observava na histeria. Similarmente, a análise extensa e cuidadosa das produções delirantes ou incongruentes permitia a reconstrução de uma narrativa compreensível a partir de aspectos similares aos que operam nos sonhos. Por fim, mesmo as estereotípias, movimentos supostamente vazios e repetitivos, mostravam-se como resquícios deteriorados de movimentos outrora extensos e significativos. Essas constatações clínicas permitiram afirmar que a topografia psíquica descrita por Jung, assim como seus mecanismos – como dissociação, constelação, entre outros – também se aplicavam à psicose. Essa posição marcou divergência com a psiquiatria dominante da época, que se restringia a delinear o funcionamento psíquico nos quadros de *dementia praecox* a partir de dinâmicas e aspectos orgânicos específicos e distintos de outros sujeitos⁷.

A afirmação da congruência entre os mecanismos psíquicos presentes nos psicóticos, nas histéricas e nas pessoas consideradas normais levou Jung à afirmação de que fatores psicológicos compõem elemento importante – senão central – na constituição das psicoses, assim como em suas manifestações sintomáticas. Já em sua época eram evidentes os efeitos do ambiente hospitalar na evolução do quadro. Em diversas passagens, Jung (2013a[1919], p. 214) descreve casos cujas alterações estavam associadas a mudanças na qualidade do ambiente, chegando inclusive a afirmar "que os piores casos de catatonia e demência são, muitas vezes, produtos da própria clínica, provocados por influência psicológica do meio e nem sempre por um processo destrutivo que independe das circunstâncias externas". Nesse sentido, um tratamento mais humanizado e um ambiente menos caótico eram importantes para o prognóstico dos casos. Evidentemente, caso a produção sintomática tivesse uma estreita relação

⁷ Todavia, conforme será exposto, isso não significa que Jung não compreendesse diferenças entre a experiência psicótica e outras formas de estar na realidade, ou que negasse um possível componente orgânico.

com lesões cerebrais, não se observaria qualquer tipo de alteração na evolução dos quadros em decorrência de fatores ambientais.

Jung também constatou os efeitos de uma escuta clínica no tratamento da *dementia praecox*. Entretanto, salientou as limitações do método analítico-redutivo, cuja orientação causal permitia a condução de aspectos históricos pessoais importantes, mas mostrava-se estéril na compreensão do sentido de determinados fenômenos, uma vez que esse tipo de leitura exigia uma perspectiva teleológica. Dessa forma, ao comentar sobre a interpretação de Freud acerca do caso Schreber, Jung destaca como a análise empreendida, embora tenha salientado os fundamentos e estruturas gerais do delírio, nada soube afirmar sobre "que objetivo o paciente tentou alcançar com a criação de seu sistema" (JUNG, 2013a[1908], p. 207). Nota-se que essa linha de questionamento – sobre o sentido e a finalidade de determinado sintoma ou símbolo – não se restringe às experiências psicóticas, mas permeia a própria compreensão da psique em Jung. Isso porque, embora a psique seja em determinado aspecto um efeito e acúmulo daquilo que se passou – seja do ponto de vista coletivo ou individual – ela também é, por sua própria natureza, um descompasso, uma dessincronização dessa causalidade; sua semelhança com aquilo que a antecede e constitui é apenas aparente, na medida em que a cada momento já reside a irrupção do novo. Dessa forma, entende-se que em qualquer conteúdo psíquico há uma expressão simbólica daquilo que está por vir. No limite, afirma Jung (2013a[1908], p. 204), a psique é um *devir*:

Devemos considerar a psique do mesmo modo: a psique humana é somente em parte algo *passado* e como tal sujeito ao ponto de vista causal. Por outro lado, porém, a psique é um *devir*, que apenas pode ser entendido de modo *sintético* ou *construtivo*. O princípio da causalidade investiga apenas de que maneira essa psique se tornou o que é agora, tal como se apresenta. A perspectiva construtiva, ao contrário, pergunta como se pode construir uma ponte entre esta psique e seu futuro.

A partir da consideração sobre a natureza da psique, torna-se possível compreender, de um lado, as limitações de uma interpretação analítica-causal e, de outro, a pertinência de uma concepção construtiva ou sintética. De que se trata, então, a compreensão sintética? Com efeito, se a análise causal permite a indução de fenômenos gerais (como a existência de complexos e a dissociabilidade da psique) a partir de experiências particulares (como um episódio histórico de determinado sujeito), na perspectiva construtiva algo da ordem de uma universalidade só adquire relevo na medida em que se alinhava com a tendência particular que se manifesta – o que a difere, portanto, de uma teleologia escolástica, na qual o universal já se encontra sempre anunciado no gesto particular que o antecede e é destino final de todas as particularidades.

Nesse sentido, em contraste com a interpretação analítico-redutiva e a teleologia escolástica, cujos registros encontram-se lastreados em uma objetividade, a perspectiva sintética é subjetiva; trata-se de uma verdade que não é da ordem de *veritas* – verificabilidade – ou de *orthós* – exatidão e uniformidade –, mas de *aletheia*: verdade como desvelamento e que, portanto, adquire seu lastro naquilo que se manifesta.

Adiante serão exploradas as implicações dessa perspectiva na compreensão das experiências psicóticas, embora saliente-se neste momento a seguinte pergunta: qual a relevância de uma leitura que não permite generalizações e cuja validade é interna e contextual? A este respeito, afirma Jung sobre a compreensão construtiva dos delírios (2013a[1908], p. 208):

Bem diferente é a perspectiva construtiva! Aqui o sistema de delírios, no que diz respeito ao seu material, não é nem infantil nem em si mesmo "patológico", mas *subjetivo*, ou seja, justifica-se somente no âmbito do subjetivo. [...] A atividade mental subjetiva pode ser observada de fora, aliás como tudo mais. Infelizmente, porém, esse julgamento é inadequado, pois pertence à essência do subjetivo não poder ser avaliado objetivamente. Não se pode medir uma extensão com a medida litro. O subjetivo permite somente uma compreensão e um julgamento subjetivos, ou seja, construtivos. Qualquer outro julgamento é inútil e não atinge o coração do fenômeno.

Percebe-se, portanto, que a relevância de uma compreensão sintética reside na possibilidade de se apreender os fenômenos psíquicos em consonância com a sua natureza. Isso não significa, entretanto, que essa perspectiva não permita análises e elaborações. Com efeito, uma perspectiva construtiva permite a delimitação de padrões típicos, embora saliente-se a diferença radical entre esses padrões e a afirmação de uma universalidade, na medida em que a validade dos primeiros está sempre lastreada no fenômeno particular. Em última instância, a possibilidade de se construir padrões típicos só constata que a singularidade nunca é absoluta.

Os processos psíquicos nas experiências psicóticas

O duplo aspecto – causal e finalista – da psique permitiu que Jung tecesse considerações sobre os processos psíquicos na psicose a partir dessas duas orientações. Em relação à primeira, conforme mencionado, é destacada a importância dos fenômenos psíquicos na gênese das experiências psicóticas. Como isto procede? Retomando a teoria dos complexos, percebe-se que na estruturação de uma psicose, geralmente deflagrada por um primeiro surto, há um conflito ou fator psicológico importante. Com efeito, Jung não desconsiderava a influência de fatores orgânicos para essa estruturação, uma vez que nem todas as pessoas que experimentam

conflitos ou traumas tornam-se psicóticas. Entretanto, isso não significa que os fatores psicológicos não desempenhem um papel importante – por vezes central – na constituição desses quadros: "o que leva à doença é somente a impossibilidade de a pessoa se libertar de um conflito avassalador" (JUNG, 2013a[1919], p. 245). Jung especulava sobre "uma tendência inata para conflitos psicológicos" (*Ibid*, p. 244) e uma "excitabilidade anormal" (*Ibid*, p. 245) como possíveis predisposições psicológicas que estariam na base das diferentes reações da psique a eventos conflitivos ou traumáticos. Embora a constelação de um complexo seja um fenômeno comum, entende-se que na constituição de uma psicose o que está em jogo é a incapacidade do complexo do Eu de reagir à irrupção que determinado evento produz – e nesse sentido pouco interessa se o disparador instituiu um complexo novo ou se constelou um já existente; o evento em si não necessita ser traumático caso mobilize consigo tensão e energia previamente acumuladas pelas experiências de vida do sujeito. Desse modo, ao passo que na neurose a dissociação produzida pela irrupção do complexo na consciência é apenas parcial (e, portanto, preserva a função adaptativa da consciência), na psicose a dissociação fragmenta não só a consciência, mas a própria unidade do Eu que perde sua função de agência e dilui-se no inconsciente.

Todo neurótico luta pela preservação e domínio da consciência e pela subjugação das forças inconscientes contrárias. Contudo, no momento em que o paciente se deixa invadir e guiar pelos estranhos conteúdos do inconsciente, ou seja, para de lutar, chegando a se identificar com os elementos mórbidos, ele fica exposto ao risco da esquizofrenia. O *abaissement* alcança então um grau funesto em que o eu perde toda a força para resistir à influência de um inconsciente aparentemente mais poderoso (JUNG, 2013a[1939], p. 266).

Observa-se que a perspectiva proposta por Jung, do ponto de vista causal, permite o questionamento da noção de psicose latente ou inata, na medida em que propõe uma continuidade entre a experiência considerada normal, a neurótica e a psicótica. A relação consciência-inconsciente é naturalmente marcada por uma tensão, e a capacidade de transformação que surge a partir dessa tensão determinará a experiência psíquica consequente. Com efeito, complexos e constelações são constitutivos da psique e compõem parte do processo de individuação (SHALIT, 2002), de modo que não há nada inerentemente patológico nesses fenômenos. Todavia, na neurose e na psicose nota-se que essa tensão não produz movimento; ocorre um represamento pela impossibilidade de conciliação e transformação dos opostos, produzindo um enfraquecimento do eu ou até sua fragmentação. Destarte, a psicose latente refere-se simplesmente à constatação da possibilidade da experiência psíquica de fragmentação da consciência em todo e qualquer sujeito, de modo que essa dissociabilidade em si não é

indicativa de uma predisposição psicótica de qualquer ordem. No limite, a esquizofrenia tem como limiar a desintegração da personalidade e a renúncia do complexo do Eu de sua função centralizadora da experiência consciente.

O princípio autorregulatório

A teoria dos complexos e a dissociabilidade da psique permitem a construção de um entendimento causal da esquizofrenia. Entretanto, como o próprio Jung salientava, a compreensão da psique exige também um olhar sintético, que considera os fenômenos a partir de sua finalidade. Sua principal tese, endossada por pesquisas posteriores, como as de Nise da Silveira (2015) e John Perry (1987; 2020), é de que haveria na experiência psicótica um processo compensatório-complementar ou de autorregulação que visaria restabelecer o equilíbrio psíquico afetado pela fragmentação da consciência. Por certo, a autorregulação da psique não é um fenômeno exclusivo da esquizofrenia: é parte constitutiva do funcionamento psíquico de todo indivíduo.

Acerca do aspecto autorregulatório da psique, é importante dedicar algumas linhas aos processos dinâmicos psíquicos. De início, faz-se a ressalva de que a compreensão que Jung (1928/2013c) desenvolveu sobre libido – ou energia psíquica – deve ser considerada sob o prisma alegórico, considerando que em sua materialidade essa noção não se sustenta na atualidade (JONES, 2018). Com efeito, embora houvesse em seu pensamento uma valorização do aspecto relacional e funcional dos processos psíquicos, o autor estava imerso no contexto científico de sua época, no qual o conceito de energia era vigente e encontrava-se imbricada no pensamento psicológico (JONES, 2001). Desse modo, os processos descritos devem ser compreendidos em termos metafóricos; intuição que próprio Jung (2013c[1928], p. 81) sustentava em relação ao seu pensamento:

A difusão quase que universal da concepção primitiva de energia é expressão inequívoca do fato de que a consciência humana, já nos estágios mais remotos, sentia a necessidade de assinalar de forma inteligível o dinamismo percebido do acontecer anímico. Assim sendo, se enfatizamos a concepção energética em nossa psicologia é porque ela corresponde a realidades anímicas, soterradas no espírito humano desde os primórdios.

Considerando, então, a energia psíquica como metáfora, Jung (2013c[1928]) descreve dois movimentos que a libido realiza nos processos psíquicos: progressão e regressão. O primeiro diz respeito à necessidade de adaptação do sujeito ao seu entorno e realidade, de modo

que há um investimento na constituição e manutenção de atitudes que deem "contínua satisfação à exigência das condições do ambiente" (JUNG, 2013c[1928], p. 44). Entretanto, essa adaptação nem sempre é eficaz, de modo que em determinadas circunstâncias a psique não é capaz de responder satisfatoriamente àquilo que se apresenta. Nesse ponto, ocorre o que Jung denominou represamento da energia psíquica e uma conseqüente dissociação da psique consciente. A deflagração do conflito, isto é, a incapacidade adaptativa, mobiliza na psique a regressão da libido, expressa em um crescente investimento libidinal no inconsciente. A libidinização dos conteúdos inconscientes cria a possibilidade desses tornarem-se conscientes, constituindo assim uma alternativa para o conflito ou desadaptação. Percebe-se, portanto, que a progressão e regressão da libido expressam energeticamente o processo de autorregulação da psique, na medida em que descrevem os fenômenos por meio dos quais a psique produz uma diferenciação – seguindo a intuição de Nise sobre Spinoza (MELO, 2010).

Para compreender a pertinência do fenômeno de integração de um conteúdo inconsciente à consciência nas experiências psicóticas, deve-se considerá-lo a partir de sua perspectiva simbólica. Jung descreve um processo psíquico que denominou de função transcendente, no qual um confronto e articulação entre o inconsciente e a consciência – e conseqüente criação de uma nova atitude – tornam-se possíveis por meio da produção simbólica da psique. "*É chamada transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem perda do inconsciente*", afirma Jung (2013d[1958], p. 18. Grifo do autor). Nota-se que o símbolo desempenha um papel fundamental nesse processo, de modo que seu surgimento no campo da consciência é indispensável para a autorregulação. Todavia, entende-se que a diferenciação promovida por essa autorregulação – poderíamos denominá-la processo de individuação nos termos de Jung – só se torna possível pela colaboração entre as polaridades consciência e inconsciente. Com efeito, a emersão do símbolo não se configura construtiva nem destrutiva, pois seu efeito depende da forma como o sujeito integra a produção inconsciente à consciência. Jung descarta a hipótese de um processo homeostático natural, no qual o inconsciente poderia – por sua própria natureza e independente da consciência – promover a compensação-complementaridade necessária para a individuação por meio de sua produção simbólica. Dessa forma, sem a atitude consciente adequada, o símbolo produzido pela função transcendente é estéril, quando não desagregador ou lesivo. Ressalta-se, contudo, que a atitude consciente varia na sua possibilidade integrativa, de modo que, conforme demonstram estudos de Nise da Silveira (2015) e John Perry (1987; 2020), mesmo processos que não implicam uma apreensão extensa dos conteúdos emergentes – como desenhos, atuações, entre outros – já exercem um efeito integrativo, na medida em que permitem o contato desses

conteúdos com uma consciência que, embora talvez ainda não consiga integrar e apreender o que se apresenta, encontra-se de algum modo receptiva.

A reflexão acerca dos aspectos dinâmicos e simbólicos envolvidos no processo de autorregulação fornece uma compreensão geral do funcionamento psíquico. Acresce-se a essa noção clássica os avanços em neurociência que postulam uma redução na neuroplasticidade e “desintegração funcional” (SILVERSTEIN, 2014, p. 103), isto é, alterações nos circuitos neuronais que implicam transformações em diversas funções cognitivas, como linguagem, visão, memória, entre outras. Essas alterações também implicam a criação de circuitos neuronais relativamente isolados, o que interfere nas funções executivas do cérebro – similarmente à noção dos complexos autônomos. Com efeito, as pesquisas sobre psicose na neurociência confirmam, em alguma medida, algumas das hipóteses ou dinâmicas propostas por Jung (SILVERSTEIN, 2014). Entretanto, ressalta-se que ainda há muito a ser descoberto e as pesquisas sobre o funcionamento cerebral a partir de neuroimagem indicam um campo fértil de investigação (ABRAMOVITCH, 2014).

O criativo e o destrutivo na psicose

A consideração dos aspectos dinâmicos do funcionamento psíquico nas experiências psicóticas indica seu potencial simultaneamente destrutivo e criativo. Conforme visto, sob uma perspectiva causal a eclosão da psicose está relacionada a uma inadaptação à realidade e à consequente mobilização de determinada intensidade psíquica inconsciente que produz uma cisão na consciência e uma fragmentação do Eu. Em contrapartida, em uma perspectiva finalista entende-se que há uma regressão libidinal e consequente produção simbólica que possibilitaria construir uma nova organização psíquica. Nota-se, portanto, que há uma intensa oposição vital que opera nessas experiências.

Esse duplo aspecto se expressa nas produções típicas nas psicoses, seja em temas e imagens de morte e renascimento (PERRY, 1987; MELO, 2001) ou em símbolos relativos à centralidade, circularidade e organização quaternária - dos quais a mandala é exemplo primoroso. Essas produções expressam a tentativa da psique de se recentralizar, como revelam os estudos de Nise da Silveira (2015, p. 60-61):

Em tais casos é fácil verificar como molde rigoroso imposto pela imagem circular, através da construção de um ponto central, com o qual todas as coisas vêm relacionar-se, ou por um arranjo concêntrico da multiplicidade desordenada de elementos contraditórios e irreconciliáveis, compensa a desordem e confusão do estado psíquico.

Isso é evidentemente uma tentativa de *autocura* que não se origina da reflexão consciente, mas de um impulso instintivo.

A possibilidade de autocura descrita pela autora encontra ressonância nos estudos de John Perry (1987; 2020). O adoecimento na psicose vincula-se ao processo de autocura mobilizado pela própria psique, embora muitas vezes este não ocorra. No limite, tanto na constituição da psicose quanto em seu desenvolvimento, o que está em jogo é a (in)capacidade do Eu de integrar os conteúdos inconscientes emergentes, de forma que o adoecimento se relaciona com uma "consciência restrita cuja formação afastou-a de seu contato necessário com os elementos naturais da vida psíquica, tanto emoções quanto imagens" (PERRY, 2020, p 16. Tradução nossa)⁸. É interessante notar que essa compreensão implica a ideia de que as imagens inconscientes, embora tenham uma finalidade compensatória-complementar de determinado estado da consciência, podem adquirir um caráter destrutivo e desorganizador. Com efeito, seja devido à unilateralidade da consciência, mobilizando grande energia na regressão, ou por uma pujança demasiada do inconsciente, a produção inconsciente surgirá carregada de maior intensidade, o que pode produzir uma fragmentação do Eu. Shalit (2002) adverte para os riscos de um contato direto desguarnecido com conteúdos inconscientes e alude ao mito de Perseu para refletir sobre a relação da consciência com os conteúdos emergentes. Na narrativa, destacam-se três elementos que auxiliam o herói em sua jornada: seu escudo, sua capa e sua bolsa. O primeiro atua como um espelho que simultaneamente o protege de um contato direto com a Medusa e permite-lhe uma visão indireta, ao passo que o segundo lhe confere invisibilidade e o último permite que ele guarde a cabeça da Medusa de forma segura. Alegoricamente, depreende-se que o escudo se refere à necessidade de ter um contato intermediado com o inconsciente: a consciência não pode abandonar absolutamente sua posição e compreensão, na medida em que isso significaria uma identificação do Eu com o conteúdo emergente. Em contrapartida, a capa adverte para a importância da flexibilização da persona (enquanto atitude frente ao mundo externo), isto é, a necessidade da consciência de se reposicionar parcialmente, uma vez que se a posição de unilateralidade for mantida não haverá possibilidade de integrar o conteúdo emergente. Por fim, a bolsa expressa que a integração do conteúdo é feita de forma transformadora e continente: pela própria natureza do símbolo, ele sempre comporta um aspecto desconhecido, de forma que sua integração será sempre parcial. Depreende-se, portanto, que o processo autorregulatório na psicose deve ser considerado

⁸ No original: *constricted consciousness that has been educated out of its needed contact with the natural elements of the psychic life, both emotion and image.*

simultaneamente sob a perspectiva do inconsciente que visa a autorregulação a partir de produções simbólicas e da consciência que deve apreender esses símbolos e integrá-los de maneira transformativa.

Considerados os aspectos dinâmicos da psique nas experiências psicóticas, cabe refletir a respeito de sua faceta simbólica. De que tratam as produções nas psicoses? De uma variedade de temas, com certeza, embora haja alguns padrões dignos de observação. Perry (2020) elenca dez temáticas recorrentes e, embora não afirme a linearidade dessas produções, sugere ser possível compreendê-las a partir de uma perspectiva processual: "estas categorias representam elementos de um processo que se torna reconhecível a partir da familiaridade com simbolismo comparativo" (PERRY, 2020, p. 40. Tradução nossa)⁹. Os temas são: centralidade, morte, retorno ao início (mitos de criação), conflito cósmico (tensão entre opostos), ameaça pelo oposto (elementos persecutórios), apoteose (elevação de *status*, seja de natureza real, divina ou outra), união sagrada (reconciliação de opostos), nova criação (geralmente resultante da união sagrada), nova ordem social (seja uma organização de uma nova realidade ou recriação de um estado de ser) e o universo quadrático (organização quaternária da realidade). Evidentemente, não há uma separação rígida e definida entre as temáticas, de forma que determinada produção pode expressar diversas categorias simultaneamente. Todavia, a serventia dessa categorização reside na possibilidade de compreender – e acompanhar – como a psique transcreve seu processo de reorganização. Com efeito, Nise da Silveira (2015) demonstra, a partir de diversos casos clínicos, como a expressão dos conteúdos emergentes – seja ela espontânea ou estimulada – expressa o atual processo psíquico que se desenvolve no indivíduo e como a possibilidade de apropriação desse processo – por atividades que permitam a expressão e manejo desses conteúdos (*emoção de lidar*) (SILVEIRA, 1986) – auxilia na reorganização psíquica do indivíduo. Dessa forma, os temas destacados por Perry podem ser compreendidos como aspectos envolvidos nesse processo de reestruturação – seja a morte e o retorno ao início como representativos do processo regressivo, o conflito cósmico como a expressão da polaridade de opostos, a nova criação como o símbolo emergente que integra esses opostos, e assim por diante. Destarte, percebe-se que o caráter simbólico das produções psicóticas se refere ao processo psíquico que opera naquela pessoa, de modo que o acompanhamento e estímulo dessas produções mostram-se importantes operativos no tratamento.

Entretanto, há outro aspecto simbólico que as produções psicóticas comportam e que, embora não seja exclusivo dessas experiências, adquire evidência a partir delas: trata-se de seu

⁹ No original: *these categories represent elements of a process that becomes recognizable from an acquaintance with comparative symbolism.*

caráter tipicamente mitológico. Jung (2013a[1958]) destacava como o material produzido por seus pacientes esquizofrênicos expressava significativa semelhança com símbolos tradicionais e narrativas míticas de diversas culturas e, na medida em que seu pensamento foi avançando em relação à constituição da psique, afirmou-se o caráter arquetípico dessas produções. Em seu entendimento, a emergência dessas imagens deve ser compreendida a partir de afetações nas "bases biológicas da psique", assim como pela mobilização das "bases da existência individual" (JUNG, 2013a[1958], p. 297). Em situações de grande importância psíquica ou vital haveria, portanto, uma mobilização mais intensa do aspecto instintivo da psique, expressa nessas "formas arcaicas coletivas" (*Ibid*, p 297). Investigações posteriores de Nise da Silveira (2015) e John Perry (1987; 2020) reforçaram essa posição. Antes de refletir sobre o sentido dessa afirmação, deve-se elucidar o conceito de arquétipo. Trata-se de uma elaboração complexa, de forma que não se pretende delinear as nuances, atualizações e os debates que orbitam esse conceito.

A noção de arquétipo encontra-se associada com a ideia de inconsciente coletivo. Jung diferencia esse aspecto da psique do inconsciente pessoal, formado a partir das experiências particulares de cada sujeito e afirma que o inconsciente coletivo se apresenta como um "substrato psíquico comum" (JUNG, 2014[1934], p. 12), de modo que os arquétipos fariam referência à qualidade desse substrato; trata-se, em certo sentido, de uma indicação sobre a natureza psíquica comum do ser humano enquanto espécie. Houve no pensamento de Jung uma oscilação sobre a substancialidade dos arquétipos, assim como sua transmissão e constituição, embora se entenda que a posição mais compreensível seja aquela que os situa como "*formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular*" (JUNG, 2013d[1919], p. 81. Grifos nossos). Essas formas de apreensão operam no sentido de embasar as experiências da realidade, razão pela qual Jung indica uma aproximação entre arquétipos e instintos.

Percebe-se, portanto, que enquanto formas de apreensão, o caráter arquetípico das produções psicóticas pode indicar os processos de vida que ocorrem em determinado momento com aquele determinado indivíduo. Nesse sentido, a natureza arquetípica de um delírio ou produção é indicativa do campo no qual aquela experiência está se processando. Nise da Silveira (2015) descreve, por exemplo, os temas de regressão e renascimento psíquico a partir de produções que se assemelham ao tema mítico do dragão-baleia. Sua compreensão, contudo, não se limita a constatar essa semelhança, mas procura apreender como essa narrativa de renascimento opera na particularidade na qual se expressa. A atenção volta-se para o processo, expresso nas diversas produções que retomam e transformam o tema ao qual elas se referem. Desse modo, a aproximação arquetípica é somente o ponto de partida, indicação de uma

abertura a partir da qual se acompanhará o processo que se realiza. Retoma-se, nesse sentido, a posição de Jung sobre a compreensão finalista das produções dos psicóticos: o universal só adquire relevo na medida em que se alinhava com a tendência particular que se manifesta. Perry (1987, p. 47) endossa essa posição:

Ele [terapeuta] deve fazer mais do que reconhecer que as imagens usadas são válidas e significativas. Ele deve perguntar: qual o sentido desse processo arquetípico no desenvolvimento psíquico particular dessa pessoa? O que aconteceu, e por que aconteceu nesse ponto específico da vida dela? (Tradução nossa)¹⁰.

Tanto Nise da Silveira (1986) como John Perry (2020) observaram que diferentes recursos expressivos e imaginários mobilizavam os processos psíquicos e suas imagens nos pacientes e operavam no sentido de facilitar uma reorganização psíquica ao reconectar a pessoa e suas experiências com uma dimensão afetiva, permitindo assim novas significações e novos sentidos. Percebe-se, destarte, a importância de angariar formas que permitam a expressão dessas produções inconscientes (como Nise da Silveira (2015) observa em relação às artes plásticas), ainda que a expressão em si não assegure o processo psíquico de reorganização que se enseja nas imagens emergentes. A produção deve ser em alguma medida compreendida (racional e afetivamente) pela consciência, pois não se trata da mera imagem que se apresenta ou se expressa, mas da possibilidade de mobilização e transformação a partir dessa expressão.

A psicose sob uma perspectiva psicodinâmica

Em suma, alinhando-se à perspectiva causal com a finalista, torna-se possível formular alguns indícios norteadores sobre os fenômenos psicóticos. Sinteticamente, a experiência psicótica tem sua eclosão a partir de uma fragmentação do campo da consciência decorrente da incapacidade do complexo do Eu abarcar determinada experiência afetiva mobilizada pela constelação de um complexo. Essa fragmentação promove a regressão da libido que, por sua vez, mobiliza a psique inconsciente para um processo de autorregulação (autocura), a partir de produções que possibilitam uma integração de aspectos inconscientes e uma consequente ampliação da consciência – tendência que Nise da Silveira (2015) nomeou princípio de Hórus. Operam, portanto, na experiência psicótica duas forças opostas e complementares: uma que

¹⁰ No original: *He must do more than recognize that the imagery used is valid and meaningful. He must ask: Of what significance is the archetypal process in this particular person's psychic development? What took place here, and why did it happen at this particular point in her life?*

aponta para o inconsciente e suas produções e outra que aponta para possibilidade de readaptação ao mundo, a partir da confrontação e integração dos conteúdos emergentes.

Esse esboço oferece alguma luz para os processos psíquicos nas experiências psicóticas. Há muito que poderia ainda se explorar sobre os processos psicóticos, seja a partir de uma perspectiva causal e da consideração sobre os complexos tipicamente mobilizados nessas experiências, seja em uma perspectiva finalista e nas distintas temáticas míticas-arquetípicas e seus processos correlatos. A Clínica de Babel é extensa e o leitor ávido pode derivar infinitas interpretações dos textos que lá existem. Entretanto, não se compartilha neste momento do ímpeto de exegese de alguns que habitam em Babel. A experiência humana é complexa e profunda, de modo que se deve atentar para não se perder nos hexágonos psíquicos que compõem essa profundidade; pela própria natureza, a psique é desconhecida – e em certa medida inconcebível. Dessa forma, contra a assepsia manicomial daqueles que não viam sentido nos textos da Biblioteca de Babel, deve-se atentar também contra um furor apolíneo de hipersignificação, que visa desvelar todos os segredos do universo a partir dos mesmos textos. Que se possa, portanto, se valer dos diferentes textos para aquilo que se busca, com a serenidade de que sempre haverá outros textos para serem descobertos e lidos.

Teias e tramas no Labirinto das relações

O Labirinto de Creta aparece na mitologia grega como local no qual se prendia um terrível minotauro (BRANDÃO, 2014; 2015). O ser monstruoso era fruto da vingança de Poseidon contra o Rei Minos, que não havia sacrificado um touro enviado pelo próprio deus por considerá-lo de rara beleza. Poseidon então enfeitiça a esposa de Minos, Pasífae, e faz com que ela se apaixone pelo touro e mantenha relações sexuais com o animal, gerando o Minotauro. Furioso e envergonhado, o Rei manda construir um labirinto para esconder a besta e de tempos em tempos enviava homens e mulheres como sacrifício para alimentá-la. O filho bestial é castigado pelo delito de seus progenitores. Os sacrifícios só cessaram quando o herói Teseu desbravou o labirinto e enfrentou a criatura. Ele foi auxiliado por Ariadne, filha do Rei, que segurou um fio do lado de fora, permitindo que ele pudesse navegar no labirinto sem se perder e encontrasse o caminho de volta.

Embora o Labirinto de Creta ganhe destaque enquanto narrativa mítica, há muitos outros labirintos, nos quais habitam as mais diversas criaturas. Com efeito, não se tratam de espaços físicos, mas espaços simbólicos que podem ser compreendidos como a subjetividade dos indivíduos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2019). Nesses cruzamentos habitam os mais

diversos dramas pessoais, familiares e sociais. Em alguma medida, todos circulam por seus labirintos internos, embora haja alguns que se percam nessas encruzilhadas. A leitura labiríntica perpassa mitos familiares e neles tantos indivíduos permanecem perdidos e sem saída. O que ocorre quando alguém se perde no labirinto?

A ruptura com a alteridade

Uma das marcas mais significativas da experiência psicótica é uma ruptura – parcial ou total – com a realidade externa e com relações de alteridade. Diversos foram os autores que estudaram os fenômenos psicóticos sob o prisma relacional, embora talvez Ronald Laing (1990; 1993) seja um cujas contribuições mereçam destaque, na medida em que ele também foi um dos pensadores que deu atenção especial à dimensão da alteridade e à constituição das dinâmicas familiares de pacientes esquizofrênicos.

Sobre a dimensão da alteridade, observa-se que o pensamento de Laing se desenvolve a partir da percepção de que nas experiências psicóticas há uma cisão ou ruptura importante na relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo (LAING, 1990). Sem desconsiderar a crítica à construção do saber médico no campo da saúde mental como fator de aprofundamento dessa distância e ruptura (LAING, 1993), o autor aponta para um descompasso relacional como aspecto fundamental da experiência psicótica: "Eu sugiro, portanto, que *a sanidade ou psicose é testada pelo grau de conjunção ou disjunção entre duas pessoas onde uma é considerada sã por consenso comum*"¹¹ (LAING, 1990, p. 36. Tradução nossa). Nota-se que essa afirmação aponta para o caráter relacional originário da psicose, mais precisamente para o descompasso entre experiências de mundo e alteridade entre sujeitos. Com efeito, essa distância é em certa medida intransponível e característica indelével das experiências psicóticas, o que não significa, contudo, que alguma afinação não seja possível – embora parte dessa afinação seja justamente o reconhecimento da experiência de descompasso vivida pelo sujeito. Portanto, em ressonância com Jung (1958/2013a) e Nise da Silveira (2015), Laing (1990, p. 38) também situa a constituição de uma relação como central na compreensão e na clínica da psicose:

O cerne da experiência que o esquizofrênico tem de si mesmo permanecerá incompreensível para nós. Enquanto formos sãos e ele for insano, continuará assim. Mas a compreensão como um esforço para alcançá-lo e apreendê-lo, enquanto permanece em nosso próprio mundo e o julga por nossas próprias categorias, nas quais ele inevitavelmente falha, não é o que o esquizofrênico quer ou necessita. Temos que

¹¹ No original: *I suggest, therefore, that sanity or psychosis is tested by the degree of conjunction or disjunction between two persons where the one is sane by common consent.*

reconhecer o tempo todo sua singularidade e diferença, sua separação, solidão e angústia (Tradução nossa).¹²

Laing descreve três aspectos do processo de ruptura consigo mesmo e a realidade externa: imersão (*engulfment*), implosão (*implosion*) e petrificação/despersonalização (*petrification/depersonalization*). A imersão pode ser compreendida como um movimento disruptivo que visa a preservação de si mesmo, na medida em que a experiência com a alteridade evoca no sujeito uma ameaça de sua identidade. Essa preservação pode ser atingida tanto por uma introspecção excessiva como por uma identificação absoluta, uma vez que ambas alienam o sujeito da alteridade ameaçadora. Já a implosão aponta para a sensação destrutiva que esse contato com a realidade produz, o que está relacionado ao vazio existencial descrito nas experiências psicóticas. Por fim, a petrificação/despersonalização concerne ao processo pelo qual se transforma uma alteridade em objeto, isto é, parcializa-se o fenômeno, reduzindo-o a determinado aspecto.

Desse modo, percebe-se que Laing compreende o processo de ruptura consigo mesmo e com a realidade externa a partir da necessidade de preservação de si mesmo frente à ameaça que a alteridade e o mundo externo representam. Por meio de processos que objetificam o outro ou o próprio sujeito, cria-se um intermédio entre o sujeito e seu contato com a realidade, o que acaba por distanciá-lo de si mesmo e torná-lo estranho a si próprio, implicando uma perda na capacidade de reconhecer-se. Trata-se, portanto, de uma proteção paradoxal: uma morte que visa preservar a vida, ou, como Laing (1990, p. 150. Tradução nossa) postula: "a negação da existência como forma de preservar a existência" ¹³.

Por que a relação com o mundo se torna insuportável? Por que o sujeito sente sua integridade subjetiva ameaçada? Uma possibilidade indicada por Laing é a de que essa integridade nunca se constituiu de maneira efetiva e refere-se a alguns casos clínicos para destacar a prevalência de um sentimento de "não pertencimento" ou de estranhamento, seja em relação ao ambiente ou a si mesmo; uma "insegurança ontológica", como ele nomeia. Em uma perspectiva descritiva esse fenômeno é recorrente nos estudos sobre psicose, aparecendo sob diversas insígnias em diferentes autores, embora possa ser pensado a partir da noção de

¹² No original: *the kernel of the schizophrenic's experience of himself must remain incomprehensible to us. As long as we are sane and he is insane, it will remain so. But comprehension as an effort to reach and grasp him, while remaining within our own world and judging him by our own categories whereby he inevitably falls short, is not what the schizophrenic either wants or requires. We have to recognize all the time his distinctiveness and differentness, his separateness and loneliness and despair.*

¹³ No original: *The denial of being as a way to preserve being.*

pertencimento e habitação desenvolvida por Sloterdijk (2016), que inspira a bela imagem de "nascer para dentro" de Pessanha (2018).

As dinâmicas familiares

A insegurança ontológica descrita por Laing (1990) se expressa no esvaziamento que perpassa a experiência psicótica. A clínica parece indicar a pertinência das relações familiares na constituição dessa identidade esvaziada – hipótese em alguma medida presente nos estudos de Jung, como lembra Melo (2009a). Laing (1990, p. 189) corrobora essa indicação e, embora reconheça a importância da maternagem nesse sentido, amplia a perspectiva para incluir as diferentes dinâmicas familiares:

Nos últimos anos, foi introduzido o conceito de mãe "esquizofrenogênica". [...] Este conceito pode ser trabalhado de maneiras variadas e distintas, mas pode ser expresso nos seguintes termos: talvez haja algumas formas de ser mãe que impedem ao invés de facilitar ou "reforçar" qualquer tendência inata geneticamente determinada que haja na criança para atingir os estágios primários de desenvolvimento de segurança ontológica. Não apenas a mãe, mas também a situação familiar total, pode impedir, em vez de facilitar, a capacidade da criança de participar de um mundo real compartilhado, como si-mesmo-com-o-outro (Tradução nossa)¹⁴.

Evidentemente, não se trata de culpabilizar a mãe ou a família, tampouco estabelecer um nexos causal entre determinada situação familiar e a constituição de uma psicose. Laing é crítico de uma perspectiva de "caça às bruxas" que o conceito de mãe esquizofrenogênica pode sugerir e visa refletir sobre como determinadas experiências nas relações parentais e familiares em determinados contextos podem contribuir ou não para a construção de uma possibilidade segura de existir no mundo. Embora Laing também valorize a experiência de maternagem nos primórdios da infância como constitutiva de uma primeira subjetividade, ele considera que essa experiência, embora a partir da perspectiva do bebê ocorra estreitamente em seu vínculo a mãe, é calcada na dinâmica familiar na qual essa dupla está inserida. Ademais, considera a importância das experiências posteriores na infância e adolescência na constituição da subjetividade, de forma que os papéis se expandem para além do materno e paterno, incluindo sejam quais outros atores compõem o grupo familiar. Destarte, Laing compreende que é mais

¹⁴ No original: *In recent years, the concept of a "schizophrenogenic" mother has been introduced. [...] This concept can be worked in various rather different ways, but it can be stated in the following terms: there may be some ways of being a mother that impede rather than facilitate or "reinforce" any genetically determined inborn tendency there may be in the child toward achieving the primary developmental stages of ontological security. Not only the mother but also the total family situation may impede rather than facilitate the child's capacity to participate in a real shared world, as self-with-other.*

oportuno pensar em famílias esquizofrenogênicas, o que permite um olhar sobre as diferentes dinâmicas e constelações familiares.

Como compreender, então, as famílias esquizofrenogênicas? Embora Laing (LAING; ESTERSON, 2017) desenvolva um estudo abrangente com diversas famílias, salientando as dinâmicas particulares em cada caso que dificultam a construção de um senso seguro de identidade, será assinalado apenas o que o autor descreve de modo geral. Laing (1993) destaca a importância das narrativas familiares que operam simultaneamente no sentido de significar e mascarar determinadas experiências, assim como narrativas que visam eclipsar outras – uma proibição sobre a constatação de uma proibição. Essa teia de narrativas e silenciamentos produz uma rede complexa que implica todos os membros familiares e estrutura a forma como cada um experimenta a realidade. Observa-se que um aspecto importante dessa dinâmica narrativa concerne ao caráter "imperativo" das atribuições que se encontra mascarado como descritivo. Dessa forma, nas relações familiares determinados comportamentos e expressões são apresentados como constatações, embora de fato comportem uma operação sobre a realidade – como enunciados performativos (*performative speech*). Esse jogo é atualizado, reproduzido e transformado na medida em que os diferentes atores se implicam nessa dinâmica. Por fim, nota-se que o processo de transmissão e significação ocorre em larga medida à revelia de seus participantes, isto é, não há consciência sobre a dimensão e profundidade daquilo que está sendo processado, de forma que um pai que afirma que seu filho tem o temperamento de seu avô, por exemplo, não compreende a rede de significação que está mobilizada por essa atribuição. Há diversas teias que se interconectam, se sobrepõem e se cruzam no grupo familiar, compondo uma trama complexa e sem eixo central. Alinhavando-se nas narrativas, os atores familiares ocupam, portanto, papéis que constituem um enredo o qual muitas vezes eles desconhecem.

O novo membro do elenco é induzido a incorporar um papel na narrativa corrente. Não é preciso, ou suficiente, dizer: David está identificado com seu avô. Eu preferiria dizer: David recebe um papel comparável ao papel que seu avô desempenhou. Os atores devem ser distinguidos dos papéis que desempenham, embora os dois sejam frequentemente confundidos pelos próprios atores (LAING, 1993, p. 19. Tradução nossa)¹⁵.

A dinâmica descrita por Laing ocorre, em maior ou menor medida, em todo grupo familiar. O que ocorre, então, nas assim consideradas famílias esquizofrenogênicas? Por certo,

¹⁵ No original: *The new member of the cast is induced to embody a part in the ongoing drama. It is not precise, or enough, to say: David is identified with his grandfather. I would rather say: David is given a part comparable to the part his grandfather played. The players should be distinguished from the parts they play, even though the two are often confused by the players themselves.*

há uma diversidade de fatores que podem operar e famílias distintas apresentam dinâmicas singulares que no contexto contribuem para a produção da loucura (LAING; ESTERSON, 2017). Entretanto, o autor também destaca a importância dos conflitos que surgem entre silenciamentos e determinadas regras. Desse modo, há situações nas quais determinadas regras e dinâmicas familiares versam contra determinada situação e simultaneamente ajudam a produzi-la, ao passo que outras operam no sentido de silenciar essa contradição. Esse cruzamento pode fazer com que determinado sujeito se perceba repetidamente em determinada posição sem compreender que as regras que versam contra essa posição e as quais ele procura seguir são precisamente as que o colocam nesse lugar. Laing (1993, p. 36. Tradução nossa) exemplifica:

Suponha que nos digam para consertar o motor de um carro. E recebemos instruções sobre *como* fazê-lo, o que inevitavelmente levará ao motor quebrado; e temos instruções *contra* operações de montagem; embora sejamos instruídos a nos sentir *mal*, se o motor *não* for consertado¹⁶.

Observa-se que a pedra angular nessa situação é o silenciamento sobre a contradição. A incapacidade de avaliar as regras que produzem determinada situação, ou mesmo a incapacidade de saber da existência de tais regras, promove uma diversidade de conflitos e paradoxos que tensionam as relações familiares. Desse modo, uma mãe pode projetar em seu filho um comportamento que ela considera indesejável e ele pode incorporar essa projeção na expectativa de corresponder ao desejo materno, criando assim uma situação em que o filho insiste em uma posição investida também por sua mãe, embora em alguma medida indesejável por ambos. Há diversas situações possíveis, a partir de distintas combinações por meio das quais regras e silenciamentos se combinam no sentido de produzir determinadas situações. Um sujeito que se encontra emaranhado nessa trama pode adquirir uma compreensão de si que não lhe permite se localizar em relação às posições e relações que ele produz, embora lhe possibilite entender que o que ele faz é indesejado ou indevido. Depreende-se, portanto, que a incapacidade ou proibição de conhecer determinadas regras e contradições está associada à cristalização de posições nos grupos familiares e ao conseqüente adoecimento de seus membros.

Por fim, destaca-se que as dinâmicas descritas e estudadas por Laing também podem ser compreendidas sob uma perspectiva simbólica. Melo (2009a), ao relatar sobre um processo terapêutico familiar, reflete sobre a função que determinadas narrativas míticos-simbólicas

¹⁶ No original: *Suppose we are told to repair a car engine. And given instructions on how to do so, which will inevitably lead to the engine falling apart; and we have instructions against operations of putting it together; though we are instructed to feel bad, if it is not put together.*

exerciam na manutenção de uma dinâmica familiar que propiciava o adoecimento de seus membros, particularmente de um. Por certo, não se trata de afirmar que a existência dessas narrativas seja psicotizante, mas observar como a influência indiscriminada de certas significações ou imagens (por vezes de caráter mítico) – decorrente de atitude consciente unilateral que é incapaz de integrar aquilo que se apresenta de modo compensatório ou seja por uma identificação com a imagem emergente – corrobora na organização de dinâmicas cristalizadas. Melo (2009a) ilustra essa situação a partir de um caso clínico, no qual a fantasia de unidade e impossibilidade de separação do corpo familiar – expressa na constelação do mito do andrógino – exercia uma função na manutenção das posições cristalizadas dos membros da família e o conseqüente adoecimento, expresso de modo mais significativo em um dos familiares. Considera-se, portanto, que operam nesses contextos familiares fenômenos como possessão ou inflação, isto é, uma influência indiscriminada de narrativas ou imagens que não conseguem ser apreendidas de modo dialético, o que favorece unilateralidade e enrijecimento dos membros familiares.

No caso de uma pessoa ou mesmo um grupo ser dominado por conteúdos arcaicos, como, por exemplo, a imago parental combinada, ocorre uma drástica diminuição da capacidade de abstração e uma tentativa de realizar os pensamentos de maneira concreta. Neste caso, não se elabora os conteúdos míticos que passam a conduzir a vida do sujeito (MELO, 2009a, p. 127-128).

Muito ainda poderia ser explorado sobre as dinâmicas familiares e os processos simbólicos implicados nessas relações. Os labirintos que nos constituem são diversos e complexos. Os dramas e enredos familiares se atualizam sobre seus membros e podem fazer com que alguns se percam dos outros e de si mesmo no processo. Por certo, não se desconsideram outras possíveis malhas que tecem a subjetividade e o próprio Laing (1993) salienta a importância das dinâmicas culturais e sociais na compreensão da loucura. Há uma diversidade de caminhos possíveis para se percorrer e se preserva a ciência de que as relações familiares são apenas um dos elementos nesse enredo. Se a Clínica de Babel ensina sobre as múltiplas facetas do fenômeno psicótico, os labirintos alertam para a importância das dinâmicas familiares como possíveis fios de Ariadne na navegação dessa complexa trama, assim como indicam os riscos de perder-se entre as teias.

Prima materia: tempo e espaço imaginais

Até o momento, considerou-se a experiência psicótica a partir de seus aspectos psíquicos e relacionais. A Clínica de Babel indicou a profundidade e densidade do universo interno na psicose, assim como o potencial criativo e destrutivo inerente às produções que ocorrem nesse contexto. Já o Labirinto alertou para a importância de saber navegar nas tramas complexas que são as relações humanas (especialmente as familiares) e os riscos de se perder e se prender entre as teias. Deve-se considerar, agora, o tecido que atravessa todas essas dimensões: o tempo e o espaço. Como são vividos pela fantasia e imaginação humana?

O fantasiar como dimensão da realidade humana

Nise da Silveira (2015) já observava como a experiência espacial de seus pacientes era expressa nas diferentes produções que eles realizavam: espaço estreito, desconectado do entorno e solitário. A cisão com a realidade se expressava em uma vivência temporal constritiva, mesclando "espaço interno com espaço externo". Laing (1990), por sua vez, notava como a desconexão com a alteridade e a exterioridade era expressa em alguns de seus pacientes como um congelamento temporal, observação compartilhada por Jung (1908/2013a, p. 193): "Para os doentes, os ponteiros do relógio do mundo pararam, não existe mais tempo nem progresso". Por certo, há uma dimensão subjetiva para os fenômenos do tempo e espaço que se entrelaçam com a percepção objetiva que as ciências estudam sobre estes aspectos. Essa dupla injunção atravessa toda experiência de realidade, como aponta Jung (2013e[1918], p. 25):

Por isso, é como se nosso consciente se encontrasse entre dois mundos ou realidades, ou melhor, entre dois tipos completamente diferentes de fenômenos ou objetos psicológicos. Metade das percepções lhe advém dos sentidos; a outra metade da intuição: a visão de fenômenos interiores, provocados pelo inconsciente.

Nota-se, portanto, como a experiência subjetiva não ocorre meramente como distorção ou obnubilação de uma realidade, mas atua justamente no sentido de criá-la. Entretanto, há na história da psicopatologia uma tendência que se expressa na ideia de afirmar uma temporalidade ou espacialidade estruturante e universal, que de alguma maneira se revelaria fragmentada ou fraturada nas psicoses (TATOSSIAN, 2006). Por que isto procede? Byington (2017, p. 24) aponta como no processo histórico de produção do conhecimento o secularismo, no ímpeto de dissociar o saber da religião, operou uma exclusão da esfera subjetiva da realidade: "a ciência

consagrou a objetividade, mas banuiu indistintamente o subjetivo junto com a religião". Essa desconexão, assim como outras que corroboraram o processo de dissociação da realidade, está na base da cisão a partir do qual a noção de patologia nasce. Nesse sentido, a psicose expressa o testemunho desse equívoco e indica como a experiência é tingida pela subjetividade, de forma que há nesse "protesto em forma de colapso" (PELBART, 1993, p. 39) a indicação sobre a natureza criativa da experiência humana. Desse modo, estudos como os de Nise da Silveira (2015) e John Perry (1987; 2020) demonstram como essa dimensão subjetiva da experiência pode operar como uma forma de abrir sentidos e construir novas possibilidades. Reencontre-se, portanto, a compreensão de Jung (2013b[1921], p. 66. Grifos nossos) sobre fantasia como central e criadora da experiência humana:

A realidade viva não é dada exclusivamente pelo produto do comportamento real e objetivo das coisas, nem pela fórmula ideal, mas pela combinação de ambos no processo psicológico vivo, pelo *esse in anima*. [...] **A psique cria a realidade todos os dias.** A única expressão que me ocorre para designar esta atividade é a fantasia. [...] É sobretudo a atividade criativa donde provêm as respostas a todas as questões passíveis de resposta [...] **A fantasia foi e sempre será aquela que lança a ponte entre as exigências inconciliáveis do sujeito e objeto, da introversão e extroversão.**

O tempo da vida e da morte

A partir da consideração sobre a dimensão subjetiva como constitutiva da realidade, abre-se a questão de se é possível constatar um potencial criativo a partir de uma perspectiva temporal. Pelbart (1993) parte da observação que há nos estados psicóticos uma experiência temporal aparentemente esvaziada, desencarnada e que se apresenta, em alguma medida, desconectada do ritmo da existência. Entretanto, alerta o autor, uma visão mais próxima revela que há nuances e relevos no aparente deserto árido da temporalidade psicótica. Por certo, para compreender essa topografia temporal, faz-se necessário considerar o contexto na qual ela se insere, isto é, deve-se atentar para o regimento temporal – uma cronopolítica – vigente e com o qual as experiências psicóticas contrastam. Há na contemporaneidade uma primazia de um ritmo que comprime o espaço e tempo em um instante; velocidade absoluta propiciada pela internet e condensação de futuro e passado pela informação já sempre disponível (como ilustra a própria existência virtual da biblioteca de Babel). No limite, a cronopolítica vigente visa a abolição do tempo pela absolutização do instante, que já condensa em si aquilo que virá. Muito diferente é a experiência psicótica! Grevistas do tempo, há na psicose uma operação que se expressa como "um protesto em forma de colapso frente ao império da velocidade" (PELBART,

1993, p. 39). Não se trata, porém, de uma postura estritamente reativa, na medida em que há a reivindicação de uma temporalidade própria, uma potencialidade que anuncia outras formas de se temporalizar.

E de que se trata essa outra temporalidade, ou ainda, o que se reivindica com ela? De início, pode-se afirmar que as experiências psicóticas – em semelhança às oníricas – apontam para a natureza virtual do tempo, isto é, "deslocada de qualquer atualização, qualquer presente, qualquer encadeamento, e apta a revelar, portanto, incongruências temporais, ligações transversais, coexistência de possíveis" (PELBART, 2015, p. 16). Reivindica-se, desse modo, um caráter originário da temporalidade, experiência inédita que tensiona com as compreensões sedimentadas e pede passagem para outros modos de existir; uma cronogênese, um jorrar do tempo que institui outros regimes de temporalidade. Assemelha-se, pois, ao tempo da criação e do pensamento, que é por sua natureza imprevisível, não linear e em certo sentido não causal, na medida em que é capaz de instituir algo da ordem do inédito. A temporalidade nas experiências psicóticas não se configura, portanto, como desvio ou alteração de um regime temporal estrutural, embora o erro de leituras como essas não esteja na constatação da diferença do fluxo temporal – como uma interpenetração entre retenção (conservação da ausência do que se foi) e protensão (anúncio do que está por vir) em oposição à tríade estrutural retenção-apresentação-protensão (TATOSSIAN, 2006) – mas na suposição de que há uma estrutura temporal determinada originária. Pelo contrário, a experiência psicótica desvela precisamente a inconsistência de uma pretensa universalidade de determinado regime de temporalidade e aponta para uma abertura temporal na qual diferentes modos de existência são possíveis.

Um dos modos de compreender a qualidade criativa da temporalidade psicótica se dá a partir da força expressiva que o inconsciente adquire nessas experiências. Jung (2013a[1958], p. 297) já apontava para o papel das formas arcaicas coletivas mobilizadas nos processos psicóticos como formas de apreender e elaborar os enredos psíquicos, além de criar novas possibilidades de existência. Similarmente, os processos regressivos e as produções expressivas descritos por Nise da Silveira (2015) e Perry (2020[1987]) podem ser apreendidos sob o prisma da temporalidade de uma regressão mítica que anuncia novos futuros. Desse modo, alinhavada com uma temporalidade vivida no cotidiano, há uma experiência temporal própria do inconsciente, em que as referências comuns de tempo se encontram subvertidas e da qual decorre a possibilidade de o inédito surgir. Como afirma Jung (2013f[1954], p. 42):

Já expliquei esta intemporalidade como sendo uma qualidade específica da experiência do inconsciente coletivo. [...] Na análise sistemática de um indivíduo, o redespertar espontâneo de formas ancestrais provoca um restabelecimento (como uma

espécie de compensação) [...] É muito difícil saber o que significa o tempo próprio do espírito [...] Não há dúvida de que o inconsciente tem seu "próprio tempo", pois nele se acham misturados o passado, o presente e o futuro.

Nota-se, contudo, que a potência criativa anunciada no fenômeno temporal psicótico não exclui o horror vivenciado nessa experiência. Se Laing (1990) aponta para uma desconexão com a alteridade e o mundo exterior, Pelbart (1993) apresenta semelhante desconexão sob uma perspectiva temporal e reconhece que, embora não esteja limitada a essa perspectiva, a experiência psicótica por vezes expressa um sofrimento da ordem de uma desencarnação ou atemporalidade. Essa dessincronização pode ser compreendida a partir da compreensão de Minkowski (1970) sobre a esquizofrenia. Referido no pensamento de Bergson (2010), o psiquiatra afirma que no cerne da experiência psicótica há uma perda de contato vital com a realidade ou uma dessincronização vital.

É evidente que o contato vital com a realidade tem uma natureza dinâmica. Não se trata aqui de "tocar" a realidade material ou de ser tocado por ela ou de qualquer outro fenômeno comparável a uma relação dessa ordem. O que temos em mente é a capacidade de avançar harmoniosamente com o *devenir* ambiente, de penetrá-lo e sentir-se um com ele. Empregamos aqui o termo "sincronismo vivido" para designar o fenômeno examinado (MINKOWSKI, 1970, p. 65. Tradução nossa.)¹⁷.

Percebe-se, portanto, que o contato vital com a realidade guarda relação com uma autêntica movimentação histórica – conforme Binswanger (1977). Nos processos psicóticos, essa possibilidade se encontra restrita ou eventualmente paralisada, o que se expressa na dificuldade ou por vezes incapacidade de agir de maneira significativa sobre a própria existência. Dessa forma, mesmo os delírios de grandeza são acompanhados de um esvaziamento cotidiano: o sujeito acredita ser um deus ou rei, mas isso não lhe impele para uma ação referida nessa identidade. Sob uma perspectiva temporal, esse contraste indica que na experiência psicótica o fluxo temporal se encontraria de algum modo constrangido ou fragmentado. O tempo não é mais experimentado de modo contínuo e orientado para determinado futuro, mas parcializado e vivenciado como uma sucessão ou justaposição de momentos. Com efeito, em uma experiência de sincronismo vivido, o tempo é experimentado de forma melódica, isto é, há uma unidade significativa entre retenção, apresentação e protensão, de modo que aquilo que se apresenta adquire sentido em relação ao que já foi e ao

¹⁷ No original: *It is evident that the vital contact with reality has a dynamic nature. It is not a question here of either "touching" material reality or being touched by it or any other phenomenon comparable to a relation of this order. What we have in mind is a faculty of advancing harmoniously with ambient becoming, in penetrating it and feeling one with it. We employ here the term "lived synchronism" to designate the phenomenon examined.*

que se anuncia como futuro; sucessão de notas que formam um todo harmônico: cada nota não existe isoladamente de forma sucessiva, mas o conjunto existe como um total sintético que se apresenta e é apreendido pelo sujeito. Em contrapartida, na experiência psicótica essa unidade significativa se fragmenta, de modo que o que se experimenta é uma justaposição que dificulta uma movimentação existencial, isto é, uma construção de sentido que mobiliza em direção a algo. Destarte, a desencarnação, atemporalidade ou paralisia descritas nas experiências psicóticas podem ser compreendidas sob o prisma de uma experiência temporal na qual não há uma continuidade consistente da experiência, ou talvez, de maneira mais precisa, um ritmo cujo descompasso com o ritmo mundano produz a experiência de imobilidade.

Tempo e memória

Como compreender a memória nessa experiência temporal? Jung (2013a[1907]) observava alterações na capacidade de reprodução de pacientes diagnosticados com *dementia praecox*, ao mesmo tempo em que também notava uma capacidade de conservação surpreendente. Deve-se diferenciar, ao se tratar de memória, a possibilidade de reproduzir fatos e informações corriqueiros ou pouco significativos e a preservação de eventos de importância afetiva. Seria possível afirmar que há memória de eventos afetivos importantes? Jung (2013a[1908], p. 192-193) relata o seguinte caso:

Tivemos durante trinta e cinco anos uma paciente interna no Burghölzli que passou anos na cama sem dizer absolutamente nada, sem qualquer reação. Tinha a cabeça sempre curvada, as costas arqueadas e o joelho levemente flexionado. Fazia uns movimentos de fricção estranhos com as mãos que, ao cabo de alguns anos, geraram enormes calosidades na superfície áspera das mãos. O polegar e o indicador da mão direita eram mantidos juntos como se ela estivesse costurando. A paciente morreu há cerca de dois anos e tentei investigar como ela era no começo da doença. Ninguém na clínica se lembrava de tê-la visto fora do leito. Somente a chefe das enfermeiras, já bastante idosa, lembrava-se de tê-la visto sentada na mesma posição em que ficava quando deitada. Nessa época, ela fazia movimentos rápidos e amplos com os braços sobre o joelho direito; dizia então que ela "costurava sapatos" ou que "polia sapatos". Ao longo dos anos, os movimentos foram se restringindo, permanecendo apenas um pequeno movimento de fricção e o polegar e o indicador em posição de costura. Consultei em vão nosso velho arquivo e nada constava sobre a história pregressa da paciente. No enterro, apareceu um irmão de setenta anos e eu lhe indaguei a respeito da causa da doença de sua irmã. Ele respondeu que ela havia se apaixonado e que, por diversas razões, o namoro se desfez. Isso abalou de tal modo o coração da moça que ela entrou num estado de profunda melancolia. Quem era o amado? Um *sapateiro*. Ao menos que se prefira ver aqui o estranho jogo do caso, deve-se supor que a paciente conservou, sem qualquer alteração, a lembrança do amado durante trinta e cinco anos.

Sob uma perspectiva temporal, seria possível apreender esse caso a partir de um prisma de deterioração e paralisia, na medida em que a mulher não foi capaz de superar sua frustração

amorosa e cristalizou-se nessa posição, constringendo assim sua autêntica movimentação histórica. Haveria, dessa forma, uma fragmentação ou um represamento do fluxo temporal, produzindo uma perda do contato vital com a realidade e uma conseqüente incapacidade de agir de maneira significativa sobre a própria existência. Embora sob uma perspectiva comparativa da experiência considerada normal haja nessa temporalidade algo da ordem de um represamento, desaceleração ou fragmentação, há também certa potência da ordem de uma elaboração, gestação ou criação. A manutenção dessa memória adquire, nesse sentido, a extensão de uma experiência temporal e a preservação de uma posição existencial frente à ameaça de colapso. Cria-se, portanto, uma temporalidade que permite a gestação de uma nova posição existencial, embora o tempo necessário para essa criação por vezes não caiba em uma vida.

Os loucos, na sua fragilidade e inconsistência, com sua origem turvam e nebulosa, num processo constante de reconstrução a partir dos destroços anteriores, também precisam, para sustentar-se, de muita engenhosidade, acaso e amiúde uma boa torcida desejante. [...] É preciso dar tempo a essa gestação com que se confronta a loucura, a essas tentativas, a essa construção e reconstrução, a esses fracassos, a esses acasos. Um tempo que não é o tempo do relógio, nem do sol, nem o do campanário, muito menos o do computador. Um tempo sem medida, amplo, generoso (PELBART, 1993, p. 32).

A imagem do espaço

Considerada a dimensão temporal nas experiências psicóticas, deve-se atentar agora para a espacialidade. Conforme visto, Nise da Silveira (2015) dedicava atenção para a espacialidade de seus pacientes e a forma como essa experiência era expressa nas diferentes produções. A autora constava que surgiam nos trabalhos uma representação de espaço que não comunicava a percepção objetiva da realidade circundante (embora em alguma medida também fosse considerando que eram pacientes internados em um hospital psiquiátrico), mas que expressava a experiência espacial do sujeito naquele contexto. Em alguns casos, porém, havia sobreposição entre uma vivência de restrição e solidão (um espaço interno) e a percepção sobre o espaço. De qualquer modo, Nise salientava a importância de se considerar a relação do sujeito com o espaço e fazia um aceno à psicopatologia fenomenológica como instrumental para compreender essas experiências.

Observa-se que o próprio Minkowski (1970) propõe, conjuntamente à noção de tempo vivido, a ideia de espaço vivido. Segundo o autor, haveria duas experiências espaciais: o espaço claro e o espaço escuro. O primeiro diz respeito a uma espacialização na qual o sujeito é capaz

de se localizar em relação ao seu mundo, tanto no sentido de delinear os objetos circundantes quanto na possibilidade de distanciar-se e aproximar-se desses objetos – o que é possível pela existência de um espaço livre que separa o sujeito de seu mundo. Trata-se, nesse sentido, de uma espacialização na qual é possível movimentar-se de maneira mais ou menos desimpedida, embora se observe que esse espaço é de caráter público e sociável, no sentido de que a capacidade de se compreender e localizar distâncias implica alteridade e identidade.

O espaço claro é um espaço imediatamente socializado, no sentido mais amplo do termo. Além disso, é neste espaço que minha atividade se desdobra sem amarras; sempre encontrarei o espaço necessário para esta atividade; e aqui novamente serão as noções de distância, extensão e plenitude que caracterizarão este espaço (MINKOWSKI, 1970, p. 428. Tradução nossa)¹⁸.

Em contrapartida, o espaço escuro caracteriza-se por uma imersão que não permite localização e compreensão de distância. Refere-se a uma espacialidade na qual há uma envoltura ou dobra na qual o sujeito encontra-se absorvido. Perdem-se, nesse sentido, os parâmetros de identidade e alteridade, na medida em que em termos espaciais a possibilidade de determinação destes depende da compreensão de distâncias e espaço livre. Minkowski exemplifica:

Talvez ilustremos esse estado de coisas nos referindo mais uma vez ao espaço auditivo. Sentado em uma sala de concerto, fecho meus olhos e fico absorvido ouvindo a peça musical que está sendo tocada. Há espaço aqui; mas no que diz respeito aos sons, não haverá nem "ao lado", nem distância, nem extensão; vou me sentir completamente envolvido pela música; o som vai me atingir, preenchendo todo o espaço que me separa de seu ponto de origem, penetrando-me nas profundezas do meu ser, transformando então este espaço, assim como eu mesmo, em uma esfera sonora uniforme, se assim o afirmo, e eu vou vibrar (MINKOWSKI, 1970, p. 430. Tradução nossa)¹⁹.

Nota-se que sob uma perspectiva psicopatológica ambos os espaços – claro e escuro – existem na experiência espacial considerada normal, de modo que operaria nas experiências psicóticas uma desproporção entre essas vivências. Por certo, essas noções não circunscrevem

¹⁸ No original: *Light space is an immediately socialized space, in the broadest sense of the term. Besides, it is in this space that my activity breaks forth without shackles; I will always find the necessary place for this activity; and here again it will be notions of distance, extension and fullness which will characterize this space.*

¹⁹ No original: *Perhaps we might illustrate this state of thing by referring once more to auditive space. Seated in a concert hall, I close my eyes and become absorbed in listening to the piece of music that is being played. There is space here; but as far as sounds are concerned, there will be neither "beside", nor distance, nor extension; I will feel completely enveloped by the music; the sound will reach me, filling all the space which separates me from their point of origin, penetrating me to the depths of my being, thus transforming this space as well as myself into a sonorous, uniform sphere, if I put it this way, and I will vibrate.*

todas as possibilidades de espacialização, embora forneçam parâmetros para a compreensão de determinadas experiências.

Estendendo a compreensão da experiência espacial na psicose, as observações de Jung (1907/2013a) acerca dos discursos delirantes indicam um bom ponto de partida. Analisando as cadeias associativas de pacientes psicóticos, Jung reconstituiu uma linha de sentido entre as associações e identificou mecanismos semelhantes aos que operam nos processos oníricos (como metáforas e metonímias) na construção do discurso delirante. Desse modo, Jung (2013a[1907], p. 130) afirma o discurso delirante no campo do sentido, embora reconheça suas particularidades:

O inconsciente, porém, age de modo diferente: vimos, por exemplo, como o sonho transforma uma expressão metafórica em realidade, que é substituída para o sujeito do sonho, ou então como um complexo inconsciente condensa conjuntamente uma analogia distante e uma pessoa. [...] Como mostram os capítulos anteriores, a *pressuposição necessária desta condensação é a indistinção das ideias*, estado em que normalmente elas se encontram no inconsciente. [...] O mesmo processo de obscurecimento desencadeado no âmbito das ideias se dá no discurso: a linguagem vai se tornando gradualmente confusa, expressões semelhantes substituem-se entre si, aparecem transposições sonoras e associações (verbais) indiretas.

O que processos como metonímia, metáfora ou indistinção entre ideias podem revelar sobre a espacialidade na psicose? Há uma aproximação útil que pode ser feita com a noção de excentricidade (*verschrobenheit*) proposta por Binswanger (1977). Referido na noção de instrumentalidade proposta por Heidegger (2013), ele afirma que *verschrobenheit* deve ser compreendida a partir de uma *torção excessiva* das relações referenciais típicas que compõem determinado contexto. Desse modo, ilustra Binswanger, um pai presenteia sua filha que tem câncer com um caixão no Natal. O que se passa nessa cena? O pai constrói uma visão sobre as relações referenciais em jogo na festividade de Natal que lhe permite compreender um caixão como presente (afinal, se sua filha morrer de câncer, um caixão seria útil). Entretanto, na perspectiva comum, trata-se de um presente inadequado, que não diz respeito às festividades natalinas. Esse descompasso confere à sua ação um caráter excêntrico. Há, portanto, uma experiência espacial na qual aproximação e distanciamento adquirem um caráter fluído, no sentido de que não há dificuldades em aproximar elementos tipicamente distantes ou reorganizar distâncias de modo que se configure um novo sentido. Dilui-se os limites comuns, de forma que tudo se torna passível de aproximação ou distanciamento, e mesmo um elemento periférico e indireto pode assumir uma posição central.

Percebe-se, destarte, que o discurso delirante desvela uma espacialidade essencialmente criativa, na medida em que permite a articulação de novos sentidos e disposições, embora

também se considere o distanciamento que essa espacialidade produz em termos de alteridade. Nesse sentido, os discursos analisados por Jung (2013a[1907]), apesar de serem ricos em uma perspectiva simbólica, mostram-se empobrecidos no que se refere à possibilidade de comunicação com outro. Reafirma-se então em termos espaciais aquilo que se constatou sob uma perspectiva temporal: há um descompasso na espacialização psicótica em relação à considerada comum que, embora seja sob certa perspectiva potencialmente criativa, também é potencialmente angustiante, na medida em que isola o sujeito da possibilidade de relações de alteridade.

Semelhantes observações poderiam ser feitas em relação à espacialidade expressa nas experiências alucinatórias. Desse modo, na medida em que se considera a alucinação como uma "projeção externa de elementos psíquicos" (JUNG, 2013a[1907], p. 104), entende-se que em termos espaciais fenômenos como projeção e deslocamento podem ser compreendidos pela *torção* de distâncias e proximidades. Com efeito, a própria noção de espaço claro e escuro auxilia no entendimento das experiências alucinatórias, na medida em que expressa em termos espaciais a indistinação dentro-fora assim como o estupor ou obscurecimento. Por fim, nota-se que as experiências alucinatórias também apontam para uma intersecção pertinente entre espacialidade e corporeidade na psicose, embora não se pretenda desenvolver essa ideia no momento. A corporeidade é um tema extenso e sua expressão na experiência psicótica é complexa, assim como sua articulação com a temporalidade e espacialidade, como atesta a clínica e a pesquisa de Wanderley (2002).

Reiterando o essencial

O que é possível compreender, portanto, da relação entre a fantasia e imaginação e as experiências na psicose? Ainda que mais do que possa ser escrito, algo pode ser destacado. Em uma época marcada pela primazia da razão e da objetividade, essas experiências resgatam o saber inerente à subjetividade e abrem novas possibilidades de existência. O imaginário se potencializa e adquire qualidade originária. As experiências temporais e espaciais na psicose atestam contra a pretensão de uma estrutura espaço-temporal universal, ao menos no que se refere à experiência humana, enriquecida pela subversão da realidade comum. Em contrapartida, entende-se que a experiência psicótica, justamente ao apresentar-se em menor ou maior medida em descompasso com a experiência comum, implica um prejuízo na possibilidade de se relacionar com a alteridade e com o mundo, ocasionando dilaceramento e fragmentação.

A história da loucura é extensa e sinuosa; a produção de saber associada a esse campo historicamente se mostrou insuficiente na capacidade de compreendê-la, por vezes embasando práticas violentas e desumanas. É necessário restaurar a qualidade humana da psicose e sustentá-la como uma expressão que não é deficitária em relação às outras. Não se trata, por fim, de negar o sofrimento que há nas experiências psicóticas, mas de ver além da doença e da limitação, desvelando sua potencialidade e criatividade.

Ao prosseguir [...] descobrimos que, na experiência psicótica, o desmembramento do corpo de alguém cria um vazio que impede que este corpo seja vivido. Ao mesmo tempo, este vazio é um espaço potencial, criador de novas referências individuais, ao devorar o mundo exterior em seu ventre-abrigo e metabolizá-lo simbolicamente. A psicose é, também, uma vivência potencial criadora. Isto nos obriga a um novo olhar sobre a loucura, uma nova ética (WANDERLEY, 2002, p. 70).

PARTE III: EXPERIÊNCIA VIVIDA E REFLETIDA

7. REMORIA: A CIDADE DE OUTRO TEMPO

O relato que se prossegue é uma ficção; amálgama criativa das minhas fantasias com a experiência de trabalho que tive em determinado caso. Essa opção narrativa visa preservar o anonimato dos sujeitos envolvidos, assim como realçar aspectos fundamentais que ocorreram no caso. Toda boa ficção expressa uma verdade; a vida imita a arte, como dizem. Intitulei essa produção de *Remoria: a cidade de outro tempo*. Acompanharemos a experiência de Leonardo, estrangeiro que chega em uma cidade cujo único habitante é Remo. Lá, ele aprende sobre o tempo, a música, o divino, a cidade e seu habitante. Ao final, porém, ele descobre que não foi somente Remo que construiu as fortificações daquela *polis*.

O relato, embora escrito, foi organizado com inspiração em um concerto: uma divisão em movimentos, cada qual com sua tônica e ritmo. De início, apresentamos a dupla, para em seguida adentrar na câmara, na qual o maestro e solista se conhecem e cumprimentam. A partir daí, inicia-se o concerto, com seus três movimentos.

Feitas estas considerações iniciais, acompanhemos agora *Remoria: a cidade de outro tempo*, história de Remo e Leonardo.

O solista e o maestro se cumprimentam

O caso de Remo²⁰ era conhecido, uma vez que já havia sido acompanhado por uma colega. Tratava-se de um rapaz de vinte e dois anos, ensino médio incompleto, diagnosticado com esquizofrenia desde seus dezesseis. Seu único tratamento havia sido o trabalho de acompanhamento terapêutico e um acompanhamento irregular na psiquiatria. O trabalho anterior havia durado cerca de um ano e foi finalizado repentinamente, devido à alegação de dificuldade financeira do pai. Um ano e meio após a interrupção, o pai procurou novamente um at.

Até esse ponto, nunca tinha visto Remo e meu contato com o pai dele havia sido muito pontual. Todavia, escutava o que a colega que havia acompanhado o caso dizia. Muito se falava sobre a gravidade, embora a preocupação maior não fosse referente ao quadro psicopatológico propriamente dito, mas às condições em que Remo se encontrava. Ele morava sozinho em um apartamento na zona leste da cidade e não tinha contato com praticamente ninguém além de seu pai. Sua mãe era distante, visitava-o pouco e era vista pelos profissionais que a conheciam

²⁰ Os nomes adotados, assim como outras informações clinicamente irrelevantes, são fictícios e têm como finalidade preservar o anonimato dos sujeitos envolvidos.

como uma pessoa que transmitia certa estranheza e alternava estados de humor. Havia queixas dos vizinhos sobre o comportamento de Remo, mais notadamente sobre como ele uivava. Em contrapartida, a colega também falava como o trabalho de acompanhamento terapêutico havia surtido efeitos, com Remo realizando algumas saídas. Também foi possível, durante o período de acompanhamento, que ele fizesse uma triagem em uma instituição de tratamento em saúde mental. Contudo, esses projetos foram suspensos com a interrupção do trabalho, o que produziu frustração para quem acompanhava o caso, além de uma preocupação do possível risco psíquico e de vida que Remo estava sujeito, considerando as condições em que se encontrava.

Antes de conhecer Remo, proposições e imagens já povoavam minha imaginação. Cultivava uma curiosidade sobre os relatos dos uivos. De que se tratavam? O uivo do lobo, ao contrário do imaginário popular, não é exatamente para a lua, mas para outros lobos. Entretanto, simbolicamente, a imagem do lobo uivando para a lua é carregada de sentido – e me perguntava o que Remo buscava em um símbolo anímico forte como a lua. Seria o uivo de um lobo que deseja se encontrar outros lobos ou o uivo de um lobo ligado ao poderoso feminino que a lua simboliza? Como de costume, fazia um esforço para suspender um tanto todos esses questionamentos, com receio de que isso pudesse contaminar meu contato e compreensão sobre o que fosse se apresentar no caso. Afinal, talvez não fosse nada do que havia pensado. Algum tempo havia se passado desde a interrupção do atendimento, então muito poderia ter mudado, seja para melhor ou pior. Parecia, contudo, que duas perguntas poderiam nortear esse primeiro contato: (I) como estaria a relação desse pai com esse filho? (II) quem era Remo, para além desses relatos e diagnósticos?

Sobre a primeira, já no primeiro contato com o pai pude ter alguma notícia. Havíamos combinado de nos encontrar em uma padaria em frente à casa de Remo. Contudo, ele chegou somente uma hora após o combinado, de modo que o local estava fechado e nos reunimos então na área comum do prédio. Perguntei como que Remo estava e ele respondeu: "Continua na mesma de sempre". O "de sempre" se referia, de um lado, à situação de isolamento do filho, que não saía do apartamento para praticamente nada, com exceção das poucas vezes em que ia no mercado ou na padaria do outro lado da rua comprar alguma coisa, e, do outro, à falta de acompanhamento profissional. De acordo com o pai, Remo estava a cerca de dois anos desassistido, sem tratamento algum. Embora tomasse medicação, não havia acompanhamento psiquiátrico, uma vez que o pai atualizava a receita com uma colega médica, que, por sua vez, não tinha nenhum contato com Remo. Questionado sobre o longo período sem assistência que o filho passou, ele comentou que sua principal dificuldade era que o Remo saísse do apartamento, dado que ele se mostrava muito resistente a entrar no carro. O pai entendia que

esse arranjo que ele fez com sua colega não era adequado, mas que era uma forma possível de cuidar minimamente de Remo.

O pai também se queixava da aparência do filho, que cultivava poucos hábitos de higiene pessoal, parecendo um mendigo, e do pouco cuidado com o apartamento. Ao comentar sobre como o filho circulava com a aparência que tinha, disse: "Mas eles [os funcionários da padaria] não se incomodam, eles sabem que ele não é uma pessoa". Ele também mencionou as queixas dos vizinhos sobre o comportamento de seu filho e referiu-se, para além da aparência e cheiro de Remo, aos barulhos que seu filho fazia e que os incomodavam. Seu tom enquanto falava sobre esses e outros aspectos era curiosamente afetivo, demonstrando uma preocupação acompanhada de tristeza. Esse tom se refletia também em uma resposta desesperançosa que deu, quando questionado do porquê de procurar tratamento agora, tendo em vista o tempo anterior que ele ficou sem procurar auxílio profissional: "Recentemente o Remo me perguntou se eu não podia achar alguém para conversar, como a N. [a antiga at dele]. Aí fiquei mais animado de procurar alguma ajuda, tomara que dê certo". Nesse momento, minha fantasia sobre os uivos retornou, tanto por conta do lapso de fala do pai, que disse que seu filho não era uma pessoa (afinal, quem uiva é lobo) como também pelo pedido explícito do filho para conversar com alguém. O lobo não tão lobo cujo uivo pedia um contato com outro? Em retrospectiva, porém, penso se houve uma antecipação em imaginar que esse pedido de contato seria a partir de um léxico português. Afinal, talvez a comunicação solicitada fosse uma que exigisse uma linguagem licantrópica.

Ainda nessa primeira conversa, o pai se queixou de estar sobrecarregado, tanto financeira quanto subjetivamente. Reclamou da ausência da ex-mulher nos cuidados com o filho, afirmando que ela só ligava para saber como Remo estava e raramente o visitava; todo o cuidado material (como fazer supermercado, pagar as contas, entre outros) ficava sob a responsabilidade dele. Por fim, também acordamos o valor-hora do trabalho e a frequência na semana. Em seguida, subimos para conhecer Remo.

Remo estava na sala esperando quando chegamos ao seu apartamento. Ele era um homem que aparentava ter uns vinte e três anos, cabeludo, barbudo e gordo. Estava usando uma calça moletom velha, chinelos, uma camiseta manchada e um gorro. Sua mão estava com um curativo sobre um ferimento que parecia recente. Remo nos cumprimentou e ficou em silêncio enquanto eu me apresentava; disse-lhe que era acompanhante terapêutico e que conhecia N. Afirmar que estava lá porque queria conhecê-lo, ao que ele respondeu "Tudo bem" e permaneceu em silêncio. O pai então se retirou dizendo que ia ao mercado comprar algumas coisas. Sentei-me no sofá e Remo se dirigiu à cozinha, que era separada da sala por um balcão.

Mal sabia que nesse momento já se desenhava a disposição física que marcaria todo um primeiro movimento do trabalho: eu sentado no sofá e Remo atrás do balcão da cozinha. Assim que seu pai saiu do apartamento, perguntei como ele estava. Remo começou a me contar um tanto de si. Sua fala, nesse primeiro encontro, girou principalmente em torno da sua relação com seu pai. Disse que gostava dele, que ficava feliz com a ajuda que dava, mas que ele já estava "velhinho" e que acabava implicando com coisas "nada a ver". Contou que estava parado fazia um tempo, por conta de um "probleminha" de saúde que tivera. Quando perguntei de que se tratava esse "probleminha", ele relatou que alguns anos atrás, tinha tomado um remédio que lhe deu fraqueza muscular e que desde então vinha se recuperando desse acontecimento. Perguntei também o que aconteceu com sua mão e ele respondeu que dois dias atrás tinha tropeçado e caído na porta de vidro da varanda (que realmente estava quebrada). Enfim, a conversa foi se desenrolando até que seu pai retornou, momento no qual Remo silenciou-se novamente – o que não me passou despercebido, embora não soubesse o que pensar sobre isso naquele momento. Despedi-me dos dois e combinei o dia para voltar a ver Remo.

Com essa cena se deu o início do trabalho de AT, inicialmente acordado em duas vezes por semana. Nesse primeiro encontro, percebi que tinha interesse por Remo e o modo como se expressava, que parecia destoar dos relatos que havia escutado sobre o caso. Pensei: "É, realmente não é uma situação boa em que esse rapaz está, mas há uma sobriedade na sua fala que me surpreende". Na época, ainda carregava a experiência do contato com psicóticos da rede pública, como de CAPSs ou Residências Terapêuticas - homens e mulheres mais velhos, cujos tratamentos foram marcados fortemente pelas práticas manicomialis e nos quais os efeitos dessas práticas não passavam despercebidos. Não duvidava que Remo fosse psicótico, mas sua organização e clareza de discurso me fazia perguntar que *insights* ele poderia ter sobre a realidade. Ainda não tinha noção de quem ele era e o que poderíamos construir juntos, mas estava mobilizado pelo desejo de trabalhar com ele.

Primeiro movimento

Retornei na mesma semana para o apartamento de Remo. Todavia, logo na portaria tive um desencontro com o porteiro, que não autorizava minha subida. Embora se lembrasse de mim devido à outra vez que fui, disse que o pai não havia deixado autorizada minha entrada de sábado, somente de quarta-feira. O interfone de Remo já não funcionava fazia tempo e seu celular estava quebrado, de modo que não era possível entrar em contato com ele. Após uns quinze minutos entre eu ligar para o pai, sem ele atender, e tentar resolver com o porteiro, ele

consegui contato com o pai de Remo e autorizou minha subida. Esses quinze minutos iniciais, apesar do atraso, deram uma oportunidade interessante para fazer um contato inicial com o porteiro. Ele conhecia Remo por todo o tempo que o rapaz havia morado sozinho no apartamento e referia-se de maneira intrigada à situação. No decorrer do trabalho, essa curiosidade foi gradativamente dirigida a mim, de forma que pareceu oportuno manter um diálogo com esse homem, tanto pelos comentários parcialmente informativos como: "Esses dias ele até que saiu bastante, foi três vezes comprar refrigerante na padaria da esquina", como também pela preocupação ligeiramente afetiva, que surgia em perguntas sobre o bem-estar de Remo. Quando saía com Remo, era possível observar as reações do porteiro e inclusive propiciar breves diálogos entre nós três. É curioso como no acompanhamento terapêutico temos a oportunidade de cruzar com diversas redes, por vezes singelas, que compõem o universo de nosso acompanhado. Embora no caso relatado não tenha existido tempo suficiente para esses breves encontros e contatos produzirem algo novo, havia possivelmente uma potência nessa rede, ao menos no sentido de construir outra experiência de portaria para Remo.

Quando cheguei, bati na porta e Remo abriu. Sentei-me no sofá e ele se dirigiu para a cozinha, atrás do balcão – seguindo a disposição supracitada. Embora Remo sempre me recebesse e conversasse comigo, ele mantinha uma distância física, que sentia como uma hesitação da parte dele. De fato, acredito que essa cautela era partilhada por ambas as partes, na medida em que eu ainda estava procurando me situar um pouco naquele ambiente. Notava uma dupla sensação: de um lado, me chamava a atenção o contraste entre a receptividade discursiva de Remo e o distanciamento entre nós. Na época, contudo, não dei a devida atenção a esse contraste – provavelmente significativo da distância entre o meu português, que Remo se esforçava para falar, e sua linguagem licantrópica – na medida em que também sentia uma sensação de que havia um jogo acontecendo. Quase como em uma dança ou um flerte, sentia que havia um ritmo e uma dinâmica que precisavam ser respeitados e não podia me antecipar ao fluxo que se instaurava. Na oposição entre a incisividade de um cirurgião e a paciência de um pescador, sempre estive mais próximo ao mar, de modo que não sentia pressa em solucionar o jogo que sentia ocorrer.

Cabe uma descrição do apartamento de Remo. De uma forma geral, era sujo, possuía um cheiro muito forte e continha muitas coisas quebradas. A porta de entrada dava de frente para a sala. A cozinha ficava logo à direita da porta, separada da sala por um balcão. O sofá em que eu me sentava ficava de frente para uma TV, apoiada sobre um móvel que tinha dois videogames, jogos para esses consoles e DVDs. Do lado havia um violão pendurado na parede e um amplificador pequeno. A varanda, com seu vidro quebrado, possuía uma vista muito

bonita para uma parte arborizada da cidade. Os quartos ficavam após o corredor, no qual também havia o banheiro. Minha sensação nos primeiros atendimentos era como se estivesse dentro de um museu ou um sítio histórico, como se os objetos lá presentes pertencessem a outra época e cujos significados não eram imediatamente acessíveis. O próprio Remo, embora habitasse aquele espaço, não parecia se apropriar da maioria dos elementos lá dispostos. A própria forma como se referia aos diferentes objetos passava a impressão de que ele não tinha mais familiaridade com eles. Era como se ele próprio não se reconhecesse naquele espaço; uma herança falida de tempos passados.

O que havia acontecido? Não era a primeira vez que testemunhava esse tipo de relação com o mundo, embora as expressões de Remo particularmente me produzissem uma sensação de profunda solidão. Há certa solidão que é fácil de imaginar: toda pessoa, em maior ou menor intimidade, conheceu alguém solitário. Entretanto, não é sempre que se conhece alguém cuja solidão não se limita ao contato humano, mas estende-se aos objetos circundantes. É uma solidão que denuncia uma perda fundamental: a familiaridade com o mundo. Racionalmente, Remo sabia o que eram a maioria dos objetos de sua casa, mas subjetivamente sua relação com eles era inexpressiva. Isso produzia um efeito curioso, na medida em que também me sentia desorientado frente ao que se apresentava. Por vezes experimentava aquele espaço como se estivesse em uma peça de teatro, na qual o cenário fora elaborado genericamente, somente para preencher o pano de fundo e sem guardar relação com a cena que se desenvolvia em primeiro plano. Embora houvesse uma televisão, jogos, filmes, entre outros objetos comuns, sentia que nada era passível de real interação. Imaginava, então, como era a solidão de quem nem com as coisas podia conversar.

Essa afetação com o espaço se relacionava com um dos principais temas desse primeiro movimento: a sensação que Remo tinha de ter parado no tempo. Sua impressão era de que todos seus antigos colegas tinham seguido com a vida, cursado uma faculdade, casado e ele havia continuado na mesma situação que estava. Remo – assim como seu pai – não conseguia perceber mudanças em sua vida desde o final de sua adolescência. Havia uma grande indiscriminação e homogeneidade em sua vivência temporal, cujo único parâmetro parecia ser o dia e a noite, da qual ele tinha medo. Nesse "primeiro movimento", eu sempre era recebido com alguma surpresa, embora sempre viesse nos mesmos dias e horários: "Não sabia que você vinha hoje", ele dizia. Geralmente, quando eu chegava, Remo me pedia um momento para se arrumar (colocar uma camiseta, tirar algo de cima da mesa ou do sofá). Esse cuidado que ele

demonstrava-me dava alguma notícia de que, apesar da confusão temporal, alguma marca²¹ eu começava a produzir lá.

A primeira vez que ouvi Remo dizer que sentia ter parado no tempo, algo fascinante foi evocado. Coincidentemente – ou não –, na época em que comecei a acompanhá-lo, estava muito entretido em reflexões pessoais sobre a natureza do tempo. Com o auxílio de técnicas meditativas, procurava avaliar as diferentes formas de como sentia a passagem do tempo. Seria possível sentir o fluxo temporal, da mesma forma que se sente a velocidade do deslocamento e o repouso? O que significava experimentar a passagem do tempo? Claro que tinha registrado a experiência de uma sensação fidedigna do tempo, isto é, uma de acordo com aquela indicada pelo relógio. Entretanto, por diversas circunstâncias, também havia experimentado passagens do tempo absolutamente singulares. Pelas minhas experimentações, havia notado que, tipicamente, quanto maior o investimento de atenção em um objeto ou tema, maior era o fluxo temporal, embora em algumas raras situações o efeito produzido fosse o contrário. Curiosamente, uma forma eficiente de produzir uma sensação de um fluxo temporal lento era observar a própria passagem do tempo no relógio, em que quanto mais fragmentada fosse a contagem do tempo (por segundos ou até mesmo milissegundos), mais devagar era a sensação de fluxo temporal. Isso me fazia perguntar por que então a vivência temporal comum era mais rápida do que a passagem do tempo contada. Entretanto, havia situações em que um forte afeto positivo ou negativo também produzia uma sensação de um fluxo temporal desacelerado. Além desses questionamentos e observações, também refletia sobre a passagem do tempo em uma escala maior: a passagem dos meses, dos anos, da vida. Nesse âmbito, atentava para a diferença entre não sentir o tempo passar e sentir-se imóvel apesar da passagem do tempo. Percebia uma relação entre uma disposição subjetiva e a sensação sobre o tempo transcorrido: eventos relativamente recentes, mas que estavam muito distantes da minha realidade subjetiva naquele momento de vida, eram percebidos como vividos muito tempo atrás. Todavia, eventos marcantes, que ainda ressoavam na minha realidade, eram percebidos como recentes, independente do tempo contado. Havia, portanto, uma relação significativa entre a realidade psíquica – ou por que não existencial? – e a passagem do tempo. Essa constatação, embora não fosse novidade em uma perspectiva teórica, era um acréscimo relevante no meu campo vivencial.

Evidentemente, a queixa de Remo não estava diretamente associada às minhas reflexões. Conforme escutava, ia localizando sua fala de "ter parado no tempo" com uma

²¹ Entendo que a minha presença ser encadeada com outras ações, como colocar uma camisa ou arrumar a sala, mostrava uma mínima organização e diferenciação espaço-temporal para Remo.

imagem do Binswanger (1977) sobre a esquizofrenia e referindo-a na lentificação ou paralisação da autêntica movimentação histórica do ser-aí. Por certo, o tempo do relógio dizia pouco em relação ao tempo vivido. Isso já era sabido tanto pela Filosofia quanto pela Psicologia; até em uma perspectiva historiográfica ou política há o reconhecimento da diferença entre o tempo dos processos históricos-políticos e o tempo contado. Parafraseando Lênin: há décadas em que nada acontece e há semanas em que décadas acontecem. No caso de Remo, parecia que ele relatava sobre uma década em que nada havia acontecido.

Não estava, portanto, de frente a uma situação inédita. Curiosamente, meu primeiro caso de AT também apresentava uma questão em relação à (não) passagem do tempo, assim como alguns outros que acompanhei posteriormente. Entretanto, havia algo na forma que Remo falava que me despertava grande curiosidade. Em retrospectiva, percebo como em certos momentos talvez acreditasse que a experiência temporal dele pudesse elucidar algumas das indagações que eu tinha em relação ao tempo. Havia, nesse sentido, uma sobreposição de interesses em minha escuta: compreender aquilo que ele compartilhava e aprender com ele sobre a natureza do tempo. Mais um desencontro entre meu português e a linguagem licantrópica que o caso exigia?

Relacionado à temática temporal, outro assunto que foi importante nesse primeiro movimento foi a solidão. Com postura e crítica muito interessantes, Remo falava como ele era uma pessoa solitária. Embora mantivesse contato telefônico com seus avós e com sua mãe, o único contato presencial frequente que dispunha, antes de iniciar o acompanhamento, era com seu pai, o que lhe era insuficiente. Um dia, falando sobre essa solidão, disse-me: "É claro que eu falo sozinho. Não tinha com quem falar, aí comecei a falar comigo mesmo". Comentava do esforço que fazia no passado (quando já se encontrava sozinho no apartamento) para conhecer pessoas, mas que não produzia frutos: "Eu chegava e falava bom dia, sempre falei bom dia, mas nunca deu certo". Remo também dizia que tinha dificuldades para conhecer pessoas porque nunca tinha assunto, o que também era algo que seus pais lhe diziam. Associava essa falta de assunto com sua situação ("Como que vou ter assunto se não faço nada?") e mostrava o desejo de fazer algo diferente para então ter algo para conversar com seus pais e outras pessoas: "Se eu saísse e fosse pra um bar ou sei lá, aí pronto, poderia voltar pro apartamento e teria assunto pra falar com minha mãe ou meu pai". Entretanto, não se mostrava disposto aos meus convites, provavelmente precipitados, que surgiram a partir dessas falas. Por fim, comentava sobre como no passado ele buscava conversar com pessoas virtualmente, seja contatando colegas antigos pelo Facebook, seja por sites de bate-papo. Contudo, disse que com o tempo foi cansando e desistindo desses recursos, embora não soubesse dizer muito o porquê da desistência. Chamava-

me a atenção como, de um lado, Remo tinha uma clareza sobre sua situação, ao mesmo tempo em que parecia um tanto alheio aos outros. Seu relato sobre suas tentativas de aproximação era sempre marcado por falas referentes a esse "bom dia" ou "boa tarde", geralmente respondidas com outro "bom dia". Contudo, até onde era possível compreender, parecia que a conversa se resumia a isso, o que me fazia imaginar que talvez Remo não soubesse (ou não tivesse) o que dizer para essas pessoas das quais se aproximava. De qualquer modo, essa solidão era algo que ele relatava com grande insatisfação.

Conforme escutava os relatos de Remo sobre sua solidão, ganhava força a sensação que tinha sobre a extensão de seu isolamento, que passava por sua relação com os objetos. Parte de seu discurso apontava para o desejo de ter assunto para conversar com seus pais. O que produz assunto? Tipicamente, qualquer ocupação ou experiência com algum significado. Se passo a semana em casa, mas assisto a algum filme ou leio um livro interessante, eis possíveis temas de conversas. Por certo, por onde nossa energia psíquica circula, há potenciais assuntos. Desse modo, supunha que havia um represamento importante, que inclusive se conectaria com sua sensação de ter parado no tempo. Remo parecia não se relacionar de maneira significativa com nada nem ninguém, e justamente queixava-se dessa situação. Questionava-me, portanto, onde seria possível algum enlaçamento que retirasse a energia psíquica de Remo de seu isolamento monástico e o conectasse com algum fluxo vital.

As indagações supracitadas da temporalidade e da solidão desembocavam no desejo, por vezes um tanto abstrato, de Remo "resolver sua vida". Esses temas, somados à idade de seus pais, que já estavam "velhinhos", faziam com que ele cultivasse a ideia de que precisava achar algo para fazer de sua vida. Vários de nossos encontros se iniciavam com falas do tipo: "Fiquei pensando e acho que descobri o que preciso fazer" ou também comumente "Se eu fizer isso, aí vai resolver tudo". Até onde conseguia entender, as ideias de Remo guardavam relação com a sua história de vida, seja fotografar, atividade em que se envolveu na adolescência, seja cozinhar, algo que fazia com sua mãe, ou ainda ingressar na mesma faculdade que seus pais fizeram. A maioria das ideias poderiam ser extravagantes, conforme a aceção de Binswanger (1977), mas isso pouco elucidava o caso, na medida em que eu estava atento para descobrir por onde poderia circular a energia de Remo e em quais campos algum investimento era possível. Conforme o processo foi se desenrolando, comecei a perceber que essas ideias não se sustentavam no decorrer dos encontros, no sentido de que ele rapidamente abandonava o que havia comentado em situações anteriores. Por vezes eu me questionava sobre o porquê de Remo apresentar tantas ideias. Havia certo desencontro entre nós e sentia também uma expectativa endereçada a mim nessas conversas. Eu questionava se ele estava fazendo mesmo que eu, isto

é, se estava vasculhando sua história para tentar localizar algo que lhe tocasse, que lhe mobilizasse e pudesse minimamente organizar sua vida, que se encontrava tão difusa e desvitalizada. Todavia, também circundava a indagação quanto a Remo estar procurando corresponder ao que imaginava que eu, enquanto acompanhante terapêutico, esperava dele. Em um primeiro momento, não dei a atenção suficiente a essa indagação, embora o tempo tenha mostrado sua pertinência. Em retrospectiva, penso se novamente se Remo apresentava um esforço em falar o meu português, língua insuficiente para a situação em que nos encontrávamos.

Interseccionado com a tarefa de assumir um propósito para sua vida, outro tema sobre o qual conversávamos nesse primeiro momento era o de religião. Remo tinha sérias dúvidas sobre os benefícios e os malefícios de ser adepto a uma religião. Se, de um lado, ele escutava as falas de seu pai, que era contra "essa história de religião" (pelo receio que tinha de que o contato com temas religiosos pudesse agravar a condição do filho), de outro, oscilava entre um interesse pelo cristianismo e pelo budismo. "Eu comecei estudando filosofia, lendo na internet e aí cheguei na religião", contava Remo. Tal qual com outros temas, ele abordava esse assunto se perguntando se a religião era algo que lhe faria mal ou "resolveria tudo" em sua vida. Embora fosse um tópico recorrente, não houve muito que conseguíssemos conversar sobre esse assunto. Por vezes ele me perguntava se achava que ele deveria seguir por um caminho religioso ou se deveria desistir da ideia. Havia uma mística em torno do tema e um aceno que Remo fazia para a possibilidade de virar religioso. Era curioso, porém, como a tônica da conversa parecia sugerir que essa possibilidade significava refundar uma religião. Remo comentava que havia lido sobre a teologia cristã e outras filosofias na internet e que havia adquirido uma nova perspectiva sobre o mundo. Tornar-se religioso, portanto, seria poder seguir por essa nova perspectiva, vaga nas palavras, que ele havia descoberto. Contudo, Remo considerava também os perigos e malefícios dessa possibilidade. Seu receio oscilava entre uma falta de qualificação para seguir nesse caminho ("essas coisas não são pra mim") e, por vezes, a constatação de que aquilo que é divino encontra-se imbricado com o diabólico, o que lhe deixava temeroso de experimentar um contato mais profundo. Escutar Remo falar sobre seus receios e perspectivas sobre a religião era instigante e fazia-me refletir sobre o que ele dizia, principalmente sobre a indissociabilidade entre o divino e o diabólico. Não sabia ao certo o que poderia decupar clinicamente dessas conversas, embora elas me mobilizassem grandes reflexões.

Além desses assuntos, outro tema que teve destaque nesse primeiro movimento era a relação de Remo com seus pais. Sobre seu pai, Remo pouco falava, mas quando falava era sobre a idade avançada do pai e como o fato de ele estar "velhinho" fazia com que ele implicasse com

questões que eram equivocadas, como sua higiene pessoal. Por outro lado, também reconhecia a ajuda que ele dava, seja porque comprava comida, seja porque o visitava e arrumava um pouco a casa. Por fim, comentava do desejo que tinha de morar mais próximo de seu pai, algo que o próprio tinha como perspectiva, embora não parecesse se mobilizar muito para efetivar esse projeto. Já sobre a mãe, Remo parecia ter mais a dizer. Sua relação com ela aparentava um tanto ambivalente. Se, de um lado, ele mostrava o desejo de morar com ela, apostando que lá, onde havia mais plantas, animais, companhia e boa alimentação, "tudo estaria resolvido", de outro, reconhecia que brigava muito ela e que não conseguia passar mais de alguns dias com ela. Remo localizava o começo do desentendimento com sua mãe na adolescência, especificamente um dia em que um amigo dele o chamou para sair para um bar e que sua mãe queria que ele ficasse em casa. Remo optou por sair e dormiu na casa desse amigo; desde então, "as coisas nunca mais foram as mesmas". A primeira vez que escutei essa história, entretive-me com o pensamento: "Bom, pelo menos ele optou por sair". Curiosamente, essa fala surgiu posteriormente também por um colega em uma supervisão sobre o caso. Esse pensamento, contudo, não considerava as consequências dessa decisão. A relação de Remo com sua mãe, ao menos em um primeiro momento, embora fosse relatada a partir de um tempo passado, parecia ser presente e atual devido a sua intensidade. Em determinado momento de sua vida, Remo havia sido expulso de casa por sua mãe. O que testemunhava era efeito dessa separação traumática? Por certo, perguntava-me sobre a indicação de Remo, que afirmava ter parado no tempo. Embora separados fisicamente, essa relação ainda operava de forma intensa e possivelmente estava relacionada ao represamento da energia psíquica – a solidão – de Remo. Entretanto, ainda havia muitas perguntas e a necessidade de escutar mais.

Outro ponto de tensão que Remo relatava na relação com sua mãe ocorreu posteriormente quando, já separada do marido, casou-se com um homem cujo sobrenome coincidia com o de uma menina com quem Remo conversava pela internet, o que lhe causou confusão: "Ele era Silva [sobrenome fictício] e ela era Silva, aí misturou tudo". Disse que nunca se deu bem com esse sujeito, do qual sua mãe eventualmente se separou. Embora pontuasse esses momentos de desencontro, Remo também falava que, quando era pequeno, se sentia um tanto "sufocado" pela sua mãe, devido à presença excessiva dela; sobre o projeto de cozinhar, por exemplo, desistiu porque se deu conta que isso o fazia lembrar de quando era pequeno e cozinhou junto com sua mãe. Por fim, cabe observar uma percepção de Remo sobre seus pais: ele se via igualmente distante de ambos. É curioso como essa constatação ressoava com minha impressão sobre a situação. Havia um contraste entre a proximidade material e pragmática do pai e a intensidade psíquica da *imago* materna. Nesse primeiro momento, pouco sabia o que

pensar sobre a relação de Remo com seus pais, embora compartilhasse de sua sensação. Essa sensação, cujo valor simbólico será explorado posteriormente, também me interessou pela precisão geográfica, uma vez que, até onde pude entender, a distância quilométrica da casa dele para a casa de seu pai ou sua mãe era quase a mesma, além de serem em direções contrárias; de fato, Remo estava literalmente entre os dois.

Ainda em relação aos pais, Remo também contava, nesse primeiro momento, com uma dúvida referente às suas identificações. Ele contou que quando era adolescente gostava muito de um videogame chamado *Devil May Cry*, cujo protagonista se chama Dante. Embora não conseguisse dizer muito sobre o jogo e a história, o que ele apresentava como dilema era se ele (Remo) se identificava com o demônio do jogo ou com o "lado bom" (Dante). Pelo que podia entender, o questionamento entre o bem e o mal se propunha desta vez nos dois personagens, ambos meio-demônios/meio-humanos, mas que Dante havia optado pelo lado do bem e o outro, seu irmão Vergil, pelo lado do mal. Conforme fui conversando com ele e procurando entender essa narrativa, Remo pôde dizer que via o pai como o demônio do jogo e a mãe como o lado do bem – assim como no próprio jogo, no qual Dante e Vergil são filhos de um demônio com uma mulher; ele afirmava ainda que, embora quisesse se identificar com o lado de bem, achava que estava identificado com o demônio, isto é, seu pai. Conforme escutava ele contar sobre essa história, o jogo e suas reflexões decorrentes, eu fantasiava sobre o significado que sua fala poderia ter. Localizar seu pai como demônio era intrigante e me remetia à imagem da serpente, que seduziu Eva e Adão, retirando-os do eterno berço esplêndido que era Éden. Por certo, diabólico tem sua origem no latim *diabolus* e significa aquilo que separa. Estaria, então, Remo falando de seus complexos materno e paterno? Evidentemente que sim, embora ainda fosse muito obscuro o que orbitava nesses núcleos.

Por fim, o último tema de destaque que ocupou nossas conversas nesse "primeiro movimento" referia-se ao amigo supracitado e uma paixão sua da adolescência. Primeiramente, sobre o amigo, Remo contou que era um sujeito que tinha vindo de outra escola e que era um cara muito "descolado". Conta como esse amigo o levou "para o lado do mal", isto é, começou a levá-lo a festas, bares e outros locais; relatou um episódio, que por vezes associava ao dia que brigou com a mãe, em que ele foi para um bar com esse amigo e de repente a polícia baixou lá e eles tiveram que ir embora. É interessante notar que quando se referia a esse amigo e essas histórias, havia um conflito em Remo, que, de um lado, parecia ter se divertido e gostado dessa ampliação que o amigo ofereceu e, de outro, também entendia essa ampliação como o "lado do mal". Esse amigo também foi personagem na história que envolveu uma paixão de sua adolescência, B. Remo conta como B. era uma garota era uma menina de seu colégio com quem

conversava e pela qual ele foi progressivamente se interessando. Um dia, porém, ao chegar a uma festa, viu que ela estava acompanhada desse seu amigo, o que lhe causou muita frustração. Conta que depois de anos entrou em contato com ela para se declarar, mas ela já estava casada com outra pessoa; dizia que ainda pensava nela.

Seus relatos sobre esse amigo acrescentavam mais complexidade a minha fantasia de uma construção paterno-diabólica. A saída para o mundo, acompanhada e estimulada por outro homem, apresentava tentações e riscos. Além disso, havia a frustração de ver sua mulher de desejo com esse outro homem. Invariavelmente, essas histórias me remetiam à narrativa edípica e, mais precisamente, às fantasias e imagens em torno da separação. Perguntava-me onde eu entrava nessas histórias que ele me contava. Seria eu um desses amigos que poderia levá-lo para o lado do mal? Haveria debaixo do verniz discursivo de Remo um complexo relativo à separação?

Em meio às grandes especulações, reflexões e teorizações que fazia, cabe destacar um movimento inconsciente, possivelmente mais pertinente do que toda minha elaboração consciente sobre o caso. Conforme descrito, nossas conversas ocorriam com Remo atrás do balcão da cozinha e eu sentado no sofá da sala. Com o tempo, fui atentando-me para o violão que ficava pendurado na parede à minha frente. Determinado dia, resolvi pegá-lo para afinar enquanto conversava com Remo e, após ter grosseiramente afinado por ouvido, comecei a dedilhar enquanto o escutava. No decorrer dos atendimentos, o instrumento passou a compor a cena: eu no sofá com o violão e Remo atrás do balcão. Com esse movimento, não sabia, mas estava imantando-se um campo que seria central na sequência do acompanhamento.

O primeiro movimento se encerra, portanto, no processo de entrada no caso. Remo me cativava com suas histórias e reflexões e despertava-me uma série de questionamentos. O que me passava despercebido, porém, é que nossos diálogos dignos de um livro de Platão ocorriam em um cenário destruído. Evidentemente há uma potência em afinar-se com o discurso do acompanhado, mas todo navegador experiente sabe sobre os perigos do canto das sereias. Em determinado momento, estive demasiadamente investido no etéreo abstrato de nossas conversas, intrigado pelos questionamentos que me surgiam a partir de nossos diálogos e com o desejo de aprender sobre outras perspectivas da realidade. Para minha sorte, Remo estava lá para indicar a insuficiência desse registro no trabalho. Há muitas vantagens de se comunicar em português, mas há questões cuja expressão depende da invenção de outra língua. Em determinado momento, eu havia me esquecido disso.

Segundo movimento

Certo dia, Remo me disse: "já falei tudo o que tinha pra te falar". Essa fala, repetida algumas vezes em diferentes encontros, era seguida por um agradecimento e uma sinalização de que eu não precisava encontrá-lo mais, por vezes seguida por uma fala do tipo: "Entendi que meu problema é que parei no tempo e agora tá tudo certo". A primeira vez que escutei Remo dizer isso, senti paradoxalmente uma surpresa e uma confirmação de uma sensação que por vezes me surgia. De um lado, não entendia como aquele rapaz que era tão comunicativo poderia repentinamente perder o interesse em conversar. De outro, me ressoava a sensação que por vezes tinha de que algo diferente precisava acontecer no trabalho. Sua fala me produzia certo constrangimento porque escutava o que ele dizia e o pensamento que por vezes me vinha era algo na seguinte linha: "Você tem razão, não sei o que mais podemos conversar". Muito se pode pensar e dizer sobre determinados fenômenos, mas há processos cujo seguimento não ocorre no campo do discurso. Entretanto, também reconhecia que a situação de Remo era uma que exigia trabalho. Estava, portanto, diante de uma importante pergunta: como prosseguir com o acompanhamento?

No início, fiz inúteis – porque equivocados – esforços de explicar que o AT não se restringia ao diálogo e que podíamos fazer várias coisas. Embora esse movimento tenha resultado em algumas saídas, seja para comprar algo no supermercado ou ir à padaria tomar um café, Remo parecia irreduzível em sua decisão. Nossos diálogos durante esse período oscilavam entre um silêncio e os mesmos temas do primeiro movimento. Sua fala "Já te falei tudo que tinha pra falar" ressoava comigo, embora não conseguisse localizar seu significado. Com o auxílio do tempo, percebi que o que havia me ligado até Remo naquele momento era meu interesse quase antropológico por sua experiência psíquica. Muito havia se pensado, refletido, especulado e abstraído, entre várias outras ações referentes ao pensamento, em nossas conversas. Havia também um descompasso entre nossos diálogos platônicos e a sua condição licantrópica e talvez seu esforço de falar português, o que, somado ao meu interesse *quasi-filosófico* produziu um cenário de difícil sustentação. Nosso trabalho de acompanhamento terapêutico precisaria entrar em um terreno não tão humano, humano-animal – ou em realidade não tão humano porque demasiado humano – se fosse haver uma continuidade. Entretanto, nunca havia tido uma experiência licantrópica própria, então perguntava-me que língua poderia usar para estabelecermos uma nova conversa.

Por um tempo refleti sobre essa situação, enquanto o impasse continuava. Certo dia, que guardo bem na memória, estávamos na casa de Remo à nossa disposição típica. Havia um

silêncio entre nós, e eu, como de costume, dedilhava o violão. Já havíamos conversado algumas vezes sobre o instrumento, que seu pai o havia comprado, assim como já havia sugerido que ele tocasse, o que sempre recusou. Não sei ao certo dizer o que fez com que ele aceitasse dessa vez, mas o que se prosseguiu ao meu convite foi Remo sair de trás do balcão e se sentar ao meu lado para tocar o violão. A forma com que tocava era muito curiosa porque mostrava uma habilidade simultaneamente boa e desagregada. Quando o vi tocar pela primeira vez, pensei: "Ele devia tocar muito bem na adolescência". Eu observava uma maestria no dedilhado descompassada com uma maestria nos acordes. O som produzido era abafado, embora mostrasse sua potencial beleza nos momentos em que as mãos se coordenavam. Uma imagem poética, com certeza, na medida em que mostrava possivelmente uma faceta da esquizofrenia: um descompasso, uma potência cuja expressão não encontrou par em seu entorno para soar mais plenamente. O ser humano é ser-um-com-outro e até a solidão é testemunho dessa condição originária, já diria Heidegger (2013). Nossa potência depende da possibilidade coletiva para se expressar em sua plenitude e um gênio de qualquer época se vale de seu *zeitgeist* para produzir sua obra. Remo talvez me fizesse, portanto, naquela singela cena, um convite. Talvez juntos pudéssemos compor um dueto, evidentemente longe do padrão vitoriano de harmonia, mas de qualquer modo significativo.

Enquanto alternávamos o violão, conversávamos. Sua relação com música era mais intensa na adolescência, quando tocava baixo e guitarra. Enquanto escutava Remo falar, lembrava da minha época de adolescente. Também tinha uma relação muito próxima com a música. Havia estudado violino por três anos e também tocava baixo e violão. Meu baixo, particularmente, era como um "xodó", por se tratar de um modelo raro que já havia sido descontinuado. Embora ainda funcionasse, estava guardado fazia alguns anos; talvez fizesse quatro anos desde a última vez que havia tocado. Durante esses anos, ainda mantive a música perto, principalmente como ouvinte, mas também como DJ. Escutar Remo tocar e falar sobre sua relação com a música, porém, me despertou essa conexão com meus instrumentos, que estava adormecida. Sentindo esse ânimo que me atravessava ao lembrar da época em que tocava meu baixo, disse: "Eu tenho um baixo! O que acha de eu o trazer pra gente tocar junto?". Com alguma hesitação, Remo concordou.

Em nosso próximo encontro, levei meu contrabaixo. Não havia aberto sua *bag* fazia alguns anos e, por distração ou escolha inconsciente, não verifiquei se estava tudo em ordem com o instrumento antes de levá-lo para Remo. Ele demonstrou surpresa e admiração ao vê-lo. Eu próprio fiquei surpreso, porque não imaginava que ainda estivesse tão bem conservado. Era um *Korina Explorer*, da *Epiphone*, um baixo de quatro cordas com um braço longo e o corpo

pesado. Fiquei feliz ao rever meu instrumento. Nunca fui um músico primoroso no baixo, mas minha educação como violinista havia me ensinado a procurar expressar afeto pela música. Havia, portanto, uma amálgama de afetos distintos que aquele instrumento canalizava e cuja somatória mobilizava uma sensação agradável e nostálgica, embora um pouco indeterminada. Somente ao revê-lo naquele momento percebi como era um objeto importante para mim.

Remo foi o primeiro a tocar. Parecia à vontade com o instrumento e pela primeira vez vi uma expressão em seu rosto que poderia se aproximar da felicidade. Até a falta de amplificador, na medida em que o seu estava quebrado – e eu não havia levado o meu, supondo que o dele funcionava – não pareceu incomodar-lhe. Olhava-o com admiração, na medida em que reproduzia, de maneira um pouco menos descompassada, a habilidade que havia visto com o violão. Em determinado momento, propus acompanhá-lo com o violão e assim começamos um pequeno dueto, no qual na maior parte do tempo eu fazia o acompanhamento e ele a melodia, e por vezes eu arriscava um modesto solinho.

Estava montada a cena que constituiria o terceiro movimento. Em certo sentido, poder-se-ia pensar que aqui houve o real início do acompanhamento terapêutico. Remo havia sinalizado um limite para o português que conversávamos. Sua indicação me retirou do sono intelectual em que estava mergulhado. Por certo, havia importância no que conversávamos. Contudo, esse tipo de comunicação não bastava e Remo necessitava de outra forma de expressão na qual seus uivos pudessem estar inclusos. Em retrospectiva, vejo o valor simbólico da linguagem encontrada ter sido a música, talvez a expressão mais próxima que eu dispunha de uma comunicação licantrópica. Afinal, se os humanos cantam, assim também fazem os pássaros, as baleias e, é claro, os lobos.

Terceiro movimento

O terceiro movimento teve como cena principal eu e Remo tocando o violão e o contrabaixo, respectivamente. Apesar de os encontros acontecerem principalmente mediante a música, nossas conversas também continuavam, embora adquirissem um tom diferente, mais descontraído. A forma que havíamos encontrado de conversar permitiu que fosse possível desvelar novos aspectos e sentidos sobre diversos temas.

O primeiro, evidentemente, refere-se à própria música. Conforme íamos tocando, pude descobrir mais sobre a relação que Remo tinha com esse universo. Certo dia, conversando sobre bandas das quais gostávamos, ele começou a falar sobre a vontade que tinha, quando adolescente, de ter uma. Apesar de ter um amigo que tocava guitarra (aquele mesmo que o

levou para o "mau caminho") e outro que tocava bateria, eles nunca se organizaram para tocar juntos e montar um grupo; entre as dificuldades, ele destacava a diferença de estilo musical entre eles.

Conforme conversávamos, fomos imaginando como seria a banda dele e que tipo de som teria. Remo dizia se inspirar em artistas como Nirvana, Jack Johnson e Eric Clapton; uma mescla eclética, por certo. Em sua concepção, sua música seria organizada como um jazz experimental, organizado a partir do violão e do baixo. Sua ideia era experimentar com diferentes ritmos e melodias para produzir músicas instrumentais. Sempre admirei composições instrumentais, embora conhecesse esse tipo de produção principalmente a partir da música clássica, da eletrônica, como *trance* e *techno*, e do *heavy metal*. Imaginava, então, como seria o som das músicas que ele havia pensado em produzir. Possivelmente, nem ele sabia ao certo como queria que suas músicas soassem, mas, naquele momento, entretemo-nos com a ideia de imaginar – e modestamente experimentar – como poderia ter sido. Ao final de nosso encontro, Remo disse: "Você me lembrou que quando eu era adolescente meu sonho era ter uma banda. E agora esse sonho acabou".

Fiquei impactado com a fala de Remo, pois sentia que ele havia dito algo importante. Embora nesse primeiro momento ainda fosse implícito, com o tempo pude entender que realmente era um sonho do Remo adolescente constituir uma banda. Eu próprio conhecia amigos na adolescência que compartilhavam do mesmo sonho. Geralmente inspirados pelas histórias das bandas americanas, ou mesmo dos *Beatles*, eles acreditavam que poderiam construir um grupo de sucesso. Eventualmente quase todos abandonaram o projeto, com exceção de um amigo que por algum tempo foi baterista - mas mesmo ele após certo tempo acabou desistindo e virando *manager* do artista. Parecia, portanto, que Remo não estava falando de uma brincadeira, mas de um desejo que ele realmente havia cultivado no passado.

"E agora esse sonho acabou". Não se tratava de uma lamentação, embora houvesse algum peso em sua fala. Soava como uma descoberta; Remo havia percebido algo. Na época, não entendi muito além dessa percepção. Contudo, no momento da escrita penso se ele havia se localizado em sua história, seu presente em relação ao seu passado. O Remo que conversava comigo era o mesmo que um dia sonhou em ter uma banda, ao mesmo tempo que sua realidade havia mudado de tal maneira que aquele sonho talvez não fosse possível. Por vezes, a mudança é traiçoeira, espreita o sujeito e o transforma sem que ele perceba. Messy (1999), refletindo sobre a velhice, se debruça sobre o momento em que o indivíduo se descobre como velho – tipicamente por um acontecimento externo a ele mesmo. A articulação dos diferentes tempos é complexa e o vivido se entrelaça, mas não sobrepõe ao contado. Cedo ou tarde, esse tempo se

manifesta e reafirma sua existência ao lado do tempo vivido. "E agora esse sonho acabou". Talvez naquele momento Remo tenha percebido que, apesar de ele se sentir parado no tempo, o tempo continuou e o levou junto. O tempo não para.

Ainda dentro do campo musical, tocar com Remo abriu o contexto para que pudéssemos conversar sobre seus instrumentos. Ele havia possuído uma guitarra e um baixo na adolescência, mas ambos já haviam quebrado faz tempo. Certa vez, conversando sobre o modelo do meu contrabaixo, que Remo achava diferente, interessei-me por saber qual modelo de instrumento ele tinha. Quando ele foi descrever sua guitarra, tive dificuldades de entendê-lo. Remo me convidou, então, para ir ao seu quarto, onde havia um quadro com várias guitarras de músicos famosos (e o modelo que ele tinha era semelhante a uma dessas).

Havia dois quartos na casa de Remo: o seu e de sua mãe. Conforme ele me contava, ele dormia em ambos, a depender do dia. No seu havia uma cama de solteiro, muitas caixas, um computador e alguns livros. Esteticamente, parecia um quarto de adolescente que se tornara um depósito. Não entendia muito bem o sentido daquela quantidade de caixas, nem seus conteúdos, tampouco via o que guardavam – assim como Remo, que não parecia sequer notá-las. O computador na escrivaninha, encostado na parede na qual ostentava-se o único quadro do cômodo (que inclusive era o único não pintado por sua mãe), era onde Remo havia passado boa parte de seus anos, até o momento em que o computador começou a dar problemas. Supostamente ainda funcionava, embora ele próprio afirmasse que raramente conseguia ligar a máquina. Não conseguia entender o porquê, mas apesar do cheiro e da bagunça, havia algo acolhedor naquele quarto; trazia-me a sensação de um lugar protegido.

Já no quarto de sua mãe havia uma cama de casal, uma grande pintura de uma árvore e alguns itens religiosos, dispostos em um santuário. O desenho se localizava em entre duas paredes e no canto da cama. Havia certa imponência no desenho, e sua localização no canto diametralmente oposto à porta fazia com que fosse a primeira coisa a ser vista. Remo dizia que sua mãe era a autora da pintura, assim como dos outros quadros da casa (embora por vezes falasse que ele próprio havia pintado; possivelmente uma fala mais delirante ou indicativa da indiferenciação com sua mãe). O santuário, localizado em cima de uma cômoda, tinha como peça principal uma estatueta da Virgem Maria, embora também contivesse terços, um incensário, um pequeno Buda e outros objetos que não me recordo. Esteticamente, o quarto parecia um templo. Entretanto, diferentemente de outros espaços místicos ou religiosos que já visitei, naquele sentia uma sensação desconfortável. Aquela árvore, imponente e grande, era *erie*, expressão inglesa que significa algo entre o misterioso, o estranho e o sinistro. Nunca me senti com medo em um AT, mesmo nas vezes que fui ameaçado fisicamente, mas aquele quarto

me produzia uma inquietação. A árvore era folhada e viva, o que paradoxalmente corroborava com a estética espectral do cômodo. Remo também parecia ter uma presença diferente naquele quarto, embora mantivesse a alienação em relação aos objetos. Se estivesse em um filme de terror, diria que a mãe de Remo havia morrido e seu espírito ainda habitava aquele quarto. Como não estava, me contentei com a ideia de que a ligação entre Remo e sua mãe era forte, embora talvez não tão viva.

O contraste entre os dois quartos não me passou despercebido e me perguntava sobre o sentido de afetações tão distintas, e em certa medida opostas, nos dois espaços. O fato de Remo alternar entre eles, conforme o dia, também me intrigava. Depois desse encontro, comecei a perceber os elementos relacionados à mãe de Remo que existiam na casa. Havia vários quadros, em sua maioria abstratos, mas por vezes retratando o tema da natureza, e todos eram de autoria de sua mãe. Embora não notasse tanto os desenhos, chamava-me a atenção o predomínio de cores quentes e escuras, como roxo, preto, vermelho, verde escuro e marrom. Conforme escrevo, penso que o contraste entre o quarto de Remo e o resto da casa era em parte decorrência da diferença de cores entre os ambientes. Havia alguma claridade naquele espaço e o quadro de seu quarto, que era o único que não era feito por sua mãe - era um pôster de fundo branco com várias guitarras de artistas famosos. Somado à luz branca do cômodo, era produzido um ambiente mais claro, que contrastava com o resto da casa, de luzes amarelas e decorada com os quadros escuros de sua mãe.

A conversa sobre os instrumentos também mobilizou Remo no sentido de começar a desejar a aquisição de um novo contrabaixo. Embora tivesse ciência da dificuldade que enfrentaria em tal empreitada, principalmente pelas limitações financeiras que seu pai sempre mencionava, ele foi cultivando esse desejo por um tempo. Em uma sexta-feira tivemos uma conversa sobre o assunto. Remo me mandou uma mensagem que dizia sobre sua "situação complicada de família", uma vez que seu pai havia expressado a necessidade de ele ir ao médico regularmente, quando na realidade ele queria só fazer um check-up por conta de seu hábito de fumar. Com uma lucidez que lhe era característica em determinados momentos, Remo disse que sua família era instável, que ninguém se gostava e que ele não se dava muito bem nem com sua mãe nem com seu pai. "Enfim, estou no meio dessa briga", disse, e ainda acrescentou: "e tudo que tenho é minha família". Nomeou, então, as frustrações que teve com amizades ("os amigos que tive não me fizeram bem") e romances ("me apaixonei por alguém que estava no lugar errado na hora errada") e concluiu dizendo: "é tudo um grande engano, menos a música. Sempre trabalhei bem com música" (...) Tudo sempre deu errado, menos na música".

Uma sequência de mensagens importantes. Eu estava fora de casa, com amigos e pedi licença para conversar com ele. Conforme lia as mensagens, pensava sobre a solidão e desvitalização de Remo. Parecia que ele estava se perguntando se a música poderia ser uma maneira de retomar algum fluxo vital. E poderia? Difícil afirmar, mas talvez fosse a aposta que eu já estava fazendo.

Quando constatei que a música parecia ocupar um lugar importante para ele, Remo me respondeu: "A música é importante e sempre me dei bem. O resto, amigos, família, namoradas, deram errado"; acrescentou: "Às vezes penso em ter novamente um baixo e começar uma carreira como músico, sem ninguém saber". Conforme conversávamos, entendia que Remo via na aquisição de um baixo a possibilidade de "fazer algo da sua vida". Em determinado momento, ele introduziu seu pai no assunto: "Sempre fez sentido ser baixista e até que meu pai às vezes diz que poderia repor meu baixo, não sei o quanto que é verdade... Mas eu me imagino tocando, assim, como uma carreira".

Nesse ponto, pensei um tanto no que responder. De um lado, era a primeira vez que Remo falava abertamente sobre o desejo de ter um instrumento, assim como seu pai poder ser um facilitador ou empecilho nessa aquisição. Desde o primeiro encontro, no qual ele se manteve quieto na presença do pai, sentia que havia algum temor, ou afeto semelhante atravessando a relação. Embora na maior parte do tempo Remo se referisse ao seu pai como o "velhinho", lembrava das vezes em que o associava ao demônio. Havia certa violência entre os dois, embora não fosse claro naquele momento a dimensão dessa dinâmica. De qualquer forma, entendia que "pedir para seu pai" envolvia muito mais do que uma simples questão financeira. Não queria, portanto, antecipar-me ao processo; contudo, também estava mobilizado pela conversa. Pela primeira vez, Remo falava de um desejo, um investimento e uma relação com algum objeto. Embora já tivesse feito comentários sobre projetos extravagantes, sua fala era um tanto árida e marcada por sua alienação característica. Nessa conversa, seu tom era diferente. Não sabia o que poderia surgir desse processo, mas entendi a importância de poder ter um objeto em sua casa com o qual pudesse estabelecer alguma relação significativa. Desse modo, resolvi oferecer minha ajuda para ele poder construir esse pedido ao seu pai. Em um primeiro momento, ele recusou, mas logo após voltou atrás e concordou que eu o ajudasse, agradecendo-me.

Ainda sobre os instrumentos, uma dimensão importante revelada a partir dessas conversas foi a compreensão que Remo construiu sobre sua situação e história. Nunca ficou claro o que tinha acontecido com a guitarra e o baixo dele; sabia que ambos haviam quebrado, mas o contexto sempre ficava confuso. Chamava-me a atenção, também, como muitas coisas no apartamento dele eram quebradas, desde luminárias, aparelhos eletrônicos, até o vidro da

janela da sala e a porta do quarto dele. O vidro quebrado era particularmente perceptível, na medida em que, sem ele, batia vento (e eventualmente chuva) dentro do apartamento. Ele havia despedaçado pouco antes do início do acompanhamento e não tinha sido consertado. Nunca havia compartilhado essas percepções com ele, embora me ocorressem frequentemente. Um dia, conversando novamente sobre seus instrumentos, ele dizia como ficou chateado por seu baixo e guitarra terem quebrado. Perguntei-lhe, então, por que não foi possível consertar os instrumentos ou ainda adquirir novos para repor, ao que Remo me respondeu: "É assim que é, as coisas aqui foram quebrando e nada consertou".

Havia uma verdade profunda nessa fala. Remo sintetizara um aspecto central de sua história: o decaimento como efeito da passagem do tempo. Conforme dito, parecia ocorrer um processo no qual ele se localizava em relação à sua situação. Olhando em seu entorno, os objetos com os quais ele mantinha uma relação alienada talvez tivessem adquirido outro sentido: quebrados. Por certo, esse era o efeito que a fala havia produzido em mim, embora me parecesse que ele compartilhasse dessa nova perspectiva. Seu apartamento, inicialmente experimentado por mim – e provavelmente por ele – como um espaço estranho e esvaziado, começava a adquirir certos contornos. O cenário genérico de teatro se transformava em um palco de uma história; uma história na qual as coisas foram quebrando e nada consertou.

Conversamos, então, sobre o que afinal havia quebrado. Em realidade essa é uma conversa que já estávamos fazendo, embora ainda não houvesse adquirido esse sentido. Quando Remo falava que "tudo na sua vida deu errado, menos a música" ele contava sobre sonhos que haviam quebrado, como ter uma namorada, amigos, uma relação menos conflituosa com seus pais, entre outros. Além disso, seu apartamento estava quebrado. Questionava-me quais objetos importantes para Remo haviam quebrado no decorrer dos anos. Ele contava sobre seus instrumentos, mas eu pensava também sobre seu computador, seu videogame e tantos outros que via em seu apartamento.

O fenômeno da quebra possui certa particularidade. Um objeto quebrado retira-se do circuito comum de relações e significações, ao mesmo tempo que mantém ligação com esse circuito precisamente pela sua ineficácia, de tal forma que ele se torna simultaneamente estranho e reconhecível. Acompanhando novamente Messy (1999), o autor lança mão da imagem do espelho quebrado para se referir ao sujeito que se percebe velho, mas não se reconhece em sua velhice – um espaço-tempo paradoxal no qual a pessoa não se reconhece justamente na medida em que se reconhece; reconhecer-se e estranhar-se no espelho a partir de seu reflexo desfigurado. Remo não era velho, mas havia em seu processo um paradoxo semelhante: embora ainda não houvesse muita clareza em relação aos sentidos dos objetos,

havia ultrapassado uma relação de alienação para uma de estranhamento/familiaridade. Elementos de sua história passavam a adquirir alguma significação e outros poderiam se tornar passíveis de conexão por meio do sentido do quebrado.

Esse processo, contudo, não vinha sem custo. Nesse terceiro movimento, conforme desvelávamos alguns sentidos de sua vida e história, Remo mostrava-se mais afetivo, diferenciando-se um pouco do embotamento que havia apresentado anteriormente. Desse modo, podia perceber sua tristeza em determinados momentos, particularmente quando falava sobre o que havia quebrado. Em um determinado encontro, Remo disse que havia percebido que seu único futuro possível era ficar internado em um hospital para sempre. Sua voz carregava um tom de sobriedade e desesperança, que naquele momento me contaminou. Como foi difícil escutá-lo dizer aquilo! Sabia que não era verdade, que havia alternativas, mas também sentia a desilusão e tristeza de um rapaz que começava a perceber sua situação. Entre tempo, experiências, relações e objetos, Remo sentia que havia perdido muito. Seu apartamento era como o testemunho de uma Roma que nunca se constituiu; ruínas de uma civilização cujas fundações racharam e foram erodidas pela passagem do tempo. Pela primeira vez, naquele momento, senti de maneira profunda a ruína que aquele cenário testemunhava. Possivelmente estava compartilhando do afeto daquele sujeito que se olha no espelho, perplexo pelo estranhamento e reconhecimento de seu reflexo desfigurado. Pensei, porém: *Rome wasn't built in a day*. De fato, reconhecer o que havia sido perdido e quebrado era etapa importante para poder construir caminhos novos. Acreditava que Remo poderia ter um futuro que fosse fora do enclausuramento – seja o institucional, o residencial ou ainda o psíquico; bastava tempo e trabalho.

Se de um lado o embotado Remo estava começando a expressar mais sua afetividade, de outro ele também começava a apresentar sua licanthropia, seja pelo fato de que naquele momento ele estivesse sem nenhuma medicação, como também pela nova forma de encontro que havíamos construído. Certa vez, Remo disse que não estava se sentindo bem e que precisava descansar. Tinha tido um pesadelo na noite anterior, o qual não queria comentar, e entendia que precisava "ficar tranquilinho" naquele momento – o que se mostrava por sua agitação e fala desorganizada. Conversamos um pouco, mas ele sinalizava que não conseguia sustentar muito a cena; pediu-me licença e retirou-se para seu quarto. Eu havia me colocado à disposição caso ele precisasse e disse que estaria na sala. Comecei a tocar meu baixo e quando percebi, estava tocando uma melodia que, embora familiar, parecia nova ao mesmo tempo. Era uma progressão de quatro dedilhados que se repetiam em um ciclo. Imagino que Remo pudesse ouvir de seu quarto, uma vez que estava com o amplificador ligado. Fiquei boa parte do encontro tocando

essa melodia, fantasiando enquanto a escutava. A música transmitia uma curiosa sensação de movimento estático, como se estivesse me deslocando sem sair do lugar. Sentia a passagem do tempo e é como se a partir dessa passagem estivesse em movimento. Olhava para as paredes, o balcão sujo da cozinha, o vidro quebrado, o violão pendurado na parede e me perguntava de que tempo era aquela casa. Muito havia acontecido nos anos em que Remo esteve enclausurado em seu apartamento e fantasiava qual seria o momento em que aquele apartamento pareceria atual – preciso momento antes de Remo "ter parado no tempo". Se eu fosse lá anos antes, como estaria Remo e sua casa? Escrevendo, pergunto-me como deve estar o apartamento hoje. A fantasia que tinha naquele momento é de que aquele lugar parecia eterno; não exatamente como algo estático, mas como um espaço pelo qual o tempo passa e as coisas ficam. Talvez Remo realmente tivesse parado no tempo, da mesma forma que uma cidade fortificada resiste à invasão inimiga; um bastião singular contra a eterna marcha do tempo.

Anos depois, no momento de escrita deste texto, tive contato com uma informação elucidativa. Desde aquele dia, quis saber sobre a melodia que tocava, na medida em que ela parecia familiar, embora desconhecida. Após gravá-la e enviá-la para alguns amigos, obtive o retorno de que se assemelhava com uma música instrumental chamada *Corridors of Time* (Corredores do Tempo), trilha sonora de um jogo sobre viagem no tempo (que eu não conhecia). De fato, a sensação e os pensamentos que tive naquele dia, acompanhados pela trilha sonora que minha melodia proporcionava, produziam a sensação de estar em um corredor do tempo – em um local de passagem, mas não de permanência. O que é um corredor? Tipicamente, um local que conecta dois cômodos e cuja função é definida justamente por essa conexão – geralmente não se habita um corredor. Por outro lado, o corredor também me remete ao corredor de minha antiga casa, no qual nas paredes havia fotos de família de várias gerações – realmente um corredor do tempo. O apartamento de Remo, enquanto corredor do tempo, portanto, era um local absolutamente singular: espaço vazio cujo preenchimento era a passagem do tempo e cujos objetos eram expressão dessa passagem. Experimentava o fluxo temporal, cujos efeitos naquele espaço havia produzido decaimento. Era como se estivesse nas ruínas de uma cidade que nunca existiu, cuja inscrição na história nunca aconteceu. Cidade-abstrata, etérea, que pertencia a todas as épocas embora não seja de época alguma. Seu único cidadão, Remo, a habitava, não sei se preso ou protegido; talvez um pouco dos dois. O que eu, visitante persistente, estava fazendo lá? Nunca fui urbanista, mas talvez pudesse ajudar Remo a transformar seu forte-temporal em um local no qual não somente o tempo passasse. Todas as estradas levam à Roma, já diz o ditado. Mas quem sabe algumas poderiam passar por Remoria.

Minhas fantasias e reflexões foram interrompidas pela porta abrindo. Remo havia saído do quarto e dito-me que estava melhor. Contou-me que seu pesadelo envolvia sua morte. Na época não atribui muito sentido ao seu sonho, embora na sequência deste texto pense como é curioso que a morte apareça na sequência dessa reflexão sobre o tempo atemporal que aquele espaço carregava. A morte é a marca incontestável da inscrição temporal do sujeito na existência; única certeza na vida, esse fenômeno elusivo contesta qualquer espaço etéreo. Talvez esse sonho de Remo atestasse seu medo de perceber que sua própria vida não havia acompanhado sua parada no tempo e que caso um dia ele retornasse, não seria no ponto em que ele parou.

Em outro encontro, posterior ao relatado anteriormente, cheguei ao seu apartamento e bati na porta, como de costume. Remo não me atendeu, mas o ouvi através da porta, falando palavras ininteligíveis e rindo. Aguardei um pouco, bati novamente e ele me pediu para esperar. Esperei então cerca de trinta minutos do lado de fora, enquanto ele continuava falando e rindo. Fiquei sentado no chão do hall, que era compartilhado com os outros apartamentos do andar, aguardando. Quando abriu a porta, pediu desculpas e disse que estava ao telefone. Respondi que tinha achado um pouco estranho, mas ele insistiu que estava em uma ligação, embora não soubesse dizer com quem. Talvez nossa conversa teria sido outra, caso eu tivesse aberto a porta, que sempre estava destrancada. Havia considerado essa possibilidade, mas no momento decidi esperar ele me abrir. Não acredito que haja condutas corretas ou erradas nesse tipo de situação, embora entenda que cada decisão implique determinada aposta. Enquanto dupla, estávamos construindo uma comunicação que permitisse Remo compartilhar comigo sua licantropia. Sabia da importância e da delicadeza desse movimento e, embora parte de mim quisesse testemunhar essa sua expressão, entendia que uma antecipação poderia ser muito violenta. Afinal, o habitante de Remoria não era tão etéreo quanto sua cidade e entrelaçada na estática temporal havia uma animalidade muito terrena. É difícil estabelecer causa e efeito, mas até onde imaginava, esses dois fenômenos eram interconectados – seja pela licantropia que produziu o isolamento monástico em algum corredor do tempo, ou vice-versa; de fato, a causalidade do processo não era o principal. O que eu achava que estava em jogo era que Remo, cidadão fundador de Remoria, começava a mostrar a realidade de sua cidade e eu, como visitante persistente, deveria estar sensível ao meu guia. Minha aposta era de que quando fosse o momento adequado, ele me guiaria por esse bairro.

Essas cenas me produziam a compreensão de que Remo ainda estava experimentando sua confiança comigo para poder compartilhar suas vivências psicóticas, de modo que ainda não era possível que essas experiências fossem testemunhadas plenamente. Estávamos

circundando essa dimensão e o próprio Remo parecia saber disso, como na vez em que disse: "Quando você vem aqui às vezes eu percebo que não tô bem".

Infelizmente – e inexplicavelmente – nessa época acompanhava-me um pressentimento de que o tempo de meu trabalho estava acabando. Era uma sensação curiosa e incompreensível, mas que guardava relação com duas vivências. A primeira delas ocorreu em um telefonema com Remo, no qual ele queria saber se eu conhecia alguma música que falasse sobre o tempo, tema que era recorrente em nossos encontros. De início, veio-me à mente uma música clássica do Pink Floyd, *Time*, cuja letra segue na íntegra:

Ticking away the moments that make up a dull day / You fritter and waste the hours in an offhand way / Kicking around on a piece of ground in your home town / Waiting for someone or something to show you the way / Tired of lying in the sunshine / Staying home to watch the rain / You are young and life is long / And there is time to kill today / And then one day you find / Ten years have got behind you / No one told you when to run / You missed the starting gun / And you run and you run to catch up with the Sun, but it's sinking / And racing around to come up behind you again / The Sun is the same in a relative way, but you're older / Shorter of breath and one day closer to death / Every year is getting shorter / Never seem to find the time / Plans that either come to naught / Or half a page of scribbled lines / Hanging on in quiet desperation is the English way / The time has gone, the song is over / Thought I'd something more to say / Home, home again / I like to be here when I can / And when I come home cold and tired It's good to warm my bones beside the fire / Far away, across the field / The tolling of the iron bell Calls the faithful to their knees / To hear the softly spoken magic spells.²²

Composição icônica e profunda, sem dúvida. A letra, assim como a melodia, reproduz a mistura de afetos envolvidos na sensação de que não estamos acompanhando a passagem do tempo, e na época me remetia à sensação que imaginava que Remo por vezes sentia. Tempo ladrão, que passa correndo e leva a vida junto consigo; por certo havia algo dessa experiência naquilo que eu estava vivendo com Remo; os objetos quebrados, a sensação de ter parado no tempo, entre outros fenômenos. Entretanto, o que não compreendia na época, mas que na escrita do texto se apresenta, é que o meu tempo estava acabando. O relato está próximo ao final e a sensação é de que ainda há tanto a dizer; o trabalho se aproximava de sua interrupção e ainda

²² Tradução nossa: O tempo passa em meio a momentos que tornam um dia sem graça / Você esbanja e desperdiça as horas de um jeito descontrolado / Perambulando por aí em um pedaço de chão em sua terra natal / Esperando que alguém ou algo lhe mostre o caminho / Cansado de deitar ao sol / De ficar em casa para ver a chuva / Você é jovem e a vida é longa / E há tempo para desperdiçar hoje / E aí um dia você descobre / Que dez anos ficaram para trás / Ninguém lhe disse quando correr / Você perdeu o tiro de largada / E você corre e corre para alcançar o Sol, mas ele está se pondo / Dando a volta até surgir novamente atrás de você / O Sol é o mesmo, de certa forma, mas você está mais velho / Com menos fôlego e mais um dia próximo da morte / Cada ano está cada vez mais curto / Parece nunca há como arranjar tempo / Planos que não dão em nada / Ou meia página de linhas rabiscadas / Se sustentar em um desespero silencioso é o jeito inglês / O tempo acabou, a música se encerrou / Pensei que eu teria algo mais a dizer / Em casa, novamente em casa / Eu gosto de estar aqui quando posso / E quando chego em casa com frio e cansado / É bom esquentar os meus ossos junto ao fogo / Bem longe, do outro lado do campo / O badalar do sino de ferro / Chama os fiéis para se ajoelharem / Para escutar os feitiços sutilmente conjurados.

havia tanto para viver e compartilhar. Talvez eu tivesse perdido tempo demais em meu sono platônico, talvez não pudesse ter sido diferente, entre tantas possibilidades. O tempo, embora elusivo, é absoluto em sua passagem e permite-nos somente a experiência que vivemos: a reflexão sobre o pretérito do futuro é complexa. Embora não soubesse conscientemente, algo se anunciava para mim.

Apesar de ter sugerido essa música para Remo, no momento em que lhe disse outra música começou a tocar em minha cabeça. Tratava-se de *Time in a Bottle*, do Jim Croce, cuja letra segue na íntegra:

If I could save time in a bottle / The first thing that I'd like to do / Is to save every day / 'Til eternity passes away / Just to spend them with you / If I could make days last forever / If words could make wishes come true / I'd save every day like a treasure and then / Again, I would spend them with you / But there never seems to be enough time / To do the things you want to do / Once you find them / I've looked around enough to know / That you're the one I want to go / Through time with / If I had a box just for wishes / And dreams that had never come true / The box would be empty / Except for the memory / Of how they were answered by you / But there never seems to be enough time / To do the things you want to do / Once you find them I've looked around enough to know / That you're the one I want to go / Through time with²³.

Outra belíssima música! Na época, ao questionar sobre o sentido dessa composição ter surgido em minha mente, pensava sobre seu caráter romântico e supunha que indicava meu envolvimento com o caso. Embora esse aspecto fosse verdadeiro, eu não considerava o sentido da composição, considerando que a música versava sobre o tempo. A imagem do tempo engarrafado tem um valor simbólico forte e permite vários significados. De início, o engarrafamento remete àquilo que se encontra congestionado, sem possibilidade de fluir adequadamente. Com efeito, o que vivia com Remo em sua cidade-apartamento era da ordem de um tempo engarrafado; estática temporal que produzia seus efeitos nos objetos e no próprio Remo – a paralisia e o decaimento. Entretanto, o tempo engarrafado também é a preservação de um momento. Queria que esse momento durasse para sempre, dizemos quando vivemos uma experiência marcante. O trabalho que estava construindo com Remo talvez fosse um no qual anos se passariam até que houvesse suficientes aquedutos temporais em Remoria. Estávamos

²³ Tradução nossa: Se eu pudesse guardar o tempo em uma garrafa / A primeira coisa que eu gostaria de fazer / É guardar todo dia / Até que o fim da eternidade / Somente para passar eles com você / Se eu pudesse fazer os dias durarem para sempre / Se palavras pudessem tornar desejos realidades / Eu guardaria todo dia, como um tesouro, para então / Novamente, passaria eles com você / Mas parece que nunca há tempo suficiente / Para fazer as coisas que você quer fazer / Uma vez que você as encontra / Olhei ao redor suficiente para saber / Que é com você com quem quero passar o tempo / Se eu tivesse uma caixa só para desejos / E sonhos que nunca se tornaram realidade / A caixa estaria vazia, exceto pela memória de como / Eles foram realizados por você / Mas parece que nunca há tempo suficiente / Para fazer as coisas que você quer / Uma vez que você as encontra / Olhei ao redor suficiente para saber / Que é com você quem quero passar o tempo

no início de uma jornada que se anunciava como intensa e longa. Eu pensava muito na época sobre isso. Sua licantropia ainda estava circundando nosso trabalho de maneira velada e eu ainda guardava muitas perguntas sobre o assunto. Qual era o sentido de seus uivos? Qual era a conexão entre o cidadão etéreo e o homem-lobo? Entre tantos outros que na época nem sabia formular. Entrelaçada com essa questão, havia também uma pergunta sobre quais seriam os possíveis projetos futuros de Remo. Imaginava se ele um dia entraria em uma banda, talvez um grupo semelhante à Compulsão Sonora, que tem em sua constituição músicos com passagens importantes por instituições de tratamento em saúde mental. Por vezes o imaginava como artista, pintor, fotógrafo ou até poeta, na medida em que sentia sua sensibilidade para captar e expressar determinados fenômenos. Pensava, ainda, que talvez ele nunca saísse de Remoria, mas que haveria um trabalho para tornar sua cidade-apartamento mais permeável à circulação; os tais aquedutos temporais que restaurariam um fluxo temporal vitalizante naquele espaço. Uma existência menos enclausurada, que permitisse mais conexões e movimentações. Remoria existiria, então, como cidade-concreta, ou ao menos como cidade-menos-abstrata, com estradas e visitantes. Contudo, como já sabia, *Rome wasn't built in a day*, de tal modo que tudo isso que sonhava exigiria tempo. Entretanto, Jim Croce gentilmente avisava que não haveria tempo suficiente; de fato, parece que nunca há tempo suficiente para fazer aquilo que queremos.

Além dessas duas músicas, outra que surgia em minha mente, geralmente ao final dos encontros, era *Outside the Wall*, do Pink Floyd, cuja letra segue na íntegra:

*All alone, or in two's / The ones who really love you / Walk up and down outside the wall / Some hand in hand / And some gathered together in bands / The bleeding hearts and the artists / Make their stand / And when they've given you their all / Some stagger and fall, after all it's not easy / Banging your heart against some mad bugger's wall.*²⁴

Confesso que até o momento da dissertação o sentido dessa música havia permanecido um tanto enigmático. Contudo, conforme escrevo, há certo desvelamento que ocorre. A música é a conclusão do intenso álbum *The Wall*, que, entre outros temas, retrata a experiência de introversão afetiva e insegurança no contato com os outros e com o mundo. Remo havia erguido sua fortaleza temporal e seus muros eram altos e robustos. Talvez eu não fosse artista, mas com certeza era sensível e procurava acompanhá-lo no bastião que era Remoria; uma experiência intensa e que exigia uma real disponibilidade minha. Estava presente no caso e sentia que havíamos superado uma primeira muralha importante, embora soubesse que não é só de um

²⁴ Tradução livre: Sozinhos, ou em pares / Aqueles que realmente te amam / Andam de um lado para o outro fora do muro / Alguns de mãos dadas / E outros juntos em grupos / Os sensíveis e os artistas / Tomam suas posições / Alguns cambaleiam e caem, afinal não é fácil / Bater seu coração contra o muro de um louco.

muro que se faz uma fortificação. Não era somente Remo que havia erguido muros em Remoria e eu estava em rota para me deparar com fortificações que exigiriam de mim um arsenal distinto daquele que havia usado até então.

Determinado dia, recebi uma mensagem do pai, que dizia estar encerrando o acompanhamento por dificuldades financeiras. Quando li fiquei um tanto incomodado, ainda mais pela atitude do pai de tratar o assunto como encerrado, por mensagem de texto. Todavia, não fiquei surpreso. Havia um histórico de interrupção do tratamento e a sensação que sentia na época alertava para essa possibilidade. Respondi afirmando que esse assunto necessitava de uma conversa presencial e procuramos então uma data para marcá-la. Durante as duas semanas, entre a mensagem e a conversa, continuei vendo Remo normalmente. Dessa encaminharam-se outras que serão exploradas no próximo capítulo. Em meu último encontro com Remo, disse que não poderia voltar até resolver o contrato com seu pai. Na época, eu estava muito resistente à possibilidade de o trabalho se encerrar, o que me impediu de fazer uma despedida adequada com ele. Cultivava a esperança de que conseguiria contornar a situação, de modo que, fantasiosamente, sentia que fazer uma despedida seria concretizar algo que ainda não era certo. Por outro lado, já antecipava inconscientemente essa possibilidade, pela dinâmica familiar e histórico progresso do caso. As músicas que me apareciam na cabeça indicavam esse desfecho; seja pelo tempo que nunca é suficiente, seja pelo muro quase intransponível, a despeito do esforço do artista.

A última notícia que tive, ao final das conversas com o pai, é que Remo havia sido internado, algo inédito na sua vida. Foi penoso pensar que a interrupção abrupta pudesse ter produzido uma regressão significativa em Remo, cujo destino seria então "passar o resto da vida no hospital", como ele próprio por vezes dizia. Senti-me culpado por não ter me despedido de uma maneira adequada de Remo e um tanto paralisado pela interrupção violenta do pai, que eu sentia na pele. De um lado, talvez seu pai houvesse reconhecido um limite para a situação em que Remo estava, de modo que ele teria algum cuidado profissional - possível efeito das conversas que tive com ele. Entretanto, o próprio pai tinha interrompido uma comunicação que finalmente seu filho conseguira realizar com outra pessoa. Remo havia sido jogado para os lobos e eu sentia o amargo fracasso de quem não foi capaz de construir uma via abrangente suficiente para ele poder trilhar outro caminho. O enclausuramento havia prevalecido naquele momento. Guardo viva a memória do lapso que cometi em análise ao comentar sobre o desfecho do caso, quando afirmei que Remo havia sido "enterrado" (em vez de internado).

Minha frustração e tristeza perduraram muito tempo após o encerramento do caso, sendo motor, inclusive, para a própria dissertação. Em certo sentido, esta pesquisa talvez seja uma

elaboração minha sobre o processo. Remo é um rapaz que me marcou muito e sou grato por todos os aprendizados que tive com ele. De fato, meu conforto se encontra no desejo de que, em algum recanto do tempo e da psique, permaneça para ele os nossos encontros, da mesma forma que eles permanecerão comigo: *If I had a box just for wishes / And dreams that had never come true / The box would be empty / Except for the memory / Of how they were answered by you*

8. REVISITANDO REMORIA: ANÁLISE E REFLEXÕES

O QUE ACONTECEU

*Mais do que é permitido,
mais do que é preciso,
como um delírio de poeta sobrecarregando o sonho:
a pelota do coração tornou-se enorme, enorme o amor,
enorme o ódio.*

Sob o fardo, as pernas vão vacilantes.

*Tu o sabes, sou bem fornido, entretanto me arrasto,
apêndice do coração, vergando as espáduas gigantes.*

*Encho-me dum leite de versos e, sem poder transbordar,
encho-me mais e mais.*

Maiakóvski (2017).

O que aconteceu? Pergunta curta e direta, cuja resposta por sua vez é longa e complexa. Analisar um caso não é tarefa simples e aquele que se propõe nessa empreitada deve preservar a ciência da parcialidade de sua compreensão. É verdade que o relato comporta, em alguma medida, a construção de uma compreensão valiosa sobre a experiência. Entretanto, se o relato de caso exige do autor uma possibilidade de se aproximar de sua experiência vivida e fantasia, em contrapartida a análise exige um olhar crítico sobre essa experiência, a partir da tranquilidade de poder se considerar também como parte da própria reflexão. Portanto, a construção da análise será realizada pelo entrelaçamento da reflexão clínica com a sustentação teórica desenvolvida na pesquisa.

Comentários iniciais

Atenta-se, de início, para a cena descrita previamente ao primeiro movimento, isto é, a conversa com Amúlio e o primeiro contato com Remo. Desse momento, destaca-se a minha curiosidade e fantasia sobre a queixa dos uivos de Remo, em alguma medida reforçadas pelo lapso de fala do pai "mas eles [os funcionários da padaria] não se incomodam, eles sabem que ele [Remo] não é uma pessoa". Em contrapartida, havia também um pedido de Remo de "alguém para conversar", o que contrastava com a animalidade sugerida por seus uivos e a fala de seu pai. Esse contraste foi intensificado no primeiro contato com ele, na medida em que embora sua aparência remetesse a certa desorganização e à falta de cuidado, havia uma sobriedade em sua fala que produzia uma impressão de relativa conservação psíquica. Essa dualidade, expressa no relato como uma diferença entre meu português e a linguagem licantrópica que o caso exigiria, marcaria a tônica do primeiro movimento.

Primeiro movimento

Os acontecimentos do primeiro movimento devem ser considerados a partir de duas perspectivas: uma que concerne aos diferentes temas e questionamentos presentes nas conversas e outra que se refere à dinâmica transferencial subjacente.

Seguindo a ordem do relato, de início cabe questionar: o que pode ser compreendido sobre a experiência de estar no apartamento de Remo? Por certo, a sensação de infamiliaridade que ele parecia manter com seu entorno não é incomum em esquizofrenias, e diversos autores abordam esse fenômeno. Todavia, havia certa dimensão afetiva (cuja expressão só se tornaria clara no terceiro movimento) que permeava esse estranhamento e sugeria-me uma precariedade importante na condição dele. O cheiro e estética do apartamento, assim como a relação que Remo mantinha com seu entorno, contrastavam com seu discurso organizado e em certa medida eloquente. Embora percebesse essa disparidade, meu interesse orbitava mais em torno dos temas que conversávamos. Em retrospectiva, entendo que havia certa defesa que marcava minha relação com Remo nesse primeiro movimento, expressa também na distância (inclusive física) entre nós. Por certo, já havia acompanhado casos mais graves e, embora já tivesse testemunhado precariedades psíquicas e materiais mais intensas, Remo talvez fosse um dos casos mais "jovens". Desse modo, havia uma angústia de presenciar alguém cuja vida adulta ainda se anunciava como possibilidade em uma condição frágil e paralisada. De outro lado, também é verdade que havia uma valorização da capacidade elaborativa de Remo. Colegas de equipe que haviam escutado sobre o caso no passado comentavam do bom prognóstico - considerando que o tratamento tivesse sequência - percepção da qual compartilhava no início de trabalho. Remo era um rapaz inteligente e sensível, de modo que imaginava que seu pedido por "alguém para conversar" fosse um pedido de um espaço de elaboração de sua condição e processo. Com efeito, essa hipótese não era equivocada, embora houvesse um erro de avaliação ao apostar apenas no diálogo como meio para esse processo.

Entretanto, em que pese a resistência que atravessava o vínculo, as conversas que marcaram esse primeiro movimento apresentavam importante valor clínico. Remo se queixava de "ter parado no tempo" e versava extensamente sobre o assunto. Também comentava sobre seu desejo de poder se reconectar de maneira mais significativa com os outros e com o mundo (expresso em suas falas sobre sua solidão e sua expectativa de "fazer algo para resolver a vida"). Havia, ainda, suas falas sobre suas relações e fantasias familiares, expressas tanto em

referências diretas ao seu pai (Amúlio) e sua mãe (Réia)²⁵ como também associativamente, seja em seu interesse por religião (entre o budismo e o cristianismo) ou em seu questionamento sobre o jogo *Devil May Cry*. Havia uma densidade nos conteúdos que Remo apresentava e naturalmente muito do que era dito ainda ostentava uma insígnia enigmática, o que me produzia grande interesse em escutá-lo, embora também guardasse certa dúvida em relação aos nossos diálogos – uma sensação de uma roda que "gira em falso". Com efeito, percebia certo descompasso no trabalho, em parte decorrente da atitude defensiva dele, que por sua vez me mobilizava também certa defesa. Sustentava, porém, uma pergunta sobre a distância que sentia com Remo; questionamento que só adquiriu expressão maior no segundo movimento.

Por fim, não seria possível encerrar o primeiro ato sem considerar uma cena central para o desenvolvimento do trabalho: a decisão, relativamente ingênua e inconsciente, de pegar o violão de Remo e começar a tocá-lo durante os encontros. Embora o sentido do violão e da música só fosse se tornar evidente em um momento posterior, gostaria de destacar o caráter intuitivo do gesto, provavelmente possível por compartilhamento inconsciente com Remo. Em um apartamento que produzia estranhamento e frieza, aquele objeto atrator capturou meu interesse e tornou-se passível de interação. A importância desse gesto, cujo desdobramento será explorado no segundo movimento, residia nesse primeiro momento na imantação de outro campo de trabalho. Ainda não era evidente, mas havia nessa ação a construção de outra possibilidade de comunicação. Por certo, em oposição a certa resistência de ambas as partes, existia um questionamento sobre o processo que se desenrolava, uma afetação com o mundo circundante de Remo e um desejo de se aproximar dele. Entende-se, portanto, que esse gesto intuitivo comportava esses aspectos.

Há certa tranquilidade exigida no trabalho de acompanhamento terapêutico, cujas ações só adquirem por vezes um sentido consciente em momentos muito posteriores. Desse modo, o primeiro movimento se encerrou com essa inquietação sobre o processo em andamento, assim como com esse gesto que visava em alguma medida contrapor a resistência que marcava a relação transferencial.

²⁵ Escolha de nomes intencional.

Segundo movimento

O segundo movimento, em alguma medida, pode ser considerado como o início efetivo do trabalho de acompanhamento terapêutico. Por que isto procede? De início, consideremos a fala de Remo: "Já falei tudo o que tinha pra te falar". Sua afirmação fazia referência ao descompasso referido no movimento anterior. A distância e resistência que marcavam o início de trabalho, expressa no relato como a dissonância entre o português e a linguagem licantrópica requerida, havia intensificado o contraste entre o espaço vivido de Remo e a qualidade "platônica" dos diálogos que marcavam os encontros. Havia um esforço dele em sustentar um semblante, possivelmente referido na fantasia de uma expectativa do que deveria ser dito para um terapeuta, que estava se tornando insuficiente. Por certo, esse esforço operava também como uma defesa, possivelmente como uma proteção contra a própria loucura. Frente à crescente evidência de que algo não estava bem em sua vida e ao desgaste do verniz discursivo que cobria sua situação, seu movimento foi de recuo. De outro lado, talvez também fosse que Remo não sabia como apreender sua própria condição e sua própria aposta no diálogo havia se mostrado insuficiente. Portanto, seja relativa a uma resistência, seja referida a uma inoperância e imobilidade que a exclusividade do diálogo produzia, a fala de Remo deflagrou um impasse importante no trabalho.

Foi necessário algum tempo até que sua fala pudesse ser escutada como uma continuação de sua indicação inicial de "alguém para conversar". Embora usualmente se compreenda conversa como sinônimo de diálogo, a etimologia da palavra é o latim *conversatio*, junção entre *con* (junto) e *vertere* (voltar-se para), cujo significado remete à ideia de convivência; reencontra-se, pois, o sentido de acompanhar como *cum panis*, compartilhar do mesmo pão. Como construir uma possibilidade de convivência e partilha de experiências? A resposta residiria justamente na música, imantada pelo gesto descrito no movimento anterior.

Há algumas considerações que devem ser feitas sobre a aproximação de Remo para tocar o violão e a decisão de introduzir o baixo no campo de trabalho. Entre os diversos assuntos que permeavam o primeiro movimento, era possível notar o interesse e a sensibilidade de Remo para o mundo artístico, principalmente por suas referências à fotografia e à pintura. Com efeito, essas práticas também seriam possíveis vias pelas quais o trabalho de acompanhamento terapêutico pudesse se desenvolver, conectando Remo de uma maneira mais significativa e vital com a realidade. Notadamente, no campo expressivo a música desfrutava o privilégio de ser também parte importante de minha história de vida. Desse modo, havia no tocar juntos uma possibilidade de conexão autêntica – um voltar-se juntos para algo (*conversatio*) – a partir de

um interesse compartilhado. O violão, nesse sentido, surgia como um "objeto-sujeito", psicopompo por meio do qual um novo processo se anunciava.

De outro lado, considera-se também a importância da inclusão de meu contrabaixo como ator na cena na mobilização do trabalho. O instrumento, raro em seu modelo e de valor sentimental inestimável, poderia ser compreendido também como "objeto-sujeito", na medida em que portava em alguma medida minha própria história com a música. Nesse sentido, o gesto de incluir o instrumento nos encontros, além de expressar uma presença menos defendida, operava como certo empréstimo de minha subjetividade para algum processo acontecer, possibilitando a Remo construir significações e vislumbrar futuros. Talvez não seja por acaso que era ele quem tocava o baixo e a melodia, ao passo que seu violão ficava comigo na função de acompanhamento.

Percebe-se, portanto, que a introdução dos instrumentos e da música nos encontros possibilitou uma nova forma de vinculação com Remo, assim como permitiu a construção de um novo campo de trabalho. Essa rearticulação pode ser compreendida como a instituição de um acompanhamento terapêutico, tendo em vista o sentido de *conversatio* explicitado. A partir desse novo arranjo, que marcará o terceiro movimento, tornaram-se possíveis alguns desdobramentos que serão considerados a seguir.

Terceiro movimento

O terceiro movimento pode ser considerado o mais denso, na medida em que diversos temas e processos anunciados nos movimentos anteriores tiveram ampliação e desdobramentos a partir do novo arranjo, penosamente findado com a interrupção do acompanhamento. Praticamente todos os encontros ocorreram a partir do arranjo descrito no segundo movimento, intercalando momentos de música com momentos de diálogos. Consideremos, pois, os principais aspectos²⁶ desse movimento.

De início, cabe comentar sobre a relação de Remo com a música. Afinal, por que o arranjo musical funcionou como mobilizador do trabalho? Há dois processos entrelaçados que a música mobilizou no acompanhamento terapêutico e ambos estão expressos na fala de Remo: "Você me lembrou que quando eu era adolescente meu sonho era ter uma banda. E agora esse sonho acabou". O que isso significa?

²⁶ Observa-se que os aspectos referentes às dinâmicas familiares de Remo serão considerados separadamente.

Ao considerar a primeira frase entende-se que a música desempenhou um papel importante na adolescência de Remo. Seu sonho pode ser compreendido como testemunho de uma época na qual ele ainda estava conectado de maneira mais vital com o mundo (e conseqüentemente localizado temporalmente), sendo capaz, portanto, de sustentar alguma perspectiva de futuro. Em certo sentido, a música possivelmente representava uma possibilidade de subjetivação, hipótese reforçada por uma fala posterior: "Às vezes penso em ter novamente um baixo e começar uma carreira como músico, sem ninguém saber". Por certo, talvez se tratasse de uma ideia extravagante, no sentido binswangeriano do termo, mas sob uma perspectiva simbólica expressava uma possibilidade de Remo "fazer algo da vida", isto é, reconectar-se de maneira significativa com o mundo e em alguma medida consigo próprio. A música, portanto, comportava um importante potencial reorganizativo.

Entretanto, esse potencial reorganizativo só poderia ocorrer de uma maneira efetiva caso Remo pudesse elaborar parte de sua história, assim como sua atual condição. "E agora esse sonho acabou". Essa afirmação possivelmente expressava uma primeira tomada de consciência de seu processo e situação. De fato, o terceiro movimento foi marcado pela construção de um sentido que Remo atribuiu à sua história, sintetizado em sua afirmação: "É assim que é, as coisas aqui foram quebrando e nada consertou". Embora o próprio relato traga associações sobre o quebrado, cabe considerar essa significação novamente.

Nota-se, de início, a função que a música e o tocar juntos tiveram na possibilidade de Remo entrar em contato com a dimensão do quebrado de maneira amparada – não é por acaso que esse sentido emerge justamente em uma conversa sobre seus instrumentos. Do mesmo modo que a música se apresentava como uma possível linha de fuga, isto é, uma possibilidade nova de subjetivação; o tocar juntos também comportava uma *emoção de lidar*, na medida em que permitia Remo expressar e procurar elaborar sua condição sem que esse processo fosse excessivamente desorganizador ou destrutivo.

E como o sentido de quebra se relacionava com as questões apresentadas por Remo? De imediato, cabe observar que muito do que foi possível de compreender sobre essa dimensão ocorreu através do meu corpo e da minha experiência, seja nas situações em que processei corporal e afetivamente o espaço circundante de Remo, seja nas associações e imagens que espontaneamente surgiram em minha consciência. Com efeito, essas experiências indicam a intensificação do processo transferencial e a conseqüente porosidade que minha psique adquiriu. Desse modo, pude experimentar, como na cena fantasiosa de *Corridors of Time*, a relação que o quebrado tinha com a sensação de paralisia temporal que Remo vivia. A experiência espacial de uma cidade-apartamento-ruína comunicava, nesse sentido, uma ruptura

de determinado tempo vital, que em alguma medida havia retirado Remo de uma circulação significativa com o mundo. Similarmente, a minha associação sobre o espelho quebrado de Messy (1999) como representativa de sua experiência visava representar sua conscientização sobre essa ruptura, que veio acompanhada de um afeto melancólico. Em contrapartida, essa conscientização também mobilizou alguma desorganização nele, embora esse aspecto só tenha surgido marginalmente nos encontros, seja na cena em que aguardei do lado de fora do apartamento ou em sua fala: "Quando você vem aqui às vezes eu percebo que não tô bem". Percebe-se, portanto, que o significado de quebrado portava uma centralidade na vida de Remo.

Por fim, cabe considerar o quebrado e sua relação com as músicas que me surgiram além da interrupção dos encontros. Embora haja diversas facetas que as músicas expressam, havia uma indicação de quebra, seja a partir da corrida contra o tempo perdido do Pink Floyd, do gentil lembrete de Jim Croce sobre o tempo que nunca é suficiente ou ainda pelo esforço do artista em superar o muro que o separa do louco. Por certo, a relação transferencial e a consequente porosidade psíquica permitiam uma intuição sobre uma defesa familiar que estava sendo mobilizada. Quando esse muro emergiu efetivamente, isto é, quando o pai interrompeu o trabalho, houve uma dificuldade de manejar clinicamente a situação. A partir de uma posição identificada, vivi a interrupção no registro dele: "É assim que é, as coisas aqui foram quebrando e nada consertou". Houve uma passividade raivosa que permeou o processo de interrupção e produziu uma inibição na possibilidade de fazer outras intervenções. Entretanto, reconhece-se também que houve um esforço, cujo processo será descrito no próximo subtítulo.

Em suma, o terceiro movimento foi marcado por uma nova possibilidade de vinculação a partir da música, o que possibilitou a significação da experiência vivida de Remo com seu entorno. A intensificação da relação transferencial permitiu uma experiência afetiva-corporal por meio da qual alguma elaboração foi possível, ao mesmo tempo em que produziu uma identificação com a posição do quebrado que inibiu, em alguma medida, o manejo na interrupção do caso.

A experiência da/na transferência

Os comentários iniciais comportam aspectos importantes acerca da técnica do acompanhamento terapêutico que cabem serem explicitados. Conforme visto, essa prática é pautada na "relação de vizinhança do acompanhante com o louco e a loucura" (A CASA, 1991, p. 31), o que aponta para a importância da relação transferencial como pedra angular e de toque no processo clínico. A transferência, por sua vez, caracteriza-se por ser uma relação fundada na inconsciência mútua, na qual "a contaminação inconsciente nos é oferecida uma possibilidade terapêutica de inestimável valor" (JUNG, 2012[1946], p. 59-60). Por certo, entende-se que o desenvolvimento do acompanhamento no caso relatado só se tornou possível a partir do momento em que as defesas iniciais foram parcialmente superadas, permitindo a instituição de uma relação transferencial e consequente porosidade psíquica do acompanhante.

Essa penetração mútua no inconsciente tem como correlato uma maior sensibilidade para aquela escuta mundana que o AT exige – a *enunciação pedestre* de Certeau (MELO, 2009a). Nesse sentido, a possibilidade de identificar e atualizar o violão como elemento cenográfico pertinente só se efetivou no momento em que as distintas defesas que operavam na relação da dupla foram parcialmente abdicadas, ao mesmo tempo em que o próprio gesto colaborou para a instituição da transferência; em alguma medida, a escuta mundana compõe parte da própria transferência. Enquanto objeto mediador, o violão tornou possível a instituição de uma ação, isto é, um campo associativo e prático inaugurado pela música, cuja função de psicopompo releva a dimensão de emoção de lidar (SILVEIRA, 1986) que determinadas ações no acompanhamento terapêutico adquirem. Nota-se que a música orientava a dupla no processo que se anunciava e atuava como um *temenos* alquímico no qual a exterioridade do acompanhante se encontrava com o universo do acompanhado para a produção de algo inédito.

Por fim, destaca-se que, embora a porosidade psíquica seja fundamental para o processo terapêutico, há um risco inerente à relação transferencial expresso na mobilização de um complexo do acompanhante ou sua identificação com alguma dimensão do acompanhado, como descrito por Jung (1946/2012). Por certo, a identificação com a dimensão do quebrado descrita no caso deve ser apreendida sob essa perspectiva, embora se reconheça que não seja o único fator envolvido nesse processo. Para compreender os outros fatores, contudo, devem-se considerar antes as dinâmicas familiares do caso.

A tríade familiar

A partir do relato de Remo e das conversas com seu pai foi possível adentrar na constelação da dinâmica da família e cogitar como esta influenciou a condição do rapaz. Apesar de não ter um quadro completo, principalmente por nunca ter encontrado a mãe dele, o panorama do *self* familiar emergiu da narrativa de Remo e de seu pai. Apresenta-se de início um breve relato dos contatos com o pai que ocorreram durante o acompanhamento terapêutico.

Contatos com o pai

O pai de Remo, aqui denominado pelo nome fictício Amúlio, era um homem de cerca de cinquenta anos que portava um semblante triste. Mesmo quando falava de assuntos triviais ou mesmo de eventos em tese bons, sua expressão era uma mistura de cansaço e tristeza. Por seus relatos, havia uma impressão de que ele não era capaz de exercer uma paternidade e um cuidado de Remo. Embora houvesse em suas falas um carinho por seu filho, havia também algum outro afeto um tanto indeterminado, mas que apontava para algo da ordem da desconsideração ou da raiva. Amúlio demonstrava uma preocupação e ao mesmo tempo resignação com a situação do filho, no sentido de que expressa um desejo que Remo tivesse um maior cuidado, mas sempre com um tom desesperançoso, que ornava com seu semblante triste. Ele parecia negociar consigo mesmo sobre a gravidade da condição do filho, no sentido de que, de um lado, reconhecia a importância de um acompanhamento profissional, e de outro, não parecia mobilizado por uma urgência para procurar essa ajuda. Havia, nesse sentido, pouca sensibilidade para a solidão do filho e a como esse isolamento lhe era prejudicial.

Curiosamente, e com evidente valor simbólico, a história de vida de Remo era relatada por seu pai como a história do casal, ele e sua ex-mulher (aqui denominada pelo nome fictício de Réia). O pai parecia muito ressentido de sua antiga companheira, contava a história de um casamento conturbado e relatava cenas frequentes de conflito entre eles. Ele entendia que Remo havia ficado no meio dessas brigas e reconheceu que não soube protegê-lo do conflito que tinha com a mulher, embora atribuísse a responsabilidade da situação psíquica de Remo a ela.

Com o divórcio, Remo permaneceu com a mãe, mas foi expulso após uma briga indo morar com Amúlio. Entretanto, pouco tempo depois ele foi expulso também da casa do pai, por decorrência de um episódio psicótico no qual Remo agrediu Amúlio. Após essa cena, Remo retornou para o antigo apartamento do casal, agora desocupado, e residiu ali sozinho até a época do trabalho de AT.

Em determinado momento do trabalho, próximo à interrupção, Amúlio apresentou outro aspecto importante da dinâmica familiar. Ao comentar sobre a ideia de alugar um espaço para Remo próximo dele, disse que só teria dinheiro para concretizar esse plano caso vendesse o apartamento em que Remo morava. Todavia seria difícil, na medida em que o imóvel estava sob disputa judicial em decorrência da separação. Portanto, seu filho só poderia se mudar quando essa situação estivesse resolvida.

Determinado dia, após cerca de sete ou oito meses do início do acompanhamento terapêutico, Amúlio enviou uma mensagem afirmando que precisaria encerrar o AT por conta de dificuldades financeiras. Após insistência minha, ele concordou em ter uma conversa presencial. Enfatizei como era prejudicial para Remo interromper o trabalho naquele momento, o que foi respondido pelo pai com seu tom resignado e semblante triste. Ele sublinhou que, contrário à última interrupção, dessa vez o motivo do encerramento era exclusivamente por dificuldades financeiras: "Da outra vez não foi só por dinheiro, mas dessa realmente é. Meu filho nasceu e isso fez com que os gastos aumentassem". Com dificuldade, outra conversa foi marcada e, após faltar algumas vezes, Amúlio compareceu. Nessa conversa, reforcei a necessidade de um acompanhamento profissional para seu filho, embora o pai tenha falado principalmente sobre sua ex-mulher e o enrosco do apartamento, o que fez com que eu pontuasse como esse casamento mal resolvido parecia interferir negativamente nos cuidados de Remo. Amúlio afirmou que iria se reorganizar para manter o tratamento e combinou de retornar em quinze dias. Contrariamente, ele faltou mais duas vezes nas entrevistas marcadas e nesse período enviou mensagens sobre a piora do filho, que havia voltado a uivar e berrar, o que inclusive fez com que os moradores chamassem a polícia. Quando retornou, disse que realmente não haveria como manter o acompanhamento terapêutico. Indiquei novamente a necessidade de tratamento para Remo, seja pela rede particular ou pública, assim como os possíveis riscos legais aos quais ele estava sujeito caso seu filho continuasse desassistido. Apontei também o risco psíquico no qual Remo se encontrava e como a situação poderia ser enquadrada como negligência ou mesmo abandono caso algum cuidado não fosse organizado. Em determinado momento, afirmei que ele não estava bem e que não estava conseguindo cuidar de seu filho. Foi a primeira vez que Amúlio chorou; lágrimas discretas e contidas. O homem do semblante triste e do tom desesperançoso parecia haver entrado em contato com uma dor e uma raiva muito profundas. Ao final da conversa, havia se reposicionado e disse que tentaria novamente se organizar financeiramente para manter o AT. Despediu-se apertando fortemente minha mão, o que transmitiu precisamente essa mescla de ódio e tristeza.

Cerca de um mês se passou sem notícias dele e de Remo. Todas as tentativas de contato não tiveram retorno. A preocupação com a situação de Remo fez com que eu decidisse encaminhá-lo formalmente ao CAPS de sua referência, além de notificar Amúlio sobre essa decisão. Após algum tempo, o pai respondeu afirmando que internou o filho. Disse que me avisaria quando o ele sáisse, mas nunca mais fez contato.

Teias e tramas familiares: esboço de compreensão

As relações e dinâmicas que estruturam os grupos familiares são sempre complexas e multifacetadas, e cada membro consegue apresentar apenas uma perspectiva parcial e enviesada, considerando sua posição na trama - de modo que uma análise clínica se apresenta como uma tarefa laboriosa e muitas vezes limitada. Acrescenta-se ainda outra dificuldade, que diz respeito à posição e função do clínico no caso. Embora faça parte do acompanhamento terapêutico o contato e trânsito pelas diferentes redes do acompanhado (o que tipicamente inclui seu núcleo familiar), entende-se que sua função e tarefa não concernem imediatamente à análise do grupo familiar. Por fim, nota-se que no caso relatado, o contato com os familiares de Remo foi consideravelmente restrito, de modo que a análise dispõe apenas dos elementos apresentados por Remo e seu pai. Portanto, a hipótese que segue deve ser tomada *cum grano salis*, considerando as limitações apresentadas.

A tese central para a compreensão sobre as dinâmicas familiares pode ser resumida na frase do próprio Remo: "Enfim, estou no meio dessa briga [referindo-se às desavenças entre Amúlio e Réia] e tudo que tenho é minha família". Como compreender essa afirmação? Considera-se, de início, as associações que Remo trouxe sobre seus pais no decorrer do acompanhamento. A relação com sua mãe era apresentada a partir de diversos conflitos, com particular destaque para aquele localizado como o início de seu desentendimento com ela quando quis impedi-lo de sair com o amigo. Seus relatos posteriores sobre o conflito que teve com ela em decorrência de seu novo marido parecem sugerir que sob uma perspectiva psíquica não houve uma separação suficiente entre o filho e a mãe, como dizia: "ele era Silva e ela era Silva, aí misturou tudo", o que sugere a ausência de um terceiro na díade fusional. Nesse sentido, minha experiência no quarto antes ocupado por Réia no apartamento pode ser compreendida como expressiva dessa indiferenciação, na medida em que conciliava a intensidade psíquica da *imago* materna com certa qualidade espectral, referente a uma presença cuja materialidade cessou. Havia, portanto, uma qualidade mórbida – ou por que não quebrada? – na relação de Remo com Réia.

Já no que concerne à relação de Remo com Amúlio, nota-se que falas e associações diretas sobre ele foram comparativamente mais escassas durante o acompanhamento. Seu pai era descrito como alguém velhinho e conseqüentemente equivocado nas impressões que tinha sobre ele. Contudo, Remo também fazia uma referência importante ao jogo *Devil May Cry*, cujo protagonista era filho de uma mulher com um demônio, e sobre o qual apresentava uma dúvida se estaria mais próximo do lado humano ou do lado diabólico do personagem, associados aqui respectivamente com Réia e Amúlio. O diabólico também aparecia associado ao amigo de Remo, responsável por levá-lo para o caminho do mal e afastá-lo de sua mãe no fatídico dia que localizava como central para as desavenças com ela. Nesse sentido, compreende-se que o paterno e o masculino decorrente possivelmente eram experimentados por Remo como relativos ao diabólico, referente simultaneamente ao pai, à possibilidade de separação do universo materno (como no amigo que o leva para o bar) e ao maligno - desvio do caminho correto. Observa-se que esse encadeamento fornece algum contexto para o silenciamento de Remo na presença do pai, assim como o medo que ele parecia cultivar em alguns momentos. Portanto, a relação de Remo com Amúlio comportava uma agressividade velada, provavelmente transposta ao universo masculino.

As associações de Remo sobre seus pais fornecem algum contexto para sua fala de que tudo que tenho era sua família. Entrelaçado com seu universo restrito e quebrado, sua relação com Réia adquiria uma dimensão importante em sua vida, e seu caráter espectral corroborava para as imagens de decaimento e a estática temporal que emergiram no acompanhamento terapêutico. Sua relação com Amúlio também se expressava na materialidade do quebrado que compunha seu universo e, em oposição ao tom mórbido-espectral da relação com sua mãe, comportava uma violência, negligência parental de dupla mão que contribuía para a dimensão da ruína e paralisia temporal. Destarte, percebe-se que as relações familiares de Remo exerciam uma importante influência em seu universo quebrado e eram suas únicas conexões com um espaço fora de Remoria, ainda que carregado de lastros enclausurantes. O aprisionamento psíquico era reforçado pela dependência daqueles que, simbolicamente, mantinham-no aprisionado.

Por fim, como compreender a primeira parte de sua fala, sobre estar entre a briga de seus pais? As associações de Remo a respeito do conflito entre seus pais eram esparsas e restringiam-se a constatar sua posição no meio que o distanciava de ambos. Todavia, as conversas com Amúlio forneceram um panorama mais amplo. Fundamentalmente, entende-se que a simbiose de Remo com Réia se estendia até certo ponto para Amúlio, que parecia não conseguir dissociar os cuidados necessários que seu filho exigia da raiva que sentia da ex-

mulher. Essa sobreposição mobilizava uma agressividade na relação com Remo, que operava como intermédio na relação e disputa com Réia, expressa no próprio apartamento. Em certa medida, a permanência de Remo em Remoria operava como uma garantia para Amúlio de que sua ex-mulher não reivindicaria o imóvel para ela. Supõe-se, nesse sentido, um esforço dele, ainda que inconsciente, para que a situação do filho não mudasse. Investir em Remo era impossível, na medida em que implicaria (na perspectiva de Amúlio) um benefício para Réia. Desse modo, ao dizer que estava no meio dessa briga, compreende-se precisamente o papel que sentia ocupar na dinâmica do casal. A cidade-apartamento era, destarte, ruína de um casamento, e o quebrado também se expressava em uma dimensão familiar. Seus pais não foram capazes de resguardá-lo, provavelmente pela captura inconsciente que eles próprios experimentavam. Dividido entre as brigas de seus pais e o fiduciário de um apartamento que expressava essa disputa, Remo não conseguiu construir uma perspectiva que o retirasse desse conflito. Portanto, criou-se e sustentou-se uma situação na qual o lugar de Remo no contexto familiar era um não-lugar, ou mais precisamente um lugar que não era próprio, mas anexado à disputa voraz entre seus pais.

Por último, é possível compreender a interrupção do acompanhamento nessa perspectiva? Por certo, a situação de Remo parecia cumprir uma função na dinâmica entre seus pais e Amúlio apresentava uma ambivalência em relação à possibilidade de mudança. Destaca-se que a mãe expulsou Remo de casa em um de seus episódios psicóticos, relegando seus cuidados a Amúlio, e esse fardo, como ele próprio descrevia, parecia se relacionar com a agressividade velada que marcava a relação entre pai e filho. Nesse sentido, sua decisão de interromper o tratamento pode ser compreendida como uma atuação imbuída da raiva inconsciente que tinha de Remo e de sua ex-mulher. A própria decisão de internar o filho em um hospital pode ser considerada sob esse prisma, embora deva se questionar se a minha posição de indicar a situação de Remo como negligência possa ter mobilizado o pai a se resguardar de eventuais consequências legais.

Teias e tramas familiares: família esquizofrenogênica?

Considerando a dinâmica familiar apresentada, questiona-se se a família de Remo poderia ser compreendida como uma família esquizofrenogênica, como descrita por Laing (1990). Há alguns aspectos que devem ser ponderados. Primeiramente, destaca-se que o autor atribui importância à possibilidade de um sujeito construir um senso seguro de identidade e de pertença em seu contexto familiar, isto é, "a capacidade da criança de participar de um mundo real compartilhado" (LAING, 1990, p. 189. Tradução nossa)²⁷. Essa possibilidade guarda relação com o desenvolvimento das diferentes posições e funções que cada membro adquire no grupo familiar. Naturalmente, há entraves e contradições que operam em todos os contextos familiares e Laing (1993) é claro ao afirmar que o processo de transmissão e reprodução dos diferentes significados e papéis ocorre à revelia dos membros, sendo em larga medida inconsciente. Dessa forma, não se trata de demonizar, culpabilizar os familiares ou afirmá-los como produtores de determinado quadro psicopatológico. Visa-se apenas destacar como determinados arranjos familiares produzem certa cristalização de seus membros, cuja imobilidade opera contra a possibilidade de afirmar-se de maneira segura no mundo.

Tendo em vista esta recapitulação, retoma-se: poderia a família de Remo ser considerada uma família esquizofrenogênica? As informações adquiridas a partir do trabalho de acompanhamento terapêutico, assim como a análise realizada, sugerem um contexto familiar no qual o rapaz esteve desde cedo envolto pelo conflito do casal e indicam que seus esforços para construir uma pertença fora desse contexto não foram suficientes para afiançar uma identidade segura. Desse modo, a posição de Remo em seu grupo familiar parecia estar imbricada com dinâmicas inconscientes da relação do casal, de modo que seu lugar e pertencimento eram considerados a partir desse conflito. Por certo, essa situação se atualizava na época do acompanhamento terapêutico, na qual sua permanência naquele apartamento operava como garantia de que o imóvel não seria ocupado por sua mãe. Entende-se, portanto, que Remo cresceu em um ambiente familiar que não teria lhe favorecido a construção de um senso seguro de identidade e pertença, o que afetou sua possibilidade de "participar em um mundo real compartilhado", conforme Laing (1990, p. 189).

²⁷ No original: *child's capacity to participate in a real shared world.*

Discussão e amplificação: as fantasias do terapeuta no acompanhamento

A análise foi efetuada a partir da significação e amplificação dos símbolos e imagens que marcaram o acompanhamento terapêutico. Para elucidar este procedimento se faz necessário resgatar alguns conceitos sobre a experiência psicótica em seu aspecto psicodinâmico e espaço-temporal que fundamentam a leitura realizada.

De início, cabe questionar qual a pertinência de uma narrativa mítica na compreensão de um caso clínico. Para responder essa questão, deve-se considerar o processo psicodinâmico nas experiências psicóticas. Conforme visto, a eclosão de um quadro psicótico guarda relação com a desintegração da personalidade e a renúncia do complexo do eu de sua função centralizadora da experiência consciente, a partir da impossibilidade da consciência abarcar determinada experiência ou conflito (JUNG, 2013a[1958]). Essa desintegração tem sua contrapartida no processo autorregulatório da psique, de modo que a produção inconsciente, embora em determinados momentos possa ser avassaladora e desagregadora, comporta um potencial reorganizativo, balizado pela possibilidade de a consciência integrar de maneira transformativa aquilo que lhe é apresentado (SILVEIRA, 2015; PERRY, 1987; 2020).

Entretanto, embora o funcionamento autorregulatório da psique não seja exclusividade da psicose, nesta adquire expressão particular na medida em que tipicamente se encontram mobilizadas de modo mais intenso as imagens arquetípicas (JUNG, 1958/2013a; SILVEIRA, 2015; PERRY, 1987; 2020). Destarte, a narrativa mítica, expressão importante da dimensão arquetípica da psique humana, adquire seu valor como instrumento de análise na medida em que fornece uma abertura a partir da qual o processo particular pode ser compreendido. Afirma Perry (1987, p. 47. Tradução nossa):

Ele [terapeuta] deve fazer mais do que reconhecer que as imagens usadas são válidas e significativas. Ele deve perguntar: qual o sentido desse processo arquetípico no desenvolvimento psíquico particular dessa pessoa? O que aconteceu, e por que aconteceu nesse ponto específico da vida dela?²⁸

Alinhavado com o potencial autorregulatório das produções inconscientes, resgata-se também a função da psique enquanto arquiteta da experiência humana: "a psique cria a realidade todos os dias", afirma Jung (2013b[1921], p. 66). Nessa perspectiva, as dimensões espaço-temporais na psicose devem ser compreendidas a partir de seu entrelaçamento com a

²⁸ No original: *He must do more than recognize that the imagery used is valid and meaningful. He must ask: Of what significance is the archetypal process in this particular person's psychic development? What took place here, and why did it happen at this particular point in her life?*

experiência criativa humana, seja pela temporalidade gestacional de regressão mítica uma temporalidade que pode anunciar novos futuros, seja na dualidade de espaço escuro e claro, nos quais a experiência de indiferenciação e ausência de distâncias pode gerar uma espacialidade na qual a circulação é desinibida e torna-se possível a afirmação de identidade e alteridade. Contudo, assim como a manifestação inconsciente comporta um potencial destrutivo ao lado do criativo, a experiência espaço-temporal psicótica também encerra um caráter paralisante e destrutivo, a partir de uma temporalidade estática que promove a desconexão do sujeito com seu entorno e a incapacidade de agir de maneira significativa sobre a própria existência ou uma espacialidade enclausurante na qual nenhuma movimentação é possível.

Essas considerações teóricas orientaram a análise, fornecendo modelos de compreensão de um processo autorregulatório expresso tanto em seu potencial criativo quanto destrutivo. A amplificação visa também apreender essa oposição de modo dialético assim como a experiência espaço-temporal dessa dualidade.

O mito de Rômulo e Remo

Imagens, símbolos e uma narrativa mítica emergiram durante o acompanhamento terapêutico, sejam estes provenientes do inconsciente de Remo, como seu uivo, ou de minha experiência no caso, como a imagem de Remoria. Questiona-se, pois, sobre o significado dos uivos de Remo, o sentido da música como abertura de uma nova possibilidade de ser e a associação de seu apartamento com a imagem de uma cidade. E afinal, por que Remo?

Esses questionamentos, assim como outros, serão elucidados a seguir a partir de associações e amplificações simbólicas, considerando as informações clínicas obtidas no acompanhamento terapêutico, assim como minhas experiências e elaborações mediante o imaginário simbólico transferencial no caso. Para tal, apresenta-se de início o mito de Rômulo e Remo – que surgiu como uma associação durante a escrita – , conforme resgatado pelos historiadores Tito Lívio (2008) e Dionísio de Halicarnasso (1937).

No reino de Alba e Lavínio há uma disputa pelo trono entre os irmãos Amúlio e Numitor. O segundo, embora primogênito, é preterido na disputa e tem seus filhos homens assassinados. Réia Sílvia, sua última filha, é entregue aos cuidados de um templo como vestal, para assegurar que ela não gerasse um filho que procurasse reivindicar o trono. Entretanto, lá ela é violentada pelo deus Marte²⁹ e concebe Rômulo e Remo. Amúlio, uma vez ciente do ocorrido, ordena que os gêmeos sejam lançados na correnteza do rio Tibre. Os bebês seguem rio abaixo até encalharem em uma parte seca do rio, onde são encontrados por uma loba, que os amamenta. Pouco

²⁹ Em algumas versões o próprio Amúlio é referido como o perpetrador da violência.

depois, um camponês chamado Fáustulo os encontra e toma para si o cuidado das crianças.

Os irmãos crescem no campo e já adultos se envolvem em uma disputa por pasto com os fazendeiros de Numitor. Com o acirramento do conflito, uma armadilha é montada e Remo é capturado. A situação é apresentada para o Rei Amúlio, que, visando manter a relativa paz com o seu irmão, condena o rapaz e o entrega aos cuidados de Numitor para ele executar a punição. Entretanto, ao interrogá-lo, Numitor percebe que ele é um de seus netos e então propõe que ele o ajude, em troca de sua liberdade. Informado sobre sua história, Remo acede ao desejo do avô e se compromete em ajudá-lo na reivindicação do trono e, instruído por Numitor, solicita o apoio de Rômulo na missão. Dessa forma, uma armadilha é montada³⁰ e os irmãos assassinam Amúlio e Numitor torna-se então o rei de Alba e Lavínio.

Rômulo e Remo, por sua vez, partem com o desejo de fundar uma cidade própria, na região em que eles foram encontrados quando bebês. Entretanto, as disputas e ambição por poder que outrora amargaram a relação dos irmãos Amúlio e Numitor ressurgem entre Rômulo e Remo, que divergem sobre o local de fundação da cidade. Por serem gêmeos, não haveria como determinar quem deveria reinar, de modo que se decide que os deuses indicariam, por meio de auspícios³¹, a solução. De início, seis aves surgem no local onde Remo aguardava, mas pouco depois aparecem doze para Rômulo. A disputa não cessa, na medida em que Remo clama o direito por causa da precedência, ao passo que Rômulo se respalda no número de aves. Tendo fundado dois acampamentos que seriam Remoria e Roma, respectivamente, os irmãos continuam em conflito até o dia em que Remo, para provocar Rômulo, pula a muralha de Roma e é morto por seu irmão, que clama: "assim morrerá de agora em diante qualquer outro que ultrapassar as minhas muralhas" (LÍVIO, 2008, p. 49).

O uivo do lobo

Considera-se de início o uivo de Remo. Como compreender simbolicamente essa expressão? Uma primeira referência poderia ser o célebre poema *Howl* [uivo] de Allen Ginsberg (1959). O poema é dedicado ao seu amigo Carl Solomon, preso e torturado num manicômio nos EUA nos anos 1950, e pode ser compreendido como um verdadeiro uivo, como o título anuncia: um grito de dor e desespero diante de uma sociedade e um sistema de tratamento psiquiátrico que, em vez de promover cura, punia os indivíduos massacrando suas personalidades. Como lembra o poeta: "Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus" (GINSBERG, 1959, p. 9)³². De outro lado, *Howl* também explora o rompimento com um sistema adoecido e adoecedor; ímpeto revolucionário que acarretou sua censura na época de publicação.

³⁰ Em outra versão, Amúlio se torna ciente da existência dos gêmeos e ordena a execução deles. Entretanto, tendo chegado a notícia para os irmãos dessa ordem, eles respondem invadindo o palácio e executando o rei.

³¹ Na tradição romana, auspícios eram sinais divinos, geralmente manifestos na forma de pássaros, cuja aparição indicariam o favor dos deuses em relação à determinada causa.

³² No original: *I saw the best minds of my generation destroyed by madness, starving hysterical naked.*

Entretanto, para compreender melhor o uivo, deve-se considerar aquele que uiva. O simbolismo em torno do lobo é extenso e comporta múltiplas facetas. Chevalier e Gheerbrant (2019), por exemplo, caracterizam essa imagem a partir de sua associação como ancestral mítico, referido no universo do paterno e do cósmico, ao mesmo tempo em que destacam o aspecto destrutivo, força mal contida ou furor não conhece discernimento, cuja extensão inclusive devora o tempo humano. Sob uma perspectiva psíquica, essa dualidade pode ser expressa na qualidade de psicopompo que esse animal adquire, conectando o sujeito com sua *animal soul*, embora também alerte para o risco de desintegração do ego por decorrência desse contato (RONNBERG; MARTIN, 2010). Ramos *et al.* (2005) também apontam para essa dualidade, destacando o potencial criativo e destrutivo que essa imagem comporta. Em seu aspecto masculino, o lobo expressa o ímpeto criativo que afirma a existência, isto é, "se expressa na materialização, construindo um espaço que é a base na qual a vida pode desenvolver-se" (RAMOS *et al.*, 2005, p. 154) – lobo como expressão do renascimento e transformação. Todavia, a imagem do lobo também comporta voracidade, de modo que esse mesmo ímpeto pode adquirir um caráter destrutivo quando exercido de forma indiscriminada. No simbolismo alquímico, essa voracidade destrutiva do lobo aparece referida ao *calcinatio*, que pode ser compreendido como a dissolução regressiva da personalidade consciente. Por certo, esse caráter destrutivo e desagregador tem seu correlato em uma experiência na qual não se tornou possível humanizar-se. Ramos *et al.* (2005, p. 151), assim como Von Franz (1985), resgatam os diferentes mitos nos quais o herói é criado por uma loba ou alcateia, e associam essas imagens com dinâmicas familiares permeadas por um inconsciente mais primitivo das figuras parentais. Nesse sentido, contextos familiares nos quais permeiam conflitos e projeções inconscientes favorecem a identificação da criança com a imagem do lobo solitário.

As crianças são infelizes em seus lares e tornam-se desumanizadas; ou melhor, não lhes é permitido serem humanas, pois seus pais possuem um inconsciente desumano. Assim elas caem na atitude do lobo solitário. Milhares de crianças ficam como lobos solitários, sofrendo em isolamento, voracidade e incapacidade de estabelecer um contato humano (VON FRANZ, 1985, p. 280).

Esse simbolismo ajuda na compreensão da situação de Remo quando aproxima a situação vivida expressa da imagem de um lobo solitário. Atravessado pelo conflito de seus pais, Remo havia perdido conexões significativas com o mundo e encontrava-se em um isolamento quase monástico em seu apartamento. O empobrecimento de sua circulação social adquiria um correlato psíquico na desagregação esquizofrênica: "a dissolução regressiva da personalidade consciente", como afirmam Ramos *et al.* (2005, p. 157). Pode-se entender que, se na vida havia inércia e ausência de desejos, o inconsciente consumia vorazmente o próprio

tempo, materializado na destrutividade de seu entorno quebrado. Todavia, ele conservava alguma consciência e seus uivos poderiam, portanto, ser compreendidos como um apelo, angustiante e desesperador, por conexão. Portanto, embora expressassem a angústia de um sujeito cuja consciência progressivamente se diluía em um inconsciente, seus uivos também clamavam pelo aspecto criativo do lobo, o ímpeto que afirma a existência.

No acompanhamento terapêutico, esse ímpeto criativo encontrou ressonância na música. Chevalier e Gheerbrant (2019, p. 627) destacam a função de psicopompo associada à música enquanto símbolo: "A música desempenha um papel mediador para alargar as comunicações até o limite do divino". Com efeito, no processo vivido com Remo a música desempenhou um papel de conexão importante, tanto no sentido de reconectá-lo com sua história como na possibilidade de vislumbrar algum futuro possível; uma linha de fuga ou possibilidade de subjetivação. Sob uma perspectiva mítica, esse potencial pode ser compreendido pela associação da música com Hermes e Apolo. Narra-se que Hermes inventou a música a partir de uma lira, feita com tripas e um casco de tartaruga, e a presenteou ao seu irmão Apolo. Hermes, conforme visto, é uma figura intimamente associada com a função psicopompo. Apolo, por sua vez, é uma figura complexa, vinculado às artes e às musas e também associado ao sol e ao pastoreio, quando seu símbolo pode ser compreendido como expressão da ponderação e de espiritualização; Apolo como "símbolo da vitória sobre a violência, do autodomínio no entusiasmo, da aliança entre paixão e razão" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2019, p. 67).

Portanto, considerando a associação com Hermes e Apolo, poder-se-ia compreender que a música apresentava para Remo uma possibilidade de domar a voracidade (anti-potência) de um inconsciente pujante e superar a atitude do lobo solitário, afirmando-se em seu potencial criativo e na construção daquele espaço mencionado por Ramos *et al.* (2005) onde a vida pode se desenvolver. A colaboração com o acompanhante-psicopompo mediada pela música representaria uma busca para superar a dimensão mortífera e destrutiva na qual se encontrava e estabelecer-se de maneira apolínea na vida. Simbolicamente, a transformação do uivo em música seguiria o rumo da transformação do uivo de Allen Ginsberg em poesia.

As ruínas de Remoria

A próxima imagem a ser explorada é a de Remoria. Conforme visto, o espaço era uma expressão importante da dimensão do quebrado enquanto forma pela qual Remo se relacionava com seu mundo interno e externo. Minha experiência naquele espaço e a fantasia sobre a relação dele com o apartamento evocou uma associação com uma cidade mítica, batizada como Remoria. Por certo, a apreensão da casa como espaço expressivo fornece uma perspectiva ampliada sobre a experiência daquele que habita e sua relação com a mundanidade, que transcende a justaposição material do espaço geometrizado: “Nessa comunhão dinâmica entre o homem e a casa [...] estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (BACHELARD, 1993, p. 62).

Desse modo, o apartamento-cidade ou casa-mundo apresenta-se como experiência de habitar, ou ainda, expressão da própria presença de Remo no mundo. Considerada sob essa perspectiva, Remoria não se apresentou como mera alegoria ou aproximação imagética; constituiu a própria experiência de meu habitar lá e, em alguma medida, do próprio Remo.

Mas a fenomenologia da imaginação não se pode contentar com uma redução que transforma as imagens em meios subalternos de expressão: a fenomenologia da imaginação sugere que vivamos diretamente as imagens, que as consideremos como acontecimentos súbitos da vida. Quando a imagem é nova, o mundo é novo (BACHELARD, 1993, p. 63).

Há várias imagens no decorrer do relato que compuseram o espaço-tempo denominado Remoria. Destaca-se para análise um momento particular, cuja expressão abarca em alguma medida as outras imagens. Trata-se da música que espontaneamente toquei em um encontro – no qual estava experimentando de maneira intensa aquele espaço – e que se assemelha a *Corridors of Time*. Como compreendê-la? De um lado, minha experiência lá remetia à Remoria como uma cidade etérea, um castelo no céu que havia sido abandonado; espaço paradoxalmente conectado e desconectado da mundanidade terrena – local pelo qual as almas deveriam passar, mas jamais ficar. Desse modo, enquanto corredor do tempo, Remoria seria um *entre*, espaço-tempo singular no qual ser e não-ser coexistem; simultânea destruição e criação que configura o espaço potencial por excelência. Todavia, entrelaçado com a qualidade *entre*, aquele espaço-tempo também comportava a dimensão do quebrado como elemento característico, o que se expressava na imagem de ruína e decaimento. Nesse sentido, Remoria poderia ser compreendida como um espaço-tempo intrauterino, oscilando entre uma gestação e um pós-

*termo*³³. Com efeito, essa oscilação também se expressava espacialmente e o contraste entre o spectral mortífero do quarto da mãe de Remo e a sensação reconfortante de seu próprio quarto pode ser compreendido sob essa perspectiva: o tempo criativo do inconsciente primordial e a fusão inconsciente com a *imago* materna que aprisiona e devora. Portanto, se Remo havia parado no tempo, seu apartamento representava um tempo-espço intrauterino que, apesar de criativo por natureza, estava adoecido pela dimensão do quebrado e da retenção prolongada aliada à violência implosiva.

E como seria possível superar a gestação *pós-termo* da cidade-mãe Remoria? Em contraste com o tempo materno aprisionador, haveria o esforço de constituir uma cidade-tempo masculina – Cronos – cuja finalidade não seria substituir ou superar a temporalidade de Remoria, mas precisamente aliar-se a ela no sentido de assegurar a continuidade do processo criativo do tempo gestativo. O tempo masculino, expresso imagetivamente pelas estradas e aquedutos temporais – e por que não em Roma? – também poderia ser associado à música, cuja função de reconexão com o passado e futuro apresenta uma temporalidade organizativa (cronológica). Portanto, entende-se que a *coniunctio* entre Remoria e Roma representaria uma reorganização e afirmação de outra presença no mundo, menos restrita para Remo em relação às suas possibilidades de conexão e deslocamentos; correlato espaço-temporal da transformação de seu uivo em música.

Afinal, por que Remo?

Reflete-se, por fim, sobre o sentido de nomear o rapaz que acompanhei como Remo, assim como denominar seus pais Amúlio e Réia. Embora Remo tenha surgido de maneira espontânea, isto é, antes de se considerar seu valor simbólico, naturalmente ele se encontrava referido ao mito de Rômulo e Remo. Qual então o sentido dessa associação, ou ainda, como esse mito pode ajudar na compreensão do caso relatado? Naturalmente, há diversas interpretações e elementos que poderiam ser ampliados e não se pretende uma análise exaustiva e unívoca do mito e seus elementos simbólicos. Visa-se considerar essa narrativa sob a perspectiva de aspectos da história que permitem uma maior compreensão sobre o caso de Remo.

Pondera-se de início sobre Rômulo e Remo. Chevalier e Gheerbrant (2019) sublinham como a figura dos gêmeos atravessa diferentes narrativas míticas e geralmente aparece

³³ Gestação *pós-termo* refere-se à uma gestação que dura além do período esperado, o que torna o ambiente intrauterino insalubre para o feto.

associada à união entre um mortal e uma divindade – como Réia e Marte. Tipicamente, a imagem dos gêmeos expressa a dualidade inerente ao ser humano e o conflito que deriva dessa ambivalência. Aproxima-se, nesse sentido, do processo autorregulatório da própria psique, na medida em que nesse contexto o conflito das polaridades atinge sua superação na possibilidade de integração – e conseqüente delimitação – do emergente inconsciente na consciência.

Sob essa perspectiva, Rômulo e Remo seriam polaridades de uma mesma criança cujo nascimento ocorre em um contexto de violência e disputas familiares, o que produz uma situação de orfandade. Nesse sentido, a imagem da loba que amamenta adquire uma dupla significação: de um lado, salienta a polaridade positiva desse símbolo, como o ímpeto criativo do espaço a ser desenvolvido, ao passo que, de outro, representa a captura da criança pelo inconsciente primitivo de seu contexto familiar – a atitude do lobo solitário descrita por Von Franz (1985).

O rapaz que acompanhei, embora não fosse órfão no sentido literal do termo, cresceu em uma situação de um conflito familiar importante e a partir dessa experiência teria adquirido a atitude de lobo solitário. Nota-se que a associação das polaridades dos gêmeos com sua origem sobrenatural e/ou incestuosa surgiu no caso a partir do questionamento de Remo sobre sua filiação a partir do jogo *Devil May Cry*, cujo protagonista era filho de uma mulher humana com um demônio. A dúvida sobre sua filiação era a própria expressão de sua posição no contexto familiar, no meio dessa briga, como ele próprio dizia. Por certo, Remo havia feito um esforço de diferenciar-se de sua família na adolescência – movimento psíquico pela independência. Contudo, não houve sustentação para esse movimento, seja pela própria fragilidade egóica, seja pelo contexto familiar que não fornecia o amparo para esse movimento: a voracidade materna que não suporta separação e o fracasso paterno em oferecer uma alternativa à retenção regressiva materna e que se mantém no inconsciente como desumanizado e agressivamente diabólico. Capturado pela dinâmica familiar, Remo introjetou e experimentou a licantropia de seus pais – incestuosamente retido na violência. O lobo solitário, portanto, surgiu como expressão e defesa psicótica de um rapaz entremeadado nas tensões familiares.

A fim de compreender as figuras parentais na amplificação realizada, questiona-se, de início, sobre a *imago* materna, expressa nas polaridades Réia-Loba. De um lado, o tempo-espaço *pós-termo* de Remoria, assim como seus relatos sobre os esforços frustrados de se separar de sua mãe – como no episódio no qual ele decide sair com um amigo para um bar ao invés de ficar com ela – apontam para a voracidade lupina da *imago* materna que o retém na inconsciência. De outro lado, há também Réia, que no mito é relegada ao terceiro plano e não é capaz de exercer sua maternidade. Ao considerar o rapaz que acompanhei, percebe-se que

essa polaridade nutriente e humanizada também se encontrava relegada. Réia enquanto uma maternidade continente aparecia em raras ocasiões, como na imagem que Remo trazia de sua mãe como alguém que sabia cozinhar e poderia alimentá-lo. Percebe-se, portanto, que a figura materna parecia comportar essa ambivalência – continência e voracidade.

Já no que se refere ao pai de Remo, entende-se que o mito fornece imagens que auxiliam na compreensão de sua dinâmica com seu filho a partir da dualidade entre os irmãos Amúlio e Numitor. De um lado, a raiva que sentia por Remo ao fusioná-lo com sua ex-mulher poderia facilmente ser comparada a Amúlio e seu desejo de destruir os filhos de Réia – que em algumas versões do mito são seus próprios filhos. De outro, o pai também expressava uma depressão importante e carregava a experiência de uma paternidade fracassada – Numitor que teve sua linhagem morta e seu trono destituído. Nessa perspectiva, a expressão "Amúlio" do pai encontrava-se imbricada com seu lado "Numitor", isto é, a raiva que tinha do filho talvez expressasse justamente sua frustração com uma criança que era testemunha de uma paternidade e um casamento falidos, assim como da impotência perante um adulto que não crescia e com o qual não sabia como se comunicar. Essa leitura foi endossada ao ouvir o relato que o homem fez de constituir uma nova família, com um filho que não fosse um fardo, como ele próprio afirmava. Remo, portanto, expressava para ele paradoxalmente a ameaça de destituição de um lugar de paternidade e o testemunho de uma destituição já ocorrida: Amúlio que receia perder o trono e mata a prole e Numitor que lamenta tê-lo perdido e chora pelos filhos mortos.

Por fim, como compreender o desfecho do mito em relação ao caso de Remo? Aqui certo embaraço se apresenta, na medida em que o mito de Rômulo e Remo é o mito de fundação de Roma, não de Remoria. Uma primeira leitura poderia sugerir que o assassinato de Remo por Rômulo seria expressão simbólica da elaboração e superação de uma parte de si mesmo, parte da jornada do herói que supera as tramas familiares e afirma-se de modo criativo na vida, fundando um espaço próprio para si – Roma. A chave para compreender esse processo se encontra na fala de Rômulo: "assim morrerá de agora em diante qualquer outro que ultrapassar as minhas muralhas" (LÍVIO, 2008, p. 49). Ao assassinar seu irmão, Rômulo teria sido capaz de domar a voracidade licantrópica que marcou a criação dos gêmeos e assumido uma atitude apolínea perante a vida – Apolo como "símbolo da vitória sobre a violência", como lembra Chevalier e Gheerbrant (2019, p. 67). Nessa perspectiva, Roma seria a expressão simbólica de cidade enquanto *coniunctio*, um espaço que se apresenta como símbolo de integração das polaridades opostas: integração entre o inconsciente e a consciência; individuação, ou diferenciação, seguindo a intuição de Nise sobre Spinoza (MELO, 2010).

Todavia, nosso Remo não fundou Roma, mas instituiu em seu apartamento um espaço-tempo denominado Remoria. Por certo, assim como Rômulo, ele também ergueu muros defensivos que procuravam protegê-lo da voracidade licantrópica de seu próprio inconsciente. Com efeito, ao introjetar a violência familiar, seu próprio inconsciente apresentava-se como destrutivo e ameaçador. As fortificações de Remoria, porém, em vez de fornecer continência à intensidade inconsciente que emergia, isolaram Remo com sua licantropia. Desprovido de um contato com o exterior, ele vivenciava a polaridade negativa do lobo, isto é, o *calcinatio*. Nessa perspectiva, dimensão do quebrado era a própria expressão de um inconsciente familiar tingido por voracidade, cujos efeitos destrutivos se expressavam materialmente e simbolicamente em Remoria e inclusive em si próprio – uma implosão passiva de uma psique fragmentada. Em contrapartida, essa violência inconsciente também adquiria expressão ativa, como no episódio no qual Remo agrediu seu pai, situação cuja consequência foi justamente o isolamento de Remo em seu apartamento. Portanto, paradoxalmente, Remo experimentava em Remoria tanto uma prisão – proteção de Amúlio e Réia da loucura familiar que havia sido depositada em Remo – quanto um esforço próprio de se proteger da intensidade psíquica de sua psicose. A própria temporalidade estática daquele espaço poderia ser compreendida como uma defesa contra a progressiva desagregação psíquica que se desdobrava, embora simultaneamente denunciasses a contínua ruína dessa mesma defesa. Portanto, poder-se-ia afirmar que em seu contexto familiar Remo havia sido *jogado para os lobos* e ao mesmo tempo trancado *como* um lobo, denotando a múltipla acepção do simbolismo do lobo.

O processo terapêutico pelo mito

As imagens e amplificações apresentadas permitem um aprofundamento na compreensão clínica sobre Remo e seu contexto familiar. Todavia, o mito e suas associações também oferecem uma perspectiva sobre o processo de acompanhamento terapêutico e relação acompanhante-acompanhado.

Analisa-se de início a entrada no caso, seu desenvolvimento, e como as imagens apresentadas auxiliam na compreensão do descompasso entre o português e a linguagem licantrópica que o caso exigia. Romano de nascença e criação, eu adentrava em um espaço com outra lógica de funcionamento, na qual a compreensão apolínea sobre o mundo encontrava pouca ressonância. Essa dissonância mobilizava certa apreensão e desconfiança em Remo, cujas possibilidades de compreender não estavam balizadas pelas significações comuns – como proteger Remoria dos invasores romanos? Um erro comum no trabalho com psicoses é o

engodo do terapeuta de acreditar que sabe algo sobre o que se passa. Por certo, havia nesse primeiro movimento um interesse *logos* por minha parte e um esforço de Remo em estruturar os elementos manifestos a partir dessa referência apolínea: uma demasia de espaço claro. Nessa perspectiva, o gesto intuitivo de acrescentar o violão como elemento cenográfico expressava a brecha no gradeamento romano; ação despropositada, sem necessidade de explicação e cuja finalidade em um primeiro momento era apenas um modo de lidar com o desconforto do descompasso. Houve, nesse sentido, a abdicação de um saber e a consequente possibilidade de espacializar-se sem delimitações claras (adentramento de um espaço escuro), o que permitiu uma nova forma de relação entre nós – intensificação do processo transferencial e a porosidade psíquica.

Nesse tempo-espaço intrauterino, nos defrontamos com a dualidade criativa e destrutiva de uma experiência psicótica. Por certo, a aliança mediada pela música e a relação transferencial estabelecida permitia a gestação de um futuro, a partir da elaboração e reconexão de Remo com sua história e vida. Entretanto, o adentramento no espaço escuro também implicava o contato com uma experiência *pós-termo* e licantrópica. Houve a intensificação do contato com a dimensão do quebrado que marcava a vivência de Remo e as fantasias de interrupção, embora em alguma medida intuitivas e acertadas, expressavam também meu medo frente à violência e à voracidade que atravessavam o caso. Sob esta ótica, a cena na qual a porta me separa da loucura de Remo adquire uma dupla acepção. De um lado, expressava justamente o receio de um contato desnudado com a psicose, cuja pujança inconsciente comportava uma destrutividade. Todavia, a cena também era representação de uma temporalidade própria dos processos gestacionais, de modo que a antecipação prematura de uma vivência no trabalho poderia ser disruptiva para Remo; a consciência e a luz também matam e o mito expressa os riscos de se atravessar muros imprudentemente. Portanto, havia o desafio de habitar o *entre* que o acompanhamento terapêutico suscitava, envolvendo-se na criação e destruição sem ser consumido pelo furor apolíneo da primeira ou pela voracidade licantrópica da segunda.

Por fim, reflete-se sobre a interrupção do trabalho. Esse processo foi acompanhado pela emersão de três músicas que de alguma maneira se relacionavam com o desfecho que estaria por vir. *Time*, do Pink Floyd, versa sobre o tempo que sempre é insuficiente e o esforço que se faz para assegurar o tempo que resta. Conforme apresentado no relato, havia certa intuição inconsciente do processo de interrupção que se mobilizava e o surgimento dessa música em meus pensamentos era expressão dessa intuição. Similar leitura pode ser feita sobre *Outside the Wall*, da mesma banda. Entretanto, aqui cabe aprofundar na imagem que essa música oferece. Retoma-se a letra:

Sozinhos, ou em pares / Aqueles que realmente te amam / Andam de um lado para o outro fora do muro / Alguns de mãos dadas / E outros juntos em grupos / Os sensíveis e os artistas / Tomam suas posições / Alguns cambaleiam e caem, afinal não é fácil / Bater seu coração contra o muro de um louco [tradução nossa]³⁴

Qual é a imagem apresentada? A música faz referência ao esforço dos sensíveis e dos artistas (*the bleeding hearts and the artists*) em superar o muro que os separa de um louco. Considerando a análise empreendida, é notável como a música desempenhou uma função de aproximação com Remo e apresentou-se como possibilidade de subjetivação. Ao mesmo tempo, o muro se evidencia como imagem no mito de Rômulo e Remo e na própria associação com a fundação de Roma e Remoria. Em ambas as imagens, o muro expressa uma separação, que exerce simultaneamente uma função de proteção e de isolamento. Em *Outside the Wall*, o muro surge como o grande obstáculo entre os artistas e o louco e, similarmente, no álbum do qual a música faz parte, essa imagem aparece referida à experiência de introversão afetiva e insegurança no contato com os outros e com o mundo.

Nessa perspectiva, *Outside the Wall* sintetizava o processo de acompanhamento terapêutico. Minha presença, em conjunto com a música, visava superar a comunicação cortada que Remo havia estabelecido com o mundo. Seu desejo expresso de conversar com alguém – *conversatio* – apontava nessa direção e havia um esforço para criar algo inédito em sua vida. Todavia, a interrupção atualizou a dimensão do quebrado que imperava na vida de Remo, o que ratificou em mim a violência que instituiu Remoria e me colocou em uma posição de impotência. A psicotização de Remo em decorrência da interrupção foi seu uivo de desespero, espelhado em minha dor, de alguém que não conseguiu se despedir.

Fim trágico, por certo. Contudo, deve-se questionar se não seria um equívoco tomar a interrupção como o final do processo. O mito que termina com o assassinato de Remo é o da fundação de Roma e encerrar a análise nesse ponto seria desconsiderar o processo em aberto que o trabalho acompanhava. Acompanhar também é vislumbrar futuros possíveis e nesse sentido sustenta-se a indagação: como prosseguiria o mito de Remo? Seria a interrupção seu fim trágico, assassinado por um mundo romano incapaz de comportá-lo? Ficaria ele eternamente em Remoria ou como ele próprio dizia, “ficar o resto da vida em um hospital”? O mito de Remo ainda vive e se não posso saber sua continuação, posso ao menos imaginá-la.

³⁴ No original: *All alone, or in two's / The ones who really love you / Walk up and down outside the wall / Some hand in hand / And some gathered together in bands / The bleeding hearts and the artists / Make their stand / And when they've given you their all / Some stagger and fall, after all it's not easy / Banging your heart against some mad bugger's wall.*

Entre Roma e Remoria: mundos possíveis?

Parte do acompanhamento terapêutico é permitir-se sonhar com perspectivas futuras para os acompanhados. Durante o acompanhamento com Remo, assim como na escrita desta dissertação, era tomado pela fantasia dos rumos que o caso poderia ter seguido. O que se apresenta, pois, é justamente esse livre exercício da fantasia, embora respaldado na análise desenvolvida.

O que poderia ser engendrado? A resposta fácil seria afirmar que Remo se tornaria Rômulo. Conforme visto, Rômulo seria a contrapartida de Remo, capaz de domar a voracidade licantrópica e afirmar-se de maneira apolínea na vida. Todavia, aqui cabe questionar-se: seria Roma somente o símbolo da vitória sobre a violência? Em parte considerável berço do Ocidente, o Império Romano, em que pese suas conquistas no campo da tecnologia e da cultura, foi também uma civilização da guerra e da conquista: *Veni, vidi, vici*, já dizia Júlio César. Nessa perspectiva, não seria Roma precisamente a perversão de Apolo, isto é, a vitória pela violência? Rômulo funda Roma junto ao assassinato de seu irmão e ao reprimir a voracidade licantrópica que Remo representava, ele assegurou sua manutenção inconsciente – a voracidade da conquista que desconhece limites. Rômulo sem Remo representaria também o imperativo *logos*-patriarcal que marca a cultura ocidental: o império da razão cuja falta de contrapartida e desconhecimento de limites produziu das mais diversas atrocidades. O símbolo de Apolo, portanto, haveria sido pervertido pelo Ocidente, o que faz com que Chevalier e Gheerbrant (2019) assinalem a este respeito como autores como Nietzsche compreenderam equivocadamente essa imagem ao apreendê-la a partir de sua representação ocidentalizada.

Por esta razão, talvez seja mais instigante pensar como Remo e Remoria poderiam continuar existindo, ou ainda como poderiam tornar-se também Rômulo e Roma sem deixar de ser Remo e Remoria. O que isso significa? Significa que Remo é também – e sempre foi – Rômulo, se considerarmos os gêmeos como expressões de uma dualidade interna do rapaz. Nessa perspectiva, "tornar-se Rômulo" seria algo irreal como desejar que ele se tornasse alguém que não se é ou negar parte de si – equívoco frequente no tratamento de psicóticos. Tornar-se quem se é exige do sujeito a confrontação consigo mesmo e Remo necessitaria ser ele próprio para transformar sua situação e criar algo inédito. O processo de individuação exige o sujeito de maneira integral, como bem lembra Jung (2013h[1934], p. 199):

Mas quem não puder perder a sua vida, também não a ganhará [...] A formação da personalidade é sempre um risco, e é trágico que justamente o demônio da voz interior signifique simultaneamente o perigo máximo e o auxílio indispensável. Trágico, mas lógico. É assim por natureza.

Destarte, Remo não poderia simplesmente tornar-se Rômulo, na medida em que isso significaria o assassinato de si mesmo. A existência de Remo é justamente a testemunha da insuficiência de um mundo romano e negá-la seria aceder ao furor licantrópico de um Rômulo regido pelo poder. O rapaz que acompanhei não poderia, pois, negar o ímpeto pujante e destrutivo de seu inconsciente, mas justamente necessitaria confrontá-lo, sem devorá-lo – como Rômulo – ou ser devorado – como Remo. Desse modo, ele haveria de criar uma maneira inédita e genuína de ser, simultaneamente preservando a si mesmo e integrando-se em uma totalidade maior. A cidade *coniunctio*, portanto, não seria nem Roma nem Remoria, mas algo novo, inédito, que surgiria a partir da composição que Remo fizesse com sua música uivante. Enquanto algo inédito, não cabe a mim delimitar ou definir – *dar um fim*.

Por fim, não se pode encerrar sem considerar a música que levou ao título desta dissertação: *Time in a Bottle*, de Jim Croce. Muito do que se poderia associar com a música já foi feito, seja em relação ao tempo engarrafado enquanto temporalidade *pós-termo* e gestacional, seja no que se diz respeito à intuição sobre a interrupção do trabalho; lembrete gentil do compositor. Desse modo, o aspecto que se destaca no momento concerne à imagem do tempo engarrafado enquanto preservação de um momento. Por que escrevo sobre este caso? O processo de escrever sobre o acompanhamento terapêutico e analisá-lo mobilizou uma intensidade afetiva importante e me permitiu elaborar a experiência vivida. Ao mesmo tempo, refletir sobre este trabalho me deu sustentação para continuar minha prática e me permitiu perceber que, até em casos com interrupções amargas, minha presença planta sementes. Há de existir alguma semente em Remo, cuja história para sempre terá a marca da autenticidade de nosso encontro e da história que vivemos; por certo, há experiências cujo valor decorre da própria existência, independentemente de sua costura com a história. A última dessas sementes, este próprio texto, pode germinar e auxiliar a mim e a outros que se depararem com Remos durante seus percursos. Portanto, talvez a própria dissertação seja um tempo engarrafado; preservação de um momento muito especial por meio das palavras que escrevo. É verdade que nunca há tempo suficiente, mas também o é que as palavras perpetuam esse tempo, para sempre acessível àquele que o buscar.

9. TEMPO QUE SE ENGARRAFA E TEMPO QUE SE JORRA: OS FINS E OS COMEÇOS

*Drão, o amor da gente é como um grão
Uma semente de ilusão
Tem que morrer pra germinar plantar n'algum lugar
Ressuscitar no chão nossa semente
Gilberto Gil (1982)*

O texto chega ao seu fim e para encerrá-lo retorna-se agora ao seu início: o "sim" que responde à pergunta "Qual sua relação com a loucura?". Estariam o autor e o leitor em melhor condição de compreender essa resposta a partir do que foi exposto? Há muito que pode ser refletido sobre essa afirmativa e não haveria condição de abordá-la em sua totalidade no curto espaço e tempo que resta. Desse modo, embora finais, as considerações aqui apresentadas devem ser tomadas como *drão* – imagem gentil de Gilberto Gil que revela encerramentos que germinam novos começos.

O acompanhamento terapêutico surge em um contexto histórico de crítica às práticas clínicas e discursivas no campo da saúde mental e filia-se, nesse sentido, ao incômodo geracional frente a brutalidades e violências exercidas no controle dos sujeitos considerados insanos. Fundamentalmente político, o acompanhamento terapêutico visa, pois, a restituição desses sujeitos na *polis* – público – e a conseqüente transformação do corpo social para torná-lo mais permeável às diferenças que essas subjetividades expressam. A civilização ocidental, romana por nascença, constituiu-se mítica e historicamente pelo assassinato exclusão de diferenças, desde Remo personagem ao Remo acompanhado. Sob esse prisma, a lógica manicomial não é original e apresenta-se como desdobramento de uma longa cadeia de regimentos de controle, exclusão e dominação. Não é por acaso que muitos dos que lutaram no campo da saúde mental compartilhavam trincheiras em outros campos – a própria Nise da Silveira foi perseguida e presa pelo governo Vargas por ousar sonhar uma sociedade mais justa. Aquele que se dispõe a acompanhar, destarte, não o faz somente em nome da loucura, mas justamente em defesa daquilo que a loucura representa em sua radicalidade: a diferença.

Portanto, o "sim" que responde ao questionamento mira a afirmação da existência da diferença. Em oposição aos muros que separam e isolam, aos conceitos que engessam e deturpam e às práticas que violentam e constroem – negações da existência em sua riqueza e pluralidade –, há a afirmação daquilo que pede passagem, o apoio às expressões que clamam por existirem e acompanhamento das processualidades que afirmam a vida em sua potência criativa, inclusive no *drão* que ela comporta. O Acompanhamento Terapêutico transcende a si

mesmo e enquanto função da vida, pode germinar em toda e qualquer relação. Acompanhar, portanto, é saber que a vida é feita de fins e começos, com a tranquilidade de viver os primeiros, umedecendo o solo com a tristeza que os acompanha, e a sabedoria de cultivar os segundos, com a vitalidade que os enseja; é amar, esperar e semear novos futuros.

REFERÊNCIAS

- A CASA, Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia (org.). **A Rua como Espaço Clínico: acompanhamento terapêutico**. São Paulo: Escuta, 1991.
- A CASA, Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Instituto (org.). **Crise e Cidade: acompanhamento terapêutico**. São Paulo: Educ, 1997.
- ABRAMOVITCH, Yehuda. Jung's understanding of schizophrenia: is it still relevant in the era of the brain?. **Journal Of Analytical Psychology**, [S.L.], v. 59, n. 2, p. 229-244, 27 mar. 2014. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/1468-5922.12071>.
- ALBERTI, Sonia; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; BETEILLE, Irene Moura; RODRIGUES, Sonia Wan Der Maas; MARTINEZ, Carla Renata Braga de Souza. O Acompanhamento Terapêutico e a psicanálise: pequeno histórico e caso clínico. : pequeno histórico e caso clínico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 128-141, mar. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n1p128.9>.
- ALMEIDA, Beatriz Helena Martins de. A mulher que não existe no laço social: um caso de paranóia. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 10, n. 19, p. 122-131, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARCELLOS, Gustavo. **O Irmão: psicologia do arquétipo fraterno**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETTO, Kleber Duarte. **Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico: Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança**. São Paulo: Dobra Editorial, 2012.
- BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- BINSWANGER, Ludwig. **Três Formas da Existência Malograda: Extravagância, Excentricidade, Amaneiramento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. (Psyche). Tradução de: Guido A. de Almeida.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O MÉTODO DA REVISÃO INTEGRATIVA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **Gestão e Sociedade**, [S.L.], v. 5, n. 11, p. 121, 2 dez. 2011. Revista Gestao e Sociedad. <http://dx.doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega: Volume II**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <Disponível em: <http://bit.ly/2fmmKeD> >.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicopatologia Simbólica Junguiana: Um Estudo do Mal e da Ameaça da Autodestruição da Nossa Espécie**. São Paulo: Edição do autor, 2017.

CANEPA, Adriana. (DES)CAMINHOS DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO. Em: GERAB, Cristiana; FARES, Márcia; BONOMI, Tomás (org.). **Clínica em trânsito: acompanhamentos terapêuticos**. São Paulo: Escuta, 2018.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

CROCE, Jim. **Time in a bottle**. New York: ABC records, 1973.

FÉDIDA, Pierre. **Crise et contre-transfert**. Paris: PUF, 1991.

FERENCZI, Sándor. **Elasticidade da técnica psicanalítica**. 1987[1927].

FERREIRA, Ademir Pacelli. Migração, rupturas psíquicas e espaços terapêuticos. **Psicologia USP**, [s.l.], v. 26, n. 2, p. 193-198, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564d20140013>.

FISHER, Mark. **Capitalist Realism: Is There No Alternative?**. Winchester: O Books, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FRAYZE-PEREIRA, João A.. DA ARTE DE INTERPRETAR O PACIENTE COMO OBRA DE ARTE. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 73, p. 133-144, dez. 2007

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial. Em: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. (J. Salomão trad., Vol. 12, pp. 175-188). Rio de Janeiro: Imago, 2006 [1915].

FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia ("O caso Schreber"). In: **Obras Completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")**, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1911].

GERAB, Cristiana Kehdi; BERLINCK, Manoel Tosta. Considerações sobre o enquadre na clínica do AT. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 88-105, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

GERAB, Cristiana; FARES, Márcia; BONOMI, Tomás (org.). **Clínica em trânsito: acompanhamentos terapêuticos**. São Paulo: Escuta, 2018.

GIL, Gilberto. **Drão**. Rio de Janeiro: Warner, 1982. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LAsAYoZ0aKs>. Acessado em: 12/11/2021

GINSBERG, Allen. **Howl and other poems**. San Francisco: City light Books, 1959.

GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

GUERRA, Andréa Máris Campos; MILAGRES, Andréa Franco. quantos paus se faz um acompanhamento terapêutico?: contribuições da psicanálise a essa clínica em construção. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 10, n. 19, p. 60-83, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020

GULASSA, Daniel. O acompanhamento terapêutico como multiplicador de egos auxiliares. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo , v. 26, n. 1, p. 76-85, jun. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932018000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020. <http://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.20180003>.

HALICARNASSO, Dionísio. **Roman Antiquities: books 1-2**. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

HARRIS, Joshua D.; QUATMAN, Carmen E.; MANRING, M.M.; SISTON, Robert A.; FLANIGAN, David C.. How to Write a Systematic Review. **The American Journal Of Sports Medicine**, [S.L.], v. 42, n. 11, p. 2761-2768, 7 ago. 2013. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0363546513497567>.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HERMANN, Maurício Castejón. O significante e o real na psicose: ferramentas conceituais para o acompanhamento terapêutico. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 10, n. 19, p. 132-153, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

HILL, John. One Home, Many Homes: translating heritages of containment. In: BENNETT, Pramila (ed.). **Facing Multiplicity: psyche, nature, culture**. Einsiede In: Daimon Verlag, 2012. p. 35-47.

JONES, Raya A. Psychological Value and Symbol Formation. **Theory & Psychology**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 233-254, abr. 2001. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0959354301112005>.

JONES, Raya A. The Stream Of Desire And Jung's Concept Of Psychic Energy. **The Ecstatic And The Archaic**, [S.L.], p. 19-27, 15 mar. 2018. Routledge. <http://dx.doi.org/10.4324/9780203733332-2>.

JUNG, Carl G. A psicologia da transferência. Em: **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**: OC 16/2. Petrópolis: Vozes, 2012 [1946].

JUNG, Carl G. A Psicologia da *dementia praecox*: um ensaio. Em: **Psicogênese das doenças mentais**: OC 3. Petrópolis: Vozes, 2013a [1907].

JUNG, Carl G. O conteúdo da psicose. Em: **Psicogênese das doenças mentais**: OC 3. Petrópolis: Vozes, 2013a [1908].

JUNG, Carl G. O problema da psicogênese nas doenças mentais. Em: **Psicogênese das doenças mentais**: OC 3. Petrópolis: Vozes, 2013a [1919].

JUNG, Carl G. A psicogênese da esquizofrenia. Em: **Psicogênese das doenças mentais**: OC 3. Petrópolis: Vozes, 2013a [1939].

JUNG, Carl G. A esquizofrenia. Em: **Psicogênese das doenças mentais**: OC 3. Petrópolis: Vozes, 2013a [1958].

JUNG, Carl G. **Tipos Psicológicos**. OC 6. Petrópolis: Vozes, 2013b [1921].

JUNG, Carl G. **A energia psíquica**. OC 8/1. Petrópolis: Vozes, 2013c [1928].

JUNG, Carl G. “Instinto e inconsciente”. Em: **A natureza da psique**. OC 8/2. Petrópolis: Vozes, 2013d [1919].

JUNG, Carl G. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. Em: **A natureza da psique**. OC 8/2. Petrópolis: Vozes, 2013d [1934].

JUNG, Carl G. A função transcendente. Em: **A natureza da psique**. OC 8/2. Petrópolis: Vozes, 2013d [1938].

JUNG, Carl G. Sobre o Inconsciente. Em: **Civilização em transição**. OC 10/3. Petrópolis: Vozes, 2013e [1918].

JUNG, Carl G. Comentário psicológico sobre o Livro Tibetano da Grande Libertação. Em: **Psicologia e religião oriental**. OC 11/5. Petrópolis: Vozes, 2013f [1954].

JUNG, Carl G. Os objetivos da psicoterapia. Em: **A prática da psicoterapia**: OC 16/1. Petrópolis: Vozes, 2013g [1929].

JUNG, Carl G. O desenvolvimento da personalidade. Em: **O desenvolvimento da personalidade**: OC 17. Petrópolis: Vozes, 2013h [1934].

JUNG, Carl G. Fundamentos da Psicologia Analítica. Em: **A vida simbólica**. OC 18/1. Petrópolis: Vozes, 2013i [1935].

JUNG, Carl G. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo. Em: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. OC 9/1. Petrópolis: Vozes, 2014 [1934].

LACAN, Jacques-Marie. **As psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 [1955].

LAINING, Ronald. **The Divided Self**. London: Penguins Books, 1990

LAINING, Ronald. **The Politics of the Family**. Toronto: House of Anansi Press, 1993.

LAINING, Ronald; ESTERSON, Aaron. **Sanity, Madness and the Family**: families of schizophrenics. London: Routledge, 2017.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo; BRAGA, Lucas Henrique. O acompanhamento terapêutico na perspectiva lacaniana: contribuições para uma clínica em construção. **Rev. Estud. Lacan.**, Belo Horizonte , v. 3, n. 4, p. p-pp, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

LÍVIO, Tito. **História de Roma** – Livro I: A monarquia / *Ab Vrbe Condita, liber I*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Hermes and his children**. Einsiedeln: Daimon Verlag, 1989.

MAIA, Suzana Magalhães. O acompanhamento terapêutico como uma técnica de manejo. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo , v. 10, n. 18, p. 29-40, set. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020

MAIAKOVSKI, Vladimir. **Poemas**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MAUER, Susana Kuras de; RESNIZKY, Silvia. **Acompanhantes Terapêuticos e Pacientes Psicóticos**. Campinas: Papyrus, 1987.

MELO, Walter. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Imago; DF: CFP, 2001.

MELO, Walter. **O Terapeuta como Companheiro Mítico**: Ensaios de Psicologia Analítica. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2009a.

MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. **Mnemosine**, S.I, v. 5, n. 2, p. 30-52, jan. 2009b.

MELO, Walter. Apaixonados pelo Infinito: nise da silveira, contemporânea de spinoza. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 5, n. 1, p. 227-237, ago. 2010.

MELO, Walter; FERREIRA, Ademir Pacelli. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 16, n. 4, p. 555-569, Dec. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000400005&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000400005>.

MENDES, Denis Canal. **O Psicopompo e a Clínica Ampliada**: uma jornada pelos campos da psicose, do acompanhamento terapêutico e da psicologia junguiana. São Paulo: Dobradura Editorial, 2018.

MENDES, Karina Dal Sasso *et al.* Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**, 17(4), 758–764, 2008.. <https://doi.org/10.1590/s0104-07072008000400018>

METZGER, Clarissa. Contornos e fragmentação do eu na psicose: reflexão a partir do acompanhamento terapêutico de uma adolescente. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo , v. 10, n. 18, p. 41-52, set. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

MINKOWSKI, Eugène. **Lived Times: Phenomenological and Psychopathological Studies**. Evaston, Illinois: Northwestern University Press, 1970.

MORAIS, Lauro Iane de. UMA BREVE INTRODUÇÃO AO PARADOXO DE RUSSELL: o que ele é, como ele afetou o sistema fregeano e sua possível solução. **O Manguelzal – Revista de Filosofia**, S.I, v. 1, n. 2, p. 32-41, jan. 2018.

NAFFAH NETO, Alfredo; CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa. PARADOXO, NOITE E MISTÉRIO: os labirintos da pesquisa psicanalítica. In: KUBLIKOWSKI, Ida; KAHHALE, Edna Maria Severina Peters; TOSTA, Rosa Maria. **Pesquisas em psicologia clínica**: contexto e desafios. São Paulo: Educ, 2019. p. 13-33.

NETO, Mauricio; DIMENSTEIN, Magda. Experiência de Acompanhamento Terapêutico: do hospital à cidade. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 11, n. 2, p. 489-498, dez. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

PEIXEIRO, Maíra Humberto. A clínica do acompanhamento terapêutico: intervenções quando a recusa toma a cena. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo , v. 10, n. 18, p. 67-80, set. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

PELBART, Peter Pál. **A Nau do Tempo Rei**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PERRY, John Weir. **The Self in the psychotic process**. Washington: Spring Publications, 1987.

PERRY, John Weir. **The Far Side of Madness**. 3a. ed. Washington: Spring Publications, 2020.

PESSANHA, Juliano Garcia. Nascer para dentro, nascer para fora: a mãe. Em: GERAB, Cristiana; FARES, Márcia; BONOMI, Tomás (org.). **Clínica em trânsito**: acompanhamentos terapêuticos. São Paulo: Escuta, 2018.

PINK FLOYD. **Time**. London: Harvest records, 1979.

PINK FLOYD. **Outside the wall**. London: Harvest records, 1979.

PORTO, Maurício. A pólis arquipélago: notas do acompanhamento terapêutico. : notas do acompanhamento terapêutico. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 2-8, 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822013000600002>.

PORTO, Maurício. **Acompanhamento Terapêutico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

QUAGLIATTO, Helga de Souza Machado; SANTOS, Ricardo Gomides. Psicoterapia psicanalítica e acompanhamento terapêutico: uma aliança de trabalho. : uma aliança de trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 74-81, mar. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932004000100009>.

RAMOS, Denise et al. **Os animais e a psique, volume 1**: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

ROLNIK, Suely. CLÍNICA NÔMADE. In: A CASA, Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Instituto (org.). **Crise e Cidade**: acompanhamento terapêutico. São Paulo: Educ, 1997.

RONNBERG, Ami; MARTIN, Kathleen (ed.). **The Book of Symbols**: reflections on archetypal images. Köln: Taschen, 2010.

ROSIQUE, María Teresa; GONZALEZ DE VEGA, Carmen; SANZ, Teresa. Acompañamiento terapêutico: práctica y clínica en un hospital psiquiátrico. **Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.**, Madrid , v. 34, n. 123, p. 583-587, 2014 . Disponible en <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0211-57352014000300010&lng=es&nrm=iso>. accedido en 13 jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.4321/S0211-57352014000300010>.

SANTOS, Ricardo Gomides (org.). **Textos, texturas e tessituras no acompanhamento terapêutico**. São Paulo: Hucitec, 2006.

SERENO, Deborah. **O acompanhamento terapêutico como dispositivo transdisciplinar de articulação na cidade a cena no AT**. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SHALIT, Erin. **The Complex**: Path of Transformation from Archetype to Ego. Toronto: Inner City Books, 2002.

SILVA, Dami; SILVEIRA, Ricardo Wagner Machado. Devires e drivers da clínica: acontecimentos no acompanhamento terapêutico. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte , v. 6, n. 1, p. 71-89, jun. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

SILVA, Dami; PROCHNO, Caio César Souza Camargo; SILVEIRA, Ricardo Wagner Machado. Encontros, derivas e intercessores em um acompanhamento terapêutico. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 22, n. 3, p. 596-612, dez. 2016 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682016000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N3P596>.

SILVEIRA, Nise da (org.). **Casa das Palmeiras: a emoção de lidar – uma experiência em psiquiatria**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVERSTEIN, Steven M.. Jung's views on causes and treatments of schizophrenia in light of current trends in cognitive neuroscience and psychotherapy research I. Aetiology and phenomenology. **Journal Of Analytical Psychology**, [S.L.], v. 59, n. 1, p. 98-129, 27 jan. 2014. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/1468-5922.12057>.

SLOTEDIJK, Peter. **Esferas I: bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SÓFOCLES. **Rei Édipo e Antígona: tragédias gregas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação: uma introdução concisa**. São Paulo: Cultrix, 2020.

TATOSSIAN, Arthur. **A Fenomenologia das Psicoses**. São Paulo: Escuta, 2006.

TOSTA, Luana Rodrigues de Oliveira; SILVA, Thaysa Brinck Fernandes. Duas nômades e inúmeras rotas: cartografias de um processo em acompanhamento terapêutico. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 80-95, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

TOSTA, Rosa Maria. O FAZER DO PESQUISADOR E A PESQUISA PSICANALÍTICA. In: KUBLIKOWSKI, Ida; KAHHALE, Edna Maria Severina Peters; TOSTA, Rosa Maria. **Pesquisas em psicologia clínica: contexto e desafios**. São Paulo: Educ, 2019. p. 285-304.

VARELLA, Maria do Rosário Dias; LACERDA, Fernanda; MADEIRA, Michelângela. Acompanhamento terapêutico: da construção da rede à reconstrução do social. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 129-140, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A Sombra e o Mal nos Contos de Fada**. São Paulo: Paulus, 1985.

WAHBA, Liliana Liviano. ENTRE O UNIVERSAL E O PARTICULAR: a subjetivação simbólica no método junguiano. In: KUBLIKOWSKI, Ida; KAHHALE, Edna Maria Severina Peters; TOSTA, Rosa Maria. **Pesquisas em psicologia clínica: contexto e desafios**. São Paulo: Educ, 2019. p. 173-195.

WANDERLEY, Lula. **O dragão pousou no espaço: arte contemporânea, sofrimento psíquico e o Objeto Relacional de Lygia Clark**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

YAGIU, Hailton. Reflexões sobre o enquadre no acompanhamento terapêutico. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo , v. 10, n. 18, p. 91-100, set. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZIZEK, Slavoj. **Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético**. São Paulo: Boitempo, 2013.